



Efectivos animais

4. EFECTIVOS ANIMAIS

4.1. Bovinos

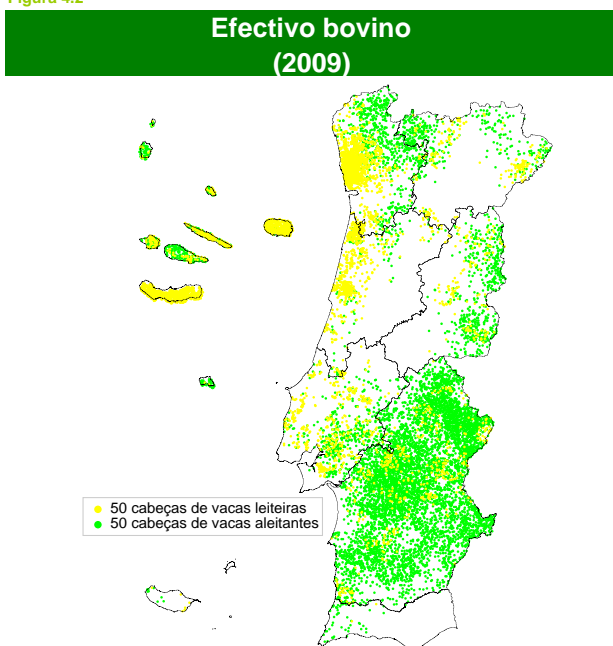
Figura 4.1

| Efectivo bovino, por região (2009) | | | | | | | | |
|------------------------------------|------------------|-----|-----------|-----|-----------------|-----|---------|-----|
| Regiões | Total de Bovinos | | | | Vacas Leiteiras | | | |
| | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) |
| Portugal | 50 035 | 100 | 1 430 285 | 100 | 10 447 | 100 | 278 416 | 100 |
| Continente | 41 279 | 83 | 1 177 019 | 82 | 7 060 | 68 | 185 645 | 67 |
| EDM | 19 370 | 39 | 260 772 | 18 | 2 726 | 26 | 92 488 | 33 |
| TM | 5 286 | 11 | 64 502 | 5 | 951 | 9 | 10 488 | 4 |
| BL | 8 196 | 16 | 90 583 | 6 | 2 191 | 21 | 32 549 | 12 |
| BI | 2 059 | 4 | 61 844 | 4 | 688 | 7 | 7 418 | 3 |
| RO | 2 049 | 4 | 136 006 | 10 | 301 | 3 | 21 291 | 8 |
| ALE | 4 013 | 8 | 555 390 | 39 | 183 | 2 | 21 285 | 8 |
| ALG | 306 | 1 | 7 922 | 1 | 20 | 0 | 126 | 0 |
| Açores | 7 767 | 16 | 248 763 | 17 | 3 279 | 31 | 92 381 | 33 |
| Madeira | 989 | 2 | 4 503 | 0 | 108 | 1 | 390 | 0 |

Em 2009, 16% das explorações recenseadas cerca de 50 mil explorações, tinham bovinos, totalizando o efectivo 1 430 mil cabeças. A produção bovina tem maior expressão no Alentejo, que conta com 39% do efectivo nacional, quase exclusivamente dirigido para

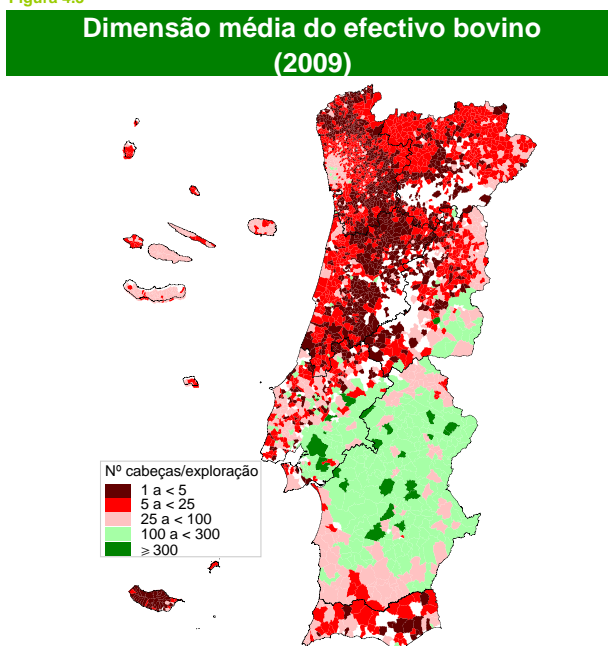
a produção de carne, seguindo-se as regiões do país predominantemente leiteiras - Entre Douro e Minho (18%) e os Açores (17%), que no seu conjunto concentram mais de 2/3 do efectivo leiteiro de Portugal.

Figura 4.2



O efectivo leiteiro, presente em 21% das explorações com bovinos, representa 20% do efectivo total. As regiões de Entre Douro e Minho, Açores e Beira Litoral detêm, no seu conjunto, mais de 3/4 do efectivo leiteiro nacional.

Figura 4.3



O efectivo bovino médio por exploração é de 28,6 cabeças apresentando, no entanto, variações regionais consideráveis: enquanto na Madeira a dimensão média não ultrapassa as 4,6 cabeças, no Alentejo é evidente a concentração do efectivo bovino nas grandes explorações (138,4 cabeças/exploração).

A dimensão média do efectivo bovino alterou-se significativamente nos últimos dez anos. De facto e por comparação com 1999, a dimensão mais do que duplicou, passando das 13,8 cabeças/exploração em 1999 para 28,6 em 2009.

A dimensão média do efectivo leiteiro na exploração é de 26,7 cabeças, ligeiramente inferior à média do efectivo total. No entanto, analisando as três regiões onde se concentra a produção de leite, no Entre Douro e Minho, principal região produtora, as explorações leiteiras apresentam uma dimensão média do efectivo de 33,9 cabeças, muito superior à das explorações com bovinos (13,5 cabeças/exploração) e o triplo da apresentada em 1999, que era de 10,9 vacas/exploração.

Figura 4.4

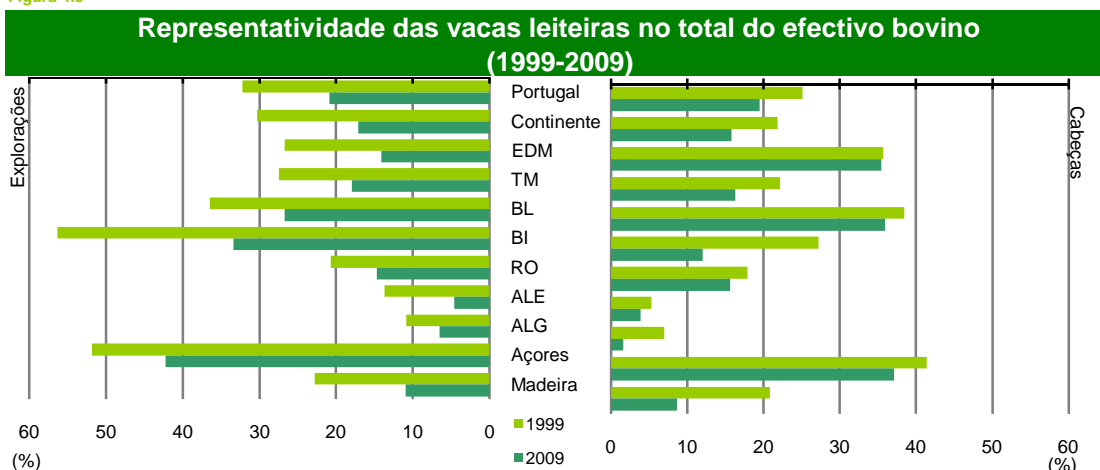
Dimensão média do efectivo bovino, por região (1999-2009)

Unidade: Nº Cab./Expl.

| Regiões | Total de Bovinos | | Vacas Leiteiras | |
|-------------------|------------------|-------|-----------------|-------|
| | 1999 | 2009 | 1999 | 2009 |
| Portugal | 13,8 | 28,6 | 10,8 | 26,7 |
| Continente | 12,9 | 28,5 | 9,3 | 26,3 |
| EDM | 8,1 | 13,5 | 10,9 | 33,9 |
| TM | 7,5 | 12,2 | 6,0 | 11,0 |
| BL | 6,4 | 11,1 | 6,8 | 14,9 |
| BI | 8,8 | 30,0 | 4,3 | 10,8 |
| RO | 34,3 | 66,4 | 29,6 | 70,7 |
| ALE | 81,6 | 138,4 | 31,7 | 116,3 |
| ALG | 13,3 | 25,9 | 8,6 | 6,3 |
| Açores | 24,1 | 32,0 | 19,3 | 28,2 |
| Madeira | 2,2 | 4,6 | 2,0 | 3,6 |

A Beira Litoral teve também uma evolução significativa da dimensão média face a 1999, destacando-se no entanto por apresentar, entre as 3 regiões, a menor dimensão média do efectivo, que não ultrapassa as 15 vacas leiteiras por exploração. A evolução menos acentuada foi nos Açores, talvez porque sendo exploradas em regime extensivo, não sofreram tanto o impacto do custo dos factores de produção como no Continente e também pelo facto das explorações já terem em 1999 uma das maiores dimensões médias do efectivo leiteiro.

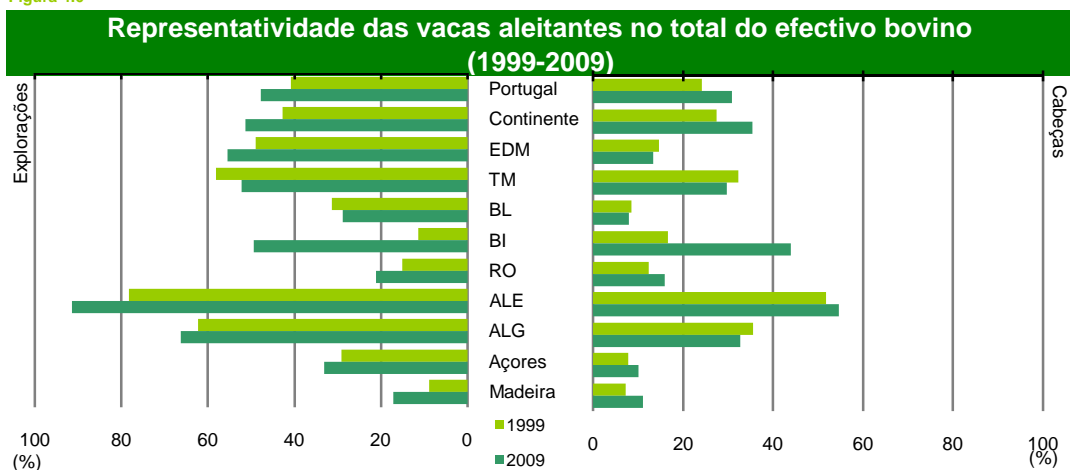
Figura 4.5



Para esta evolução contribuiu a reorientação da agricultura nacional para sistemas pecuários de produção de carne cada vez mais extensivos e o agravamento dos custos dos factores de produção dos

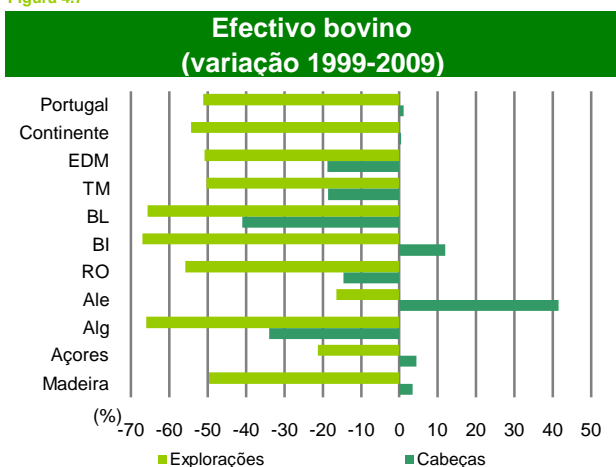
sistemas de produção leiteiros, sem contrapartida no preço do leite. Esta situação determinou a concentração da produção e o abandono de um grande número de explorações leiteiras com efectivos de pequena dimensão.

Figura 4.6



Nos 10 anos em análise verificou-se um decréscimo acentuado do número de explorações com bovinos (-51%), enquanto o efectivo, pelo contrário, registou um ligeiro acréscimo (+1%), o que se traduziu no referido aumento do dimensionamento médio do efectivo por exploração.

Figura 4.7



O aumento do número de bovinos resultou do incremento do efectivo aleitante, particularmente no Alentejo, que registou um aumento de 42% no total de bovinos. De facto, esta região apresenta condições propícias para a criação extensiva de bovinos e observou nos últimos dez anos um aumento considerável desta produção, em parte fruto da conjuntura favorável da PAC. Efectivamente, a possibilidade de conversão de áreas marginais de produção de cereais em quotas (bovinos e ovinos/caprinos) e o facto do RPU ter mantido a ligação das ajudas da produção no caso das vacas aleitantes levou a que os produtores orientassem a sua exploração para a actividade pecuária, aumentando o efectivo médio por exploração e simultaneamente a área ocupada com prados e pastagens permanentes e culturas forrageiras, sobretudo em explorações com menor aptidão para as culturas temporárias (cereais, culturas industriais), nas quais os rendimentos obtidos não compensavam os custos de produção. A opção pelos bovinos de carne foi também facilitada pelo facto do seu maneio carecer de menos mão-de-obra e menos especializada, quando comparado com o do efectivo ovino.

Por outro lado, assistiu-se na última década à alteração dos hábitos de consumo, após a crise da BSE, que fez cair o consumo de carne de bovino, sobretudo a originária de raças leiteiras, assistiu-se a um aumento da importância relativa de carne proveniente de bovinos de carne, particularmente de raças autóctones e seus cruzamentos, no consumo nacional.

O efectivo bovino também aumentou em relação a 1999 na Beira Interior (+12%), nos Açores (+4,3%) e na Madeira (+3,4%). As restantes regiões registaram decréscimos, que foram particularmente acentuados na Beira Litoral (-41%) e no Algarve (-34%). Neste última região, as razões para o abandono significativo da actividade apontam para factores como o elevado custo dos meios de produção, a idade avançada dos produtores, a obrigatoriedade de licenciamento e as dificuldades de reconversão das explorações pecuárias, a que se junta o facto da região não dispor actualmente de um matadouro em funcionamento, o que cria um obstáculo adicional à comercialização dos animais.

No que respeita ao efectivo leiteiro, registou-se uma descida considerável, com o desaparecimento de 22% das vacas e de cerca de 68% das explorações, a nível nacional. O efectivo leiteiro apresentou uma redução em todas as regiões, com excepção do Alentejo.

Nas principais regiões produtoras, o número de vacas leiteiras apresentou quebras de 45% na Beira Litoral, 19% no Entre Douro e Minho e 6% nos Açores.

O número de explorações leiteiras registou um decréscimo bem mais acentuado, particularmente nestas duas regiões do Continente (-74%), enquanto nos Açores diminuiu 36%, em relação a 1999. No entanto, a produção de leite nos últimos dez anos manteve-se estável, resultado do aumento de produtividade do sector, em grande parte devido ao investimento em tecnologia e ao melhoramento genético do efectivo leiteiro. Foi igualmente notória a diminuição do peso do sector bovino leiteiro em Trás-os-Montes, na Beira Interior (onde a sua substituição por efectivo produtor de carne se evidenciou), no Algarve e na Madeira.

Apesar da acentuada tendência para a concentração, traduzida no aumento do número de bovinos por exploração, que mais do que duplicou, passando de 13,8 cabeças em 1999 para 28,6 cabeças em 2009, e desta evolução ser ainda mais evidente nas explorações leiteiras (de 10,8 para 26,7 cabeças/exploração), continuam a existir muitas explorações pecuárias de reduzida dimensão. Cerca de 31% das explorações têm 1 ou 2 cabeças e cerca de 62% possuem menos de 10 bovinos. No entanto, é de notar o aumento do número de explorações com 50 ou mais bovinos, que constituindo apenas 14% das explorações com bovinos, concentram 74 % do efectivo total.

Figura 4.8

Explorações com bovinos, por classes de dimensão (1999-2009)

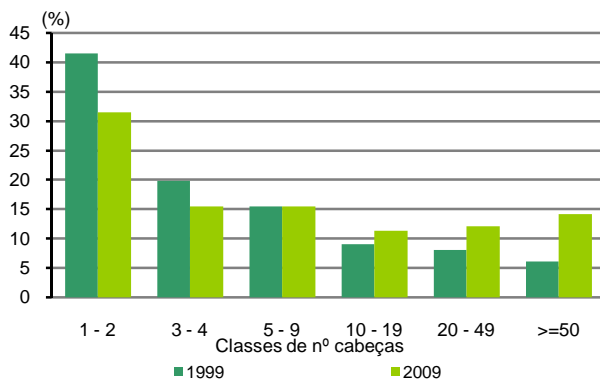
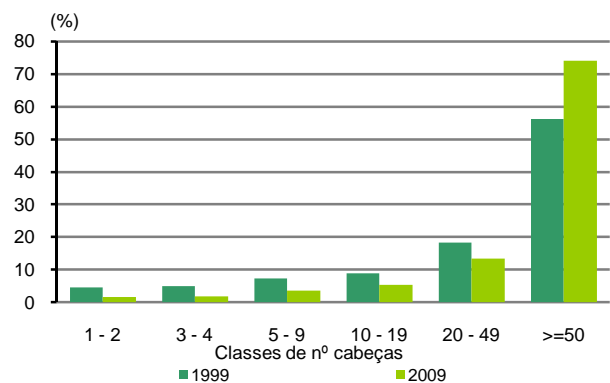


Figura 4.9

Efectivo bovino, por classes de dimensão (1999-2009)



Total de bovinos: número total de cabeças de gado bovino, incluindo o gado bravo. A informação foi recolhida segundo a idade, sexo e aptidão.

Vitelos de carne (destinados a abate com idade inferior a um ano): animais machos ou fêmeas que se destinam a ser abatidos até aos 12 meses de idade.

Vitelos machos com menos de 1 ano: machos cujo destino seja outro que não o abate antes dos 12 meses de idade; ex: aqueles cujo destino é o abate depois dos 12 meses de idade ou cujo destino é a reprodução.

Vitelas fêmeas com menos de 1 ano: fêmeas cujo destino seja outro que não o abate antes dos 12 meses de idade; ex: aquelas cujo destino é o abate depois dos 12 meses de idade ou cujo destino é a reprodução.

Bovinos machos de 1 ano a menos de 2 anos: machos castrados e não castrados de 1 ano a menos de 2 anos de idade, qualquer que seja o seu destino (engorda para abate, reprodução, trabalho).

Fêmeas reprodutoras: fêmeas de 1 ano a menos de 2 anos de idade, não paridas, cujo destino seja a reprodução com o objectivo de produção de leite ou carne.

Fêmeas não reprodutoras: fêmeas de 1 ano a menos de 2 anos de idade, cujo destino não seja a reprodução (engorda para abate).

Bovinos machos de 2 anos e mais: machos castrados e não castrados de 2 anos e mais de idade qualquer que seja a sua aptidão (trabalho, engorda para abate, reprodução, refugio).

Novilhas reprodutoras de 2 anos e mais: fêmeas de 2 anos e mais de idade, não paridas, cujo destino seja a reprodução com o objectivo de produção de leite ou carne.

Novilhas não reprodutoras de 2 anos e mais: fêmeas não paridas de 2 anos e mais, cujo destino não seja a reprodução (engorda para abate).

Vacas leiteiras: fêmeas de 2 anos e mais de idade que já tenham parido pelo menos uma vez e cujo leite produzido seja exclusiva ou principalmente (a maior parte) vendido ou auto-consumido pela família do produtor.

Outras vacas (vacas aleitantes): fêmeas de 2 anos de idade que já tenham parido pelo menos uma vez e que não sejam consideradas "vacas leiteiras". O leite produzido por estas fêmeas é principalmente utilizado para alimentação dos vitelos.

4.1.1 Instalações de bovinos

As características dos sistemas de estabulação de bovinos têm influência a nível do bem-estar animal e do ambiente, nomeadamente no que diz respeito às quantidades de amoníaco emitidas. Os sistemas de estabulação considerados distinguem os que levam à produção predominante de estrume sólido e os que conduzem à produção predominante de chorume. O tipo de estabulação pode ser presa ou livre, consoante os movimentos dos animais estejam ou não condicionados dentro da instalação.

De uma forma geral, são menos danosos para o ambiente e mais favoráveis do ponto de vista do bem-estar animal, sistemas em que a estabulação é livre e que privilegiem a produção de estrume sólido (implica a existência de camas) em detrimento do chorume.

No entanto, o impacto ambiental do sistema de estabulação utilizado na exploração é variável, uma vez que depende não só do tipo e quantidade de efluentes produzidos, mas também das práticas relacionadas com a manutenção das instalações (nomeadamente do método, frequência e quantidade de água utilizados na sua limpeza), bem como da implementação e gestão do sistema de armazenamento e tratamento dos efluentes pecuários.

Normalmente, o efectivo bovino em explorações orientadas para a produção de carne é alojado em sistemas livres, com produção de estrume, sendo os sistemas de estabulação presa/livre com produção de chorume mais associados à produção leiteira, que recorre a estruturas com cubículos e um corredor central em que o pavimento pode ou não ter grelha (viteleiros e vacarias).

Figura 4.10

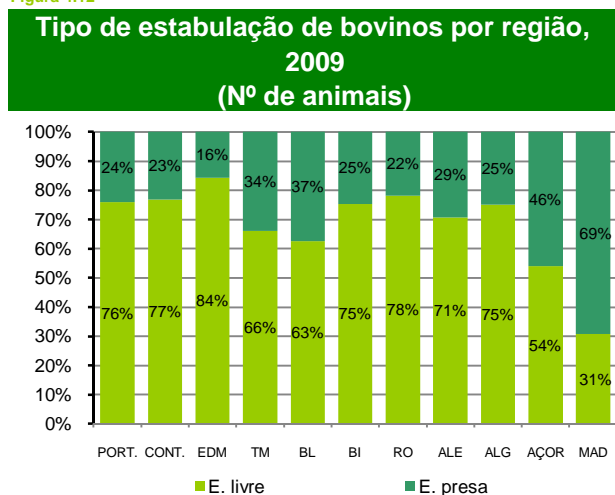
| Instalações de bovinos, por região (2009) | | | | | |
|---|-------------------------|-----|---------|-----|--|
| Regiões | Bovinos em instalações* | | | | |
| | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | Dimensão média do efectivo alojado (Nº cab./expl.) |
| Portugal | 8 609 | 100 | 480 831 | 100 | 56 |
| Continente | 8 442 | 98 | 465 932 | 97 | 55 |
| EDM | 4 245 | 49 | 208 424 | 43 | 49 |
| TM | 1 273 | 15 | 35 809 | 7 | 28 |
| BL | 1 583 | 18 | 69 097 | 14 | 44 |
| BI | 266 | 3 | 14 833 | 3 | 56 |
| RO | 735 | 9 | 90 019 | 19 | 122 |
| ALE | 278 | 3 | 45 552 | 9 | 164 |
| ALG | 62 | 1 | 2 198 | 0 | 35 |
| Açores | 142 | 2 | 13 439 | 3 | 95 |
| Madeira | 25 | 0 | 1 460 | 0 | 58 |

*No universo de explorações com efectivo médio igual ou superior a 10 bovinos

A estabulação de bovinos mostrou ser mais expressiva no Entre Douro e Minho, onde se localizam 49% do total de explorações e 43% do efectivo estabulado. Também na Beira Litoral e no Ribatejo e Oeste a estabulação é significativa, sendo estas as regiões que concentram os sistemas mais intensivos de produção de bovinos de carne e de leite. Pelo contrário, a sua expressão é mínima no Alentejo e nos Açores, pela utilização quase exclusiva de sistemas extensivos nestas regiões.

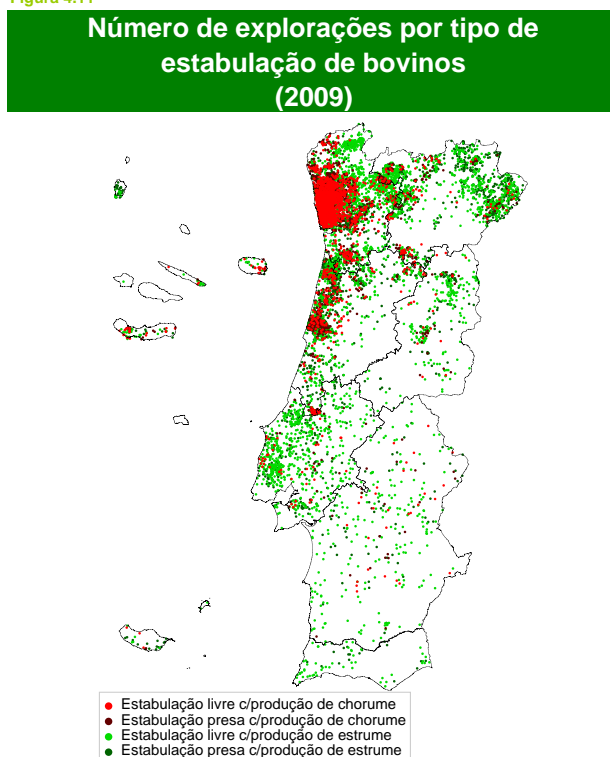
Considerando o tipo de estabulação, o regime livre é o mais frequentemente utilizado em Portugal, estando presente em 71% das explorações com animais estabulados e concentrando 76% do efectivo alojado. A estabulação presa, existente em 39% das explorações, representa apenas 24% do total de bovinos estabulados, o que significa que é mais frequente em regiões com efectivos de pequena dimensão e onde se concentra a produção leiteira, que utiliza instalações onde os animais jovens permanecem em cubículos individuais fechados (viteiros).

Figura 4.12



Quanto ao sistema utilizado, 76% das explorações com estabulação de bovinos usam instalações e procedem a práticas de manejo que conduzem à produção predominante de estrume, alojando 55% dos animais. Apenas 41% das unidades refere a produção predominante de chorume, sendo que, no entanto, 45% do efectivo alojado permanece em sistemas deste último tipo.

Figura 4.11



Este resultado indica que são as explorações com efectivos de maior dimensão e sistemas mais intensivos (caso da produção de leite) as que optam por instalações que resultam em produção de chorume, já que este obriga a infra-estruturas mais exigentes do ponto de vista da limpeza e do armazenamento de efluentes. É nas regiões onde se concentra a produção leiteira (Entre Douro e Minho, Beira Litoral e Açores) que este sistema predomina.

Figura 4.13

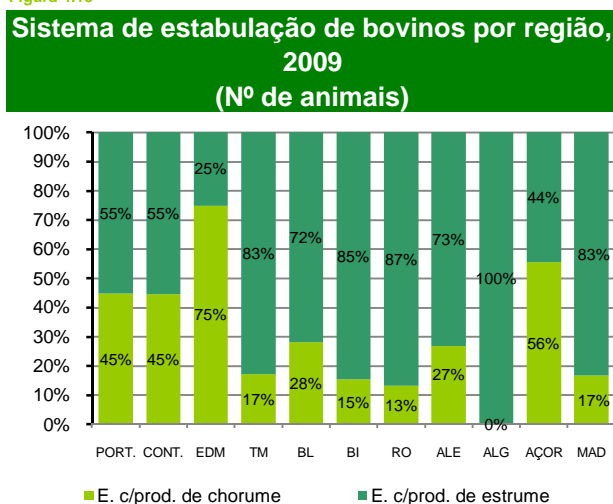
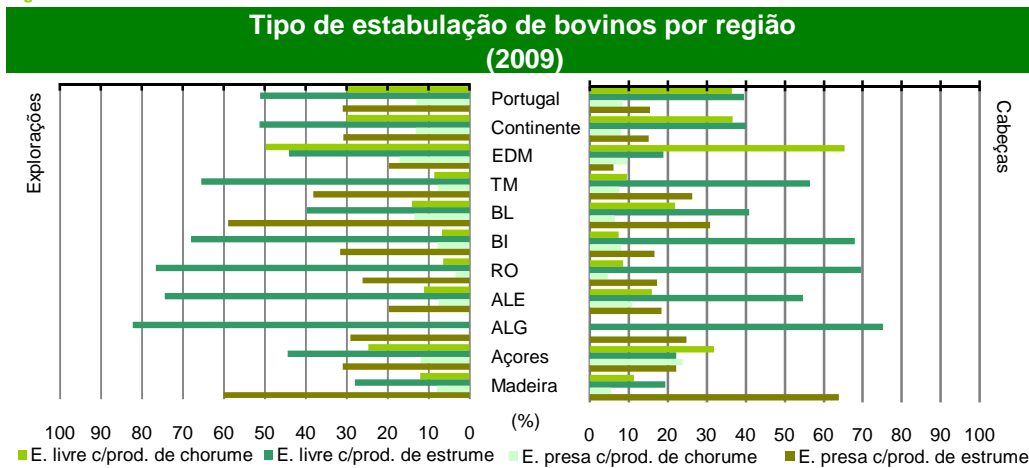


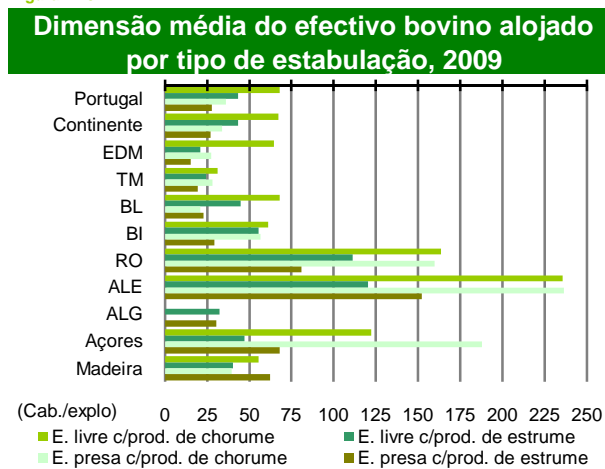
Figura 4.14



Em Portugal o sistema de estabulação mais frequente é livre e com produção de estrume, presente em 51% das explorações e alojando 40% do efectivo bovino, sendo o mais utilizado em explorações orientadas para a produção de carne, e o sistema mais comum em regiões como o Alentejo, Ribatejo e Oeste, Trás-os-Montes, Beira Interior e Algarve. Segue-se a estabulação livre com produção de chorume, típica das vacarias nas explorações leiteiras (30% das explorações e 36% do efectivo), relevante no Entre Douro e Minho e Açores.

Os sistemas de estabulação presa com produção de estrume (31% das explorações e 15% do efectivo), prevalece nas regiões com explorações de bovinos de menor dimensão e sem aptidão leiteira (caso da Madeira) sendo a estabulação presa com produção de chorume residual (referenciada apenas em 13% das explorações e alojando 8% do efectivo) e quase exclusivamente restrita aos viteleiros em explorações leiteiras.

Figura 4.15



Instalações de Bovinos

Número médio de bovinos alojados por tipo de estabulação, no universo das explorações agrícolas com um efectivo de 10 ou mais bovinos.

Estabulação: sistema em que os animais estão confinados a um determinado espaço físico (instalação) de forma permanente ou temporária.

Exclui: As instalações associadas aos sistemas de produção de bovinos em regime extensivo (cercas de contenção temporária, currais, etc.).

Estabulação presa: estabulação em que os animais têm os movimentos muito condicionados, encontrando-se permanentemente restringidos a um espaço físico individual, não podendo circular livremente nas instalações.

Estabulação livre: estabulação em que os animais podem circular na instalação, pela área a eles destinada, não se encontrando confinados a lugares individuais.

Estrume: mistura de dejectos sólidos dos animais com uma reduzida quantidade de urina, apresentando-se de forma sólida ou pastosa, podendo conter ou não resíduos de origem vegetal (palhas, matos ou outros) que serviram de camas ou de material para absorver fezes e urinas.

Estabulação com produção predominante de estrume: sistema de estabulação em que o pavimento se encontra coberto por material de cama (palha, serradura, aparas de madeira ou outros) misturado com fezes e urina dos animais.

Chorume: efluente líquido a semi-líquido proveniente dos estábulos, constituído por uma mistura de fezes, urinas e água das lavagens, e, deste modo, com diluição variável. Pode ser utilizado como fertilizante directamente sobre as terras, desde que suficientemente afastado das habitações e não havendo perigo de poluição do solo e das toalhas freáticas (legislação). As escorrências provenientes das nitreiras são vulgarmente designadas por chorume.

Estabulação com produção predominante de chorume: sistema de estabulação que produz efluentes pecuários de consistência fluida a pastosa, habitualmente designados por chorume, necessitando de estruturas de armazenamento capazes de conter as escorrências (tanques ou lagoas). A produção de chorume está relacionada com as características das instalações e o tipo de manejo, designadamente:

- Pavimento em grelha;
- Sistema de limpeza por bombagem de água (forte corrente de água que arrasta todos os materiais na superfície do pavimento);
- Ausência de qualquer material de cama não sintético (palha, serradura, aparas de madeira, ou outros).

4.2. Suínos

Figura 4.16

| Efectivo suíno, por região (2009) | | | | | | | | |
|-----------------------------------|-----------------|-----|-----------|-----|---------------------|-----|---------|-----|
| Regiões | Total de Suínos | | | | Porcas Reprodutoras | | | |
| | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) |
| Portugal | 50 084 | 100 | 1 913 161 | 100 | 13 485 | 100 | 238 438 | 100 |
| Continente | 44 732 | 89 | 1 854 306 | 97 | 12 809 | 95 | 231 623 | 97 |
| EDM | 9 685 | 19 | 54 120 | 3 | 1 222 | 9 | 6 288 | 3 |
| TM | 5 114 | 10 | 24 008 | 1 | 937 | 7 | 3 587 | 2 |
| BL | 19 365 | 39 | 392 496 | 21 | 7 815 | 58 | 60 094 | 25 |
| BI | 3 436 | 7 | 34 276 | 2 | 378 | 3 | 4 588 | 2 |
| RO | 3 226 | 6 | 851 652 | 45 | 846 | 6 | 95 650 | 40 |
| ALE | 2 590 | 5 | 473 792 | 25 | 1 326 | 10 | 57 548 | 24 |
| ALG | 1 316 | 3 | 23 962 | 1 | 285 | 2 | 3 868 | 2 |
| Açores | 3 217 | 6 | 42 276 | 2 | 537 | 4 | 5 235 | 2 |
| Madeira | 2 135 | 4 | 16 579 | 1 | 139 | 1 | 1 580 | 1 |

Em 2009 o efectivo suíno contabilizou 1 913 mil cabeças, estando presente em cerca de 50 mil explorações agrícolas. Cerca de 45% do efectivo nacional concentra-se em 6% de explorações localizadas no Ribatejo e Oeste, onde se incluem as maiores suiculturas. Por oposição, na Beira Litoral, a segunda região produtora, predomina a pequena dimensão, com 21% do efectivo nacional disperso por 39% das unidades produtivas. O Alentejo apresenta também relevância, já que contabiliza 25% do total de suínos em 5% das explorações.

Figura 4.17

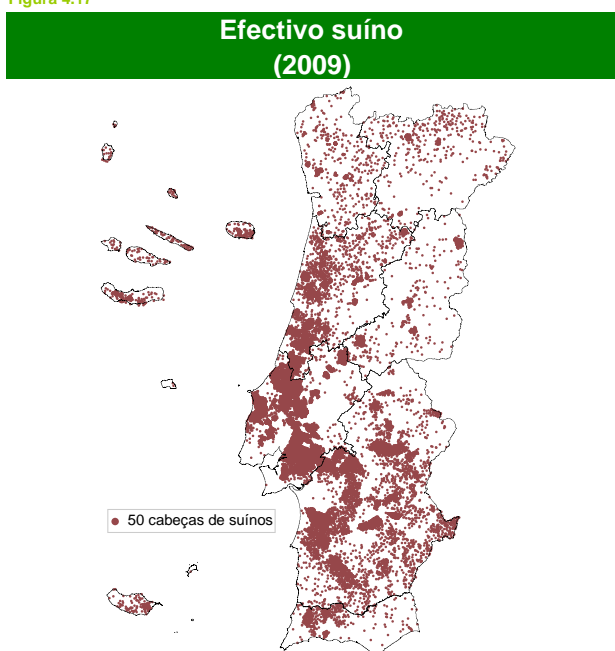


Figura 4.18

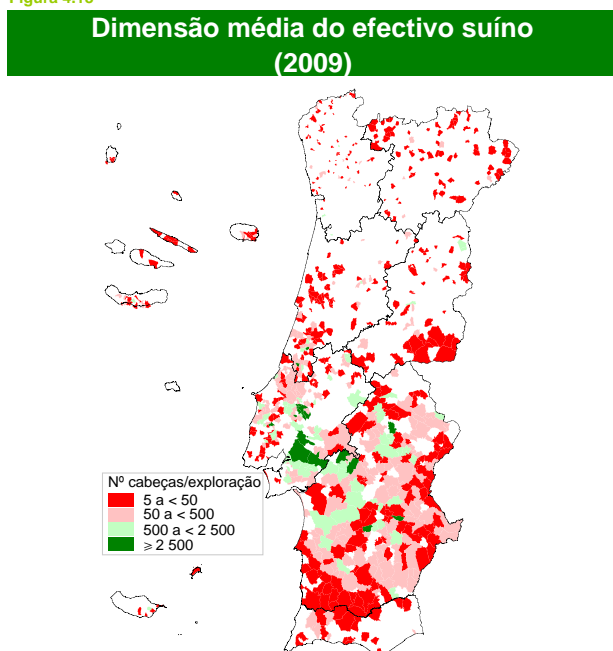


Figura 4.19

Dimensão média do efectivo suíno, por região (1999-2009)

Unidade: Nº Cab./Expl.

| Regiões | Total de Suínos | | Porcas Reprodutoras | |
|-------------------|-----------------|-------|---------------------|-------|
| | 1999 | 2009 | 1999 | 2009 |
| Portugal | 18,2 | 38,2 | 8,3 | 17,7 |
| Continente | 19,2 | 41,5 | 8,3 | 18,1 |
| EDM | 4,6 | 5,6 | 3,8 | 5,1 |
| TM | 4,3 | 4,7 | 3,9 | 3,8 |
| BL | 9,9 | 20,3 | 3,7 | 7,7 |
| BI | 6,6 | 10,0 | 7,5 | 12,1 |
| RO | 97,6 | 264,0 | 29,2 | 113,1 |
| ALE | 63,4 | 182,9 | 22,7 | 43,4 |
| ALG | 16,2 | 18,2 | 8,9 | 13,6 |
| Açores | 8,6 | 13,1 | 6,7 | 9,7 |
| Madeira | 6,3 | 7,8 | 6,4 | 11,4 |

Total de suínos: total de cabeças de gado suíno. A informação foi recolhida segundo o peso, sexo e aptidão:

Suínos com menos de 20 kg de peso vivo: suínos (machos e fêmeas) com menos de 20 Kg de peso vivo quer estejam ou não junto da porca mãe (a mamar ou desmamados). Normalmente são animais com menos de dois meses de idade.

Fêmeas reprodutoras com 50 kg de peso vivo e mais: fêmeas que já tenham parido pelo menos uma vez (porcas) e as fêmeas com 50 Kg e mais de peso vivo não paridas (não cobertas, cobertas pela primeira vez ou esperando o primeiro parto), mas destinadas à reprodução.

Suínos de 20 a menos de 50 kg de peso vivo: os porcos que não estejam considerados nas duas categorias anteriores e que tenham entre 20 e 50 Kg de peso vivo. Todos os machos de 20 a 50 Kg de peso vivo e as fêmeas de 20 Kg a menos de 50 Kg de peso vivo qualquer que seja o seu destino.

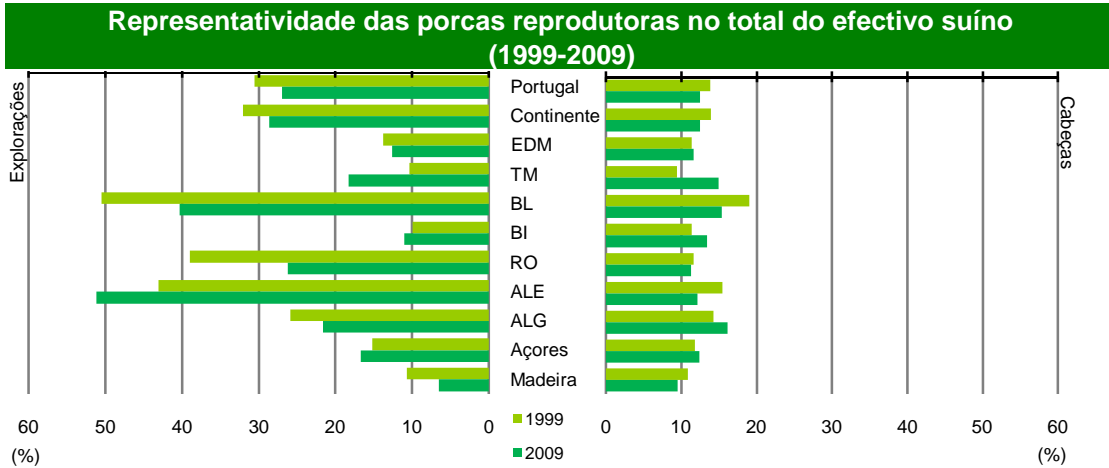
Suínos de engorda com 50 kg de peso vivo e mais: os porcos de engorda que não estejam incluídos nas categorias anteriores e que tenham peso vivo igual ou superior a 50 Kg. Todos os machos com peso vivo igual ou superior 50 Kg (incluindo machos de refugo), as fêmeas com peso vivo igual ou superior 50 Kg não destinadas à reprodução e as porcas de refugo com peso vivo igual ou superior 50 Kg.

Varrascos: machos inteiros (não castrados) com 50 Kg e mais de peso vivo que efectuem regularmente cobrições, mantendo-se em actividade reprodutora.

O efectivo de porcas reprodutoras, presente em 27% das explorações com suínos, representa 12% do efectivo total. A nível regional e no que diz respeito à presença de efectivo reprodutor nas explorações, registam-se valores muito distintos: enquanto no Alentejo cerca de 50% das explorações têm fêmeas

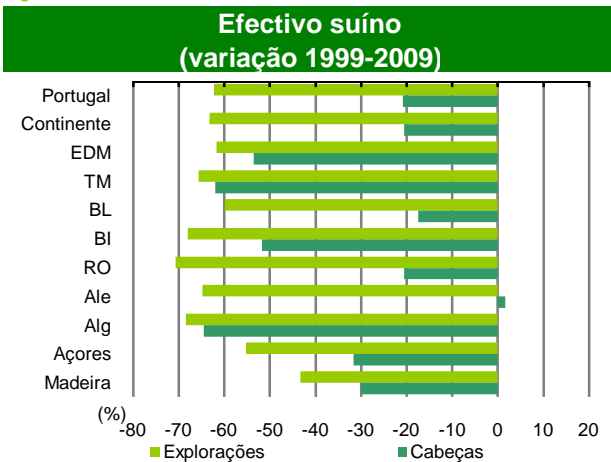
reprodutoras, na Madeira apenas 7% das unidades com suínos mantêm efectivo reprodutor. Já em termos da comparticipação do efectivo reprodutor em cada uma das regiões, este é muito homogéneo e representa em média 12% do efectivo regional.

Figura 4.20



Entre 1999 e 2009 observa-se uma quebra de 21% do efectivo suíno, que ocorreu em todas as regiões excepto no Alentejo, única região que viu o número de suínos aumentar ligeiramente (+1,6%) na década em análise.

Figura 4.21



A esta redução aliou-se um decréscimo generalizado e muito acentuado do número de explorações (-62%), o que determinou a duplicação do número médio de suínos por exploração, que passou de 18,2 para 38,2 cabeças.

De referir que no Ribatejo e Oeste, onde se encontram as maiores suiniculturas, a dimensão média do efectivo, passou de 97,6 para 264,0 cabeças, e no Alentejo, onde o aumento da dimensão média foi maior, registaram-se 182,9 cabeças por exploração em 2009.

Relativamente à repartição do efectivo por classes de dimensão, quase 3/4 das explorações têm apenas 1 ou 2 suínos, mas contabilizam apenas 3% do efectivo. Este grupo representa fundamentalmente a produção das explorações tradicionais ou familiares, em muitas das quais a produção de suínos consiste na típica matança do porco. Por oposição, 90% dos suínos concentram-se em 1% das suiniculturas, altamente intensivas, com 200 ou mais cabeças.

Figura 4.22

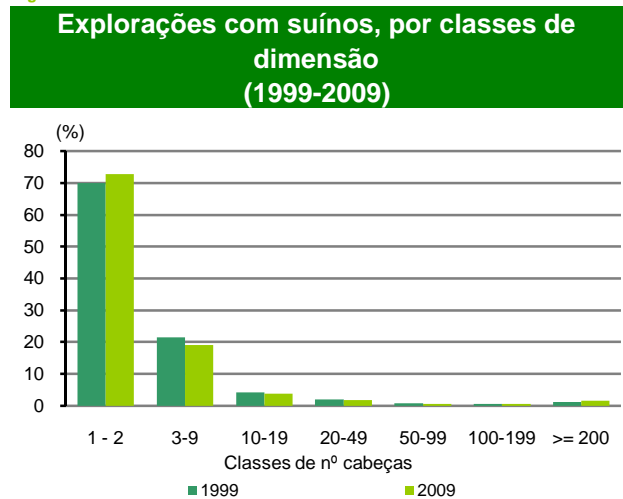
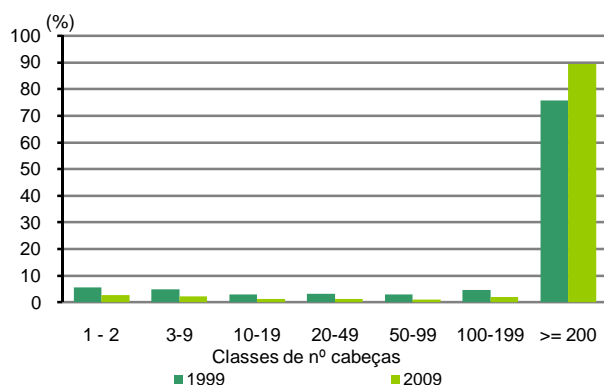


Figura 4.23

Efectivo suíno, por classes de dimensão (1999-2009)



O aumento do número médio de cabeças por exploração veio reforçar ainda mais a concentração do sector, onde um pequeno número de suiniculturas com 1 000 ou mais suínos que em 1999 já detinham 57% dos animais, é ampliada em 2009 para 80% do total do efectivo.

4.2.1. Instalações de suínos

A manutenção de suínos em instalações viabiliza a produção intensiva, ao assegurar o controlo das condições que reduzem a mortalidade e aumentam as taxas de concentração, crescimento e produtividade dos animais.

Por outro lado, o espaço limitado para os animais, que interfere com o seu bem-estar e as implicações ambientais destas unidades produtivas em termos de emissão de gases, faz com que o tipo de alojamento utilizado seja uma variável a ter em consideração.

Figura 4.24

Instalações de suínos, por região (2009)

| Regiões | Suínos em instalações* | | | | |
|-------------------|------------------------|-----|-----------|-----|--|
| | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | Dimensão média do efectivo alojado (Nº cab./expl.) |
| Portugal | 1 085 | 100 | 1 612 735 | 100 | 1 486 |
| Continente | 1 048 | 97 | 1 571 687 | 97 | 1 500 |
| EDM | 30 | 3 | 34 375 | 2 | 1 146 |
| TM | 43 | 4 | 8 964 | 1 | 208 |
| BL | 335 | 31 | 321 631 | 20 | 960 |
| BI | 27 | 2 | 31 201 | 2 | 1 156 |
| RO | 451 | 42 | 821 864 | 51 | 1 822 |
| ALE | 131 | 12 | 335 169 | 21 | 2 559 |
| ALG | 31 | 3 | 18 483 | 1 | 596 |
| Açores | 29 | 3 | 28 004 | 2 | 966 |
| Madeira | 8 | 1 | 13 044 | 1 | 1 631 |

*No universo de explorações com efectivo médio igual ou superior a 50 suínos ou 10 ou mais porcas reprodutoras

Uma das principais características do alojamento prende-se com o tipo de pavimento utilizado, sobretudo com a existência ou não de grelhas. A existência de grelhas tem a vantagem de permitir que o chorume se escoe para tanques situados debaixo das instalações, criando uma barreira entre a emissão de amoníaco e o ar circulante na instalação.

Implica no entanto uma limpeza assídua dos tanques, para não criar problemas de contaminação e libertação de odores. Em termos de conforto animal a maior desvantagem destas instalações resulta da adaptação às grelhas e à ausência de camas, sobretudo no caso de ser totalmente em grelha.

Instalações de suínos:

Número médio de suínos alojados, por tipo de instalação, no universo das explorações agrícolas com um efectivo médio de 50 ou mais suínos ou 10 ou mais porcas reprodutoras.

Exclui os abrigos utilizados na produção de suínos em regime extensivo (ex.: *camping*).

Instalações com pavimento sem grelha e com cama sobreposta: instalação pecuária com pavimento impermeável, que não permite o escoamento dos efluentes, e com uma camada espessa de material de cama (palha, serradura, aparas de madeira ou outros). Os materiais de cama vão sendo normalmente sobrepostos às camadas anteriores. O estrume é normalmente removido mecanicamente, com intervalos que podem ser de vários meses, para o exterior da instalação.

Outras instalações com pavimento sem grelha: instalações com pavimento sem grelha e sem cama; Instalações com pavimento sem grelha e camas retiradas com grande frequência, de forma a não permitir a acumulação de dejectos.

Instalações com pavimento com grelha: instalações com pavimento total ou parcialmente formado por grelhas ou ripas, através das quais os dejectos escorrem para uma fossa onde se acumulam.

A distribuição de suínos em instalações mostra uma concentração semelhante à do efectivo: cerca de 70% das explorações e do efectivo alojado estão no Ribatejo e Oeste e Beira Litoral, regiões onde se localizam as maiores explorações intensivas. Segue-se o Alentejo, com 12% das explorações e 21% do efectivo alojado.

Figura 4.25

Número de explorações por tipo de instalações de suínos (2009)

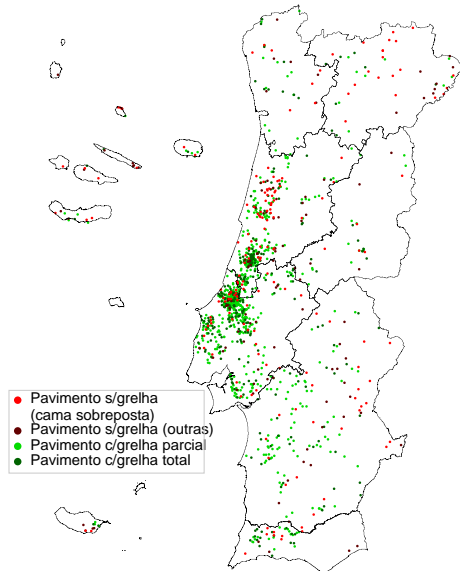
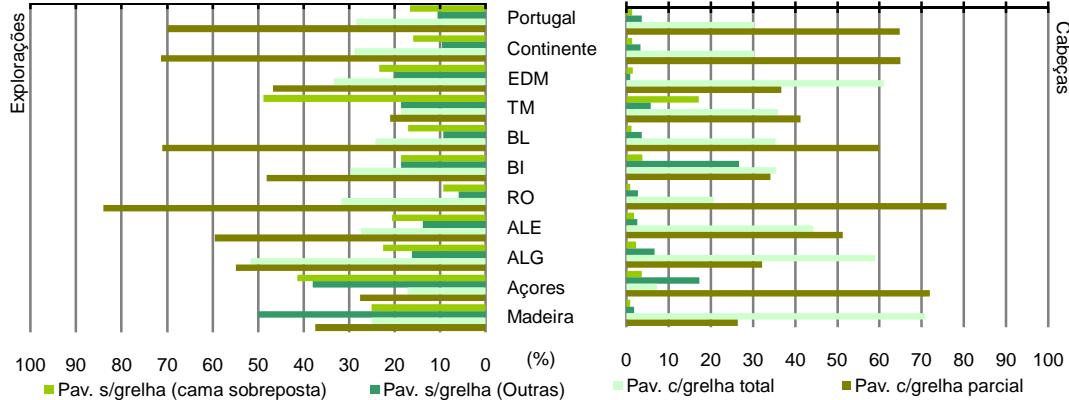


Figura 4.27

Tipo de instalações de suínos por região, 2009



A utilização de instalações sem grelhas foi reportada apenas por 26% das explorações e para alojamento de apenas 5% dos animais. A utilização deste tipo de instalações apenas mostrou alguma relevância em regiões caracterizadas por explorações suinícolas de menor dimensão e menos intensivas (Trás-os-Montes, Beira Interior e Açores). Dentro das instalações com pavimento sólido, o uso da cama sobreposta revelou-se residual, com apenas 1% do efectivo alojado neste tipo de sistema.

A diferença no número médio de animais alojados consoante o tipo de pavimento utilizado na instalação é elucidativa: 276 cabeças/exploração em pavimentos sem grelha e 1 733 cabeças/exploração em instalações com grelhas.

Considerando o tipo de instalação, 82% das explorações têm pavimento com grelha, a que corresponde o alojamento de 95% dos suínos. O tipo de instalação mais frequente (em 70% das unidades e para 65% do efectivo) tem pavimento com grelha parcial, que permite uma área sólida de repouso para os animais. A grelha total apenas é usada no alojamento de 30% dos animais.

Figura 4.26

Tipo de instalações de suínos por região, 2009 (Nº de animais)

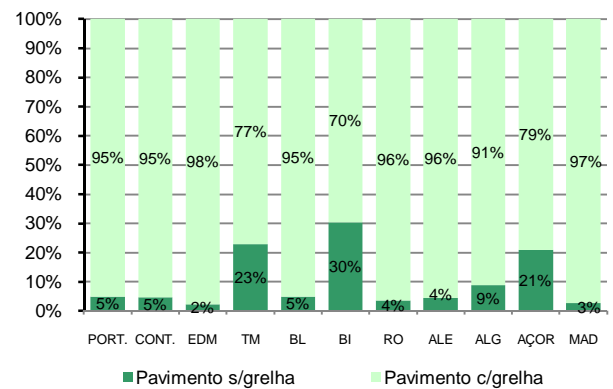
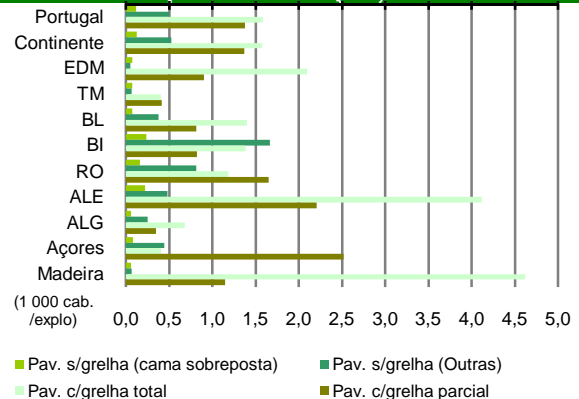


Figura 4.28

Dimensão média do efectivo suíno alojado por tipo de instalação, 2009



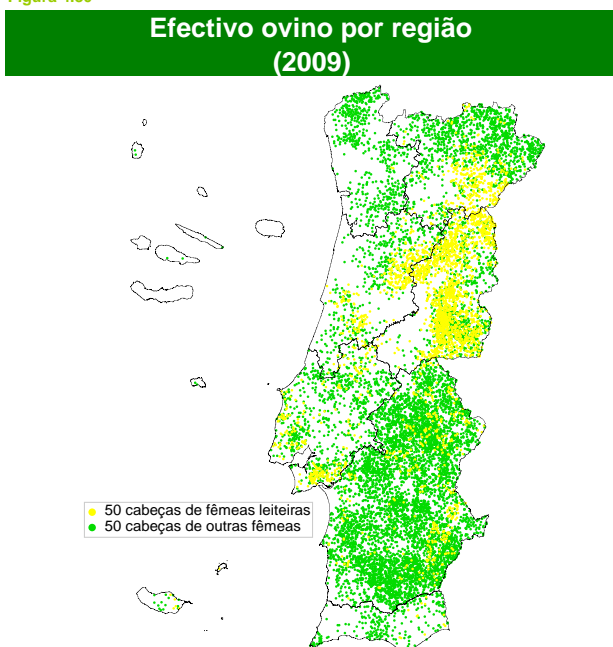
4.3. Ovinos

Figura 4.29

| Efectivo ovino, por região (2009) | | | | | | | | |
|-----------------------------------|-----------------|-----|-----------|-----|-------------------|-----|---------|-----|
| Regiões | Total de Ovinos | | | | Efectivo Leiteiro | | | |
| | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) |
| Portugal | 51 787 | 100 | 2 219 639 | 100 | 8 551 | 100 | 424 448 | 100 |
| Continente | 50 197 | 97 | 2 211 173 | 100 | 8 145 | 95 | 422 939 | 100 |
| EDM | 12 721 | 25 | 129 148 | 6 | 2 | 0 | 350 | 0 |
| TM | 4 436 | 9 | 269 726 | 12 | 889 | 10 | 51 609 | 12 |
| BL | 11 464 | 22 | 143 866 | 6 | 2 987 | 35 | 50 301 | 12 |
| BI | 5 550 | 11 | 359 200 | 16 | 2 695 | 32 | 224 305 | 53 |
| RO | 7 082 | 14 | 173 803 | 8 | 1 227 | 14 | 39 964 | 9 |
| ALE | 8 133 | 16 | 1 090 421 | 49 | 248 | 3 | 54 239 | 13 |
| ALG | 811 | 2 | 45 009 | 2 | 97 | 1 | 2 171 | 1 |
| Açores | 638 | 1 | 3 850 | 0 | 148 | 2 | 436 | 0 |
| Madeira | 952 | 2 | 4 616 | 0 | 258 | 3 | 1 073 | 0 |

A produção de ovinos é uma actividade que apresenta alguma concentração a nível regional. De facto, dos 2 220 mil ovinos presentes em 52 mil explorações, 49% localizam-se no Alentejo, em apenas 16% das unidades produtivas, seguindo-se a Beira Interior com 16% do efectivo em 11% das explorações.

Figura 4.30



No Alentejo, a dimensão média do rebanho por exploração é de 134,1 cabeças, consideravelmente superior à das outras regiões. Em Entre Douro e Minho e Beira Litoral a dimensão média dos rebanhos é próxima das 10 cabeças, subindo para cerca dos 65 ovinos na Beira Interior e Trás-os-Montes.

Total de ovinos: total de cabeças de gado ovino. A informação foi recolhida segundo o sexo e a aptidão.

Malatas leiteiras: fêmeas novas cobertas pela 1ª vez (borregas) e que após o parto e desmame dos borregos se destinam a ser ordenhadas regularmente.

Outras malatas: fêmeas novas cobertas pela 1ª vez e que após o parto e desmame dos borregos não se destinam a ser ordenhadas regularmente.

Ovelhas leiteiras: fêmeas que já pariram pelo menos uma vez e que após o parto e desmame dos borregos se destinam a ser ordenhadas regularmente.

Outras ovelhas: fêmeas que já pariram pelo menos uma vez e que não são consideradas ovelhas leiteiras (não são ordenhadas regularmente).

Outros ovinos: machos e as fêmeas de qualquer idade que não foram considerados nas categorias anteriores. Os borregos(as), os carneiros e os machos de refugo.

Figura 4.31

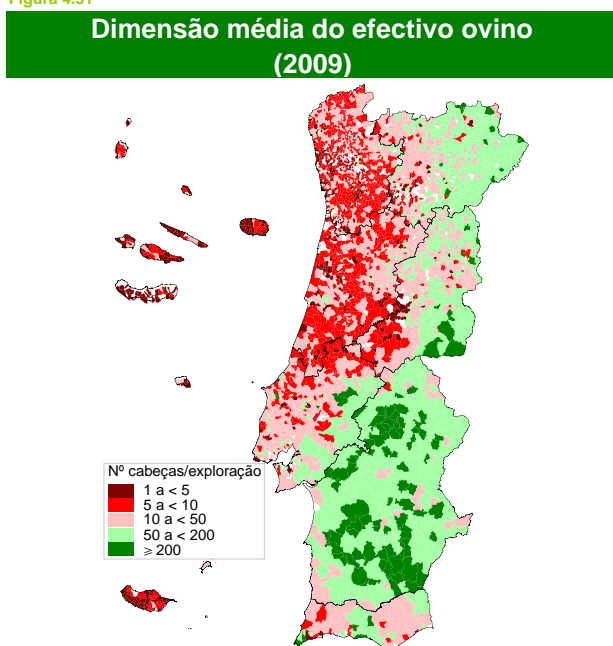


Figura 4.32

Dimensão média do efectivo ovino, por região (1999-2009)

Unidade: Nº Cab./Expl.

| Regiões | Total de Ovinos | | Efectivo Leiteiro | |
|-------------------|-----------------|-------|-------------------|-------|
| | 1999 | 2009 | 1999 | 2009 |
| Portugal | 41,1 | 42,9 | 37,9 | 49,6 |
| Continente | 42,1 | 44,0 | 38,8 | 51,9 |
| EDM | 9,1 | 10,2 | 6,1 | 175,0 |
| TM | 60,7 | 60,8 | 64,8 | 58,1 |
| BL | 11,1 | 12,5 | 13,1 | 16,8 |
| BI | 56,6 | 64,7 | 59,6 | 83,2 |
| RO | 24,1 | 24,5 | 30,7 | 32,6 |
| ALE | 137,4 | 134,1 | 112,8 | 218,7 |
| ALG | 38,0 | 55,5 | 27,0 | 22,4 |
| Açores | 5,9 | 6,0 | 2,4 | 2,9 |
| Madeira | 7,1 | 4,8 | 7,7 | 4,2 |

O efectivo leiteiro, constituído pelas ovelhas e borregas leiteiras, representa 19% do efectivo ovino, presente em cerca de 17% das explorações. A produção de leite de ovelha concentra-se na Beira Interior, onde se localiza 53% do efectivo leiteiro, assumindo nesta região uma importância superior à produção de carne. O segundo maior efectivo leiteiro localiza-se no Alentejo (13%), onde, no entanto, representa apenas 5% do efectivo ovino regional.

Figura 4.33

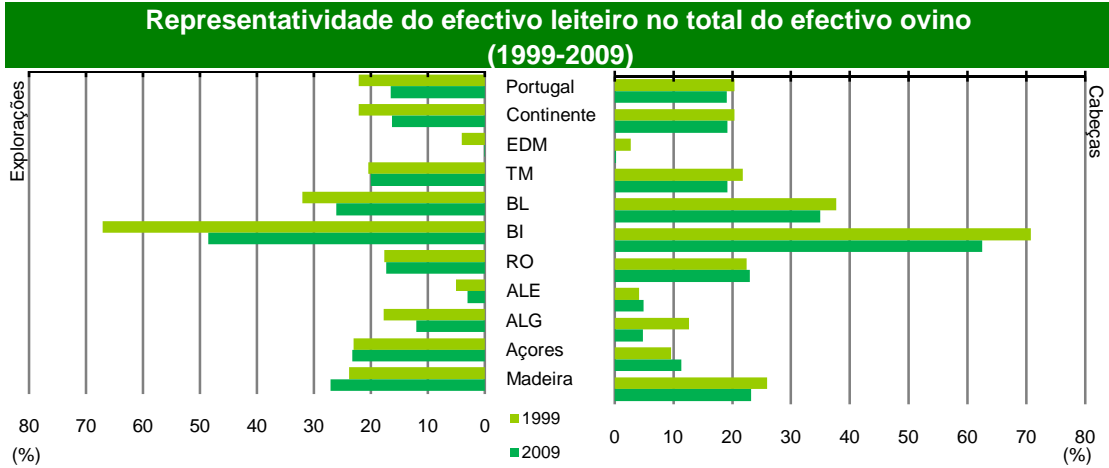
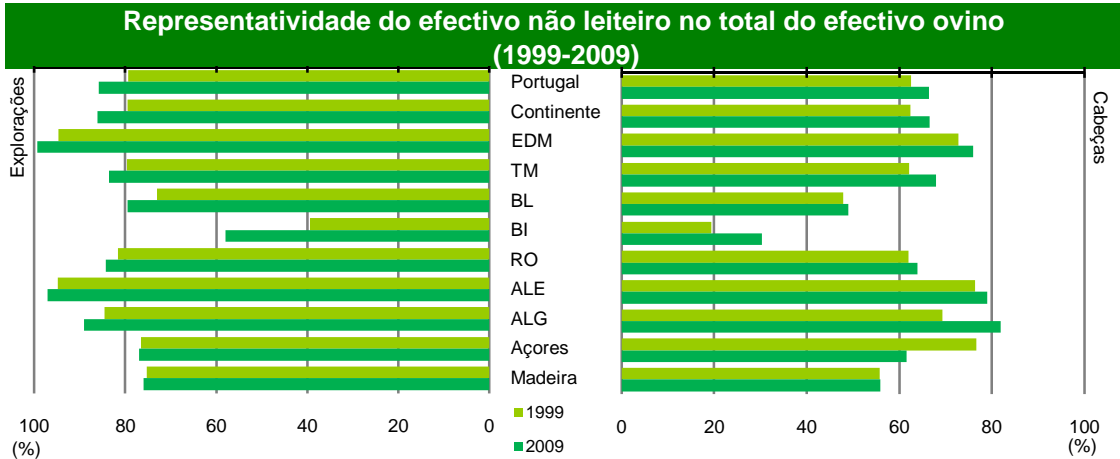
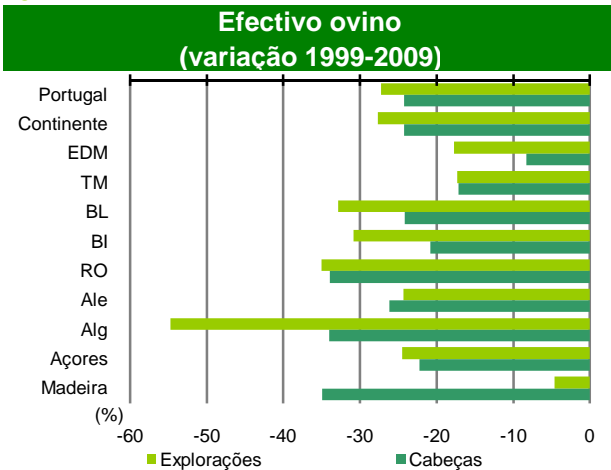


Figura 4.34



No período em análise houve uma descida das explorações (-27%) e do efectivo ovino (-24%) em todas as regiões. O decréscimo desta actividade, embora generalizado, foi mais acentuado no Algarve, no Ribatejo e Oeste e na Madeira.

Figura 4.35



A dimensão média das explorações registou uma subida muito ligeira, passando de 41,1 para 42,9 cabeças/exploração em 2009.

A repartição do efectivo por classes de dimensão das explorações não se alterou de forma significativa, embora se tenha assistido a uma redução do número de explorações com menos de 10 cabeças e aumento das explorações com 10 a 19 e 20 a 49 cabeças.

Figura 4.36

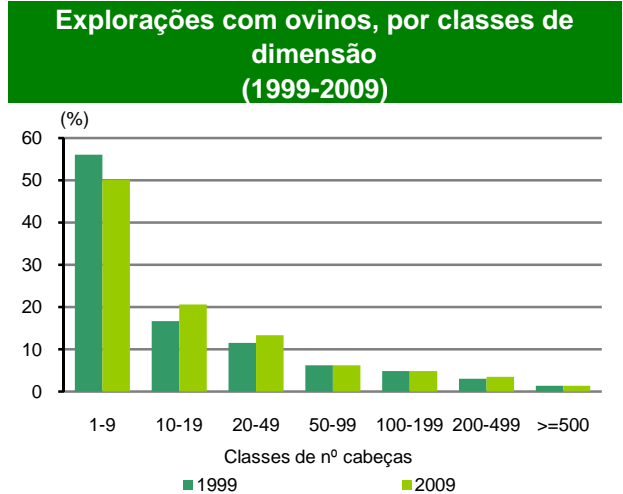
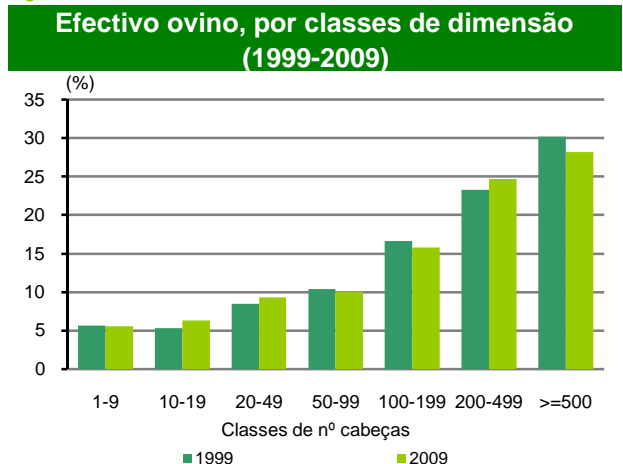


Figura 4.37



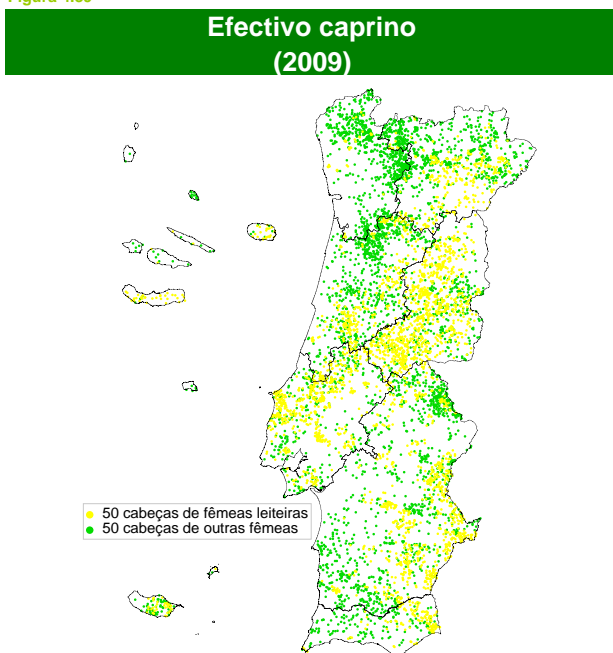
4.4. Caprinos

Figura 4.38

| Efectivo caprino por região (2009) | | | | | | | | |
|------------------------------------|-------------------|-----|---------|-----|-------------------|-----|---------|-----|
| Regiões | Total de Caprinos | | | | Efectivo Leiteiro | | | |
| | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) |
| Portugal | 32 514 | 100 | 420 711 | 100 | 11 861 | 100 | 149 295 | 100 |
| Continente | 28 512 | 88 | 405 627 | 96 | 9 956 | 84 | 143 736 | 96 |
| EDM | 4 560 | 14 | 54 819 | 13 | 15 | 0 | 2 029 | 1 |
| TM | 1 945 | 6 | 57 006 | 14 | 539 | 5 | 14 881 | 10 |
| BL | 9 715 | 30 | 64 244 | 15 | 3 044 | 26 | 16 560 | 11 |
| BI | 6 209 | 19 | 66 172 | 16 | 4 424 | 37 | 40 993 | 27 |
| RO | 2 927 | 9 | 48 656 | 12 | 1 158 | 10 | 27 495 | 18 |
| ALE | 2 418 | 7 | 99 155 | 24 | 570 | 5 | 35 510 | 24 |
| ALG | 738 | 2 | 15 575 | 4 | 206 | 2 | 6 268 | 4 |
| Açores | 1 711 | 5 | 8 018 | 2 | 980 | 8 | 3 575 | 2 |
| Madeira | 2 291 | 7 | 7 066 | 2 | 925 | 8 | 1 984 | 1 |

O efectivo caprino em 2009 contabilizou 421 mil cabeças (ou seja cerca de 1/5 do efectivo ovino) em 33 mil unidades produtivas a nível nacional. Os caprinos apresentam uma repartição regional consideravelmente mais dispersa, com o Alentejo a representar 24% do efectivo, seguindo-se a Beira Interior com 16% e a Beira Litoral, com 15% do número total de caprinos.

Figura 4.39



Total de caprinos: total de cabeças de gado caprino. A informação foi recolhida segundo o sexo e a aptidão.

Chibas leiteiras: fêmeas novas cobertas pela 1ª vez e que após o parto e desmame dos cabritos se destinam a ser ordenhadas regularmente.

Outras chibas: fêmeas novas cobertas pela 1ª vez e que após o parto e desmame dos cabritos não se destinam a ser ordenhadas regularmente.

Cabras leiteiras: fêmeas que já pariram pelo menos uma vez e que após o desmame dos cabritos se destinam a ser ordenhadas regularmente.

Outras cabras: fêmeas que já pariram pelo menos uma vez e que não se destinam a ser ordenhadas regularmente.

Outros caprinos: machos e fêmeas de qualquer idade que não foram considerados nas categorias anteriores. As chibas de substituição, os cabritos, os bodes reprodutores e machos de refugio.

Figura 4.40

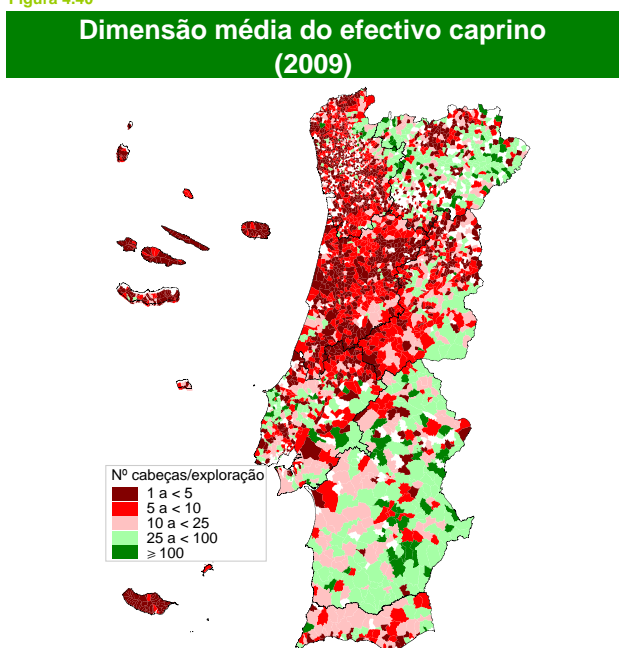


Figura 4.41

Dimensão média do efectivo caprino, por região (1999-2009)

Unidade: Nº Cab./Expl.

| Regiões | Total de Caprinos | | Efectivo Leiteiro | |
|-------------------|-------------------|------|-------------------|-------|
| | 1999 | 2009 | 1999 | 2009 |
| Portugal | 9,8 | 12,9 | 8,0 | 12,6 |
| Continente | 10,6 | 14,2 | 8,5 | 14,4 |
| EDM | 11,6 | 12,0 | 6,9 | 135,3 |
| TM | 23,7 | 29,3 | 24,5 | 27,6 |
| BL | 5,1 | 6,6 | 3,8 | 5,4 |
| BI | 8,1 | 10,7 | 7,0 | 9,3 |
| RO | 8,8 | 16,6 | 9,1 | 23,7 |
| ALE | 30,1 | 41,0 | 30,9 | 62,3 |
| ALG | 15,7 | 21,1 | 13,8 | 30,4 |
| Açores | 3,0 | 4,7 | 2,3 | 3,6 |
| Madeira | 3,2 | 3,1 | 2,2 | 2,1 |

O efectivo leiteiro, que representa 35% dos caprinos e está presente em 36% das explorações concentra-se, à semelhança dos ovinos, na Beira Interior (27% do efectivo leiteiro total), onde representa 62% do efectivo caprino da região.

Figura 4.42

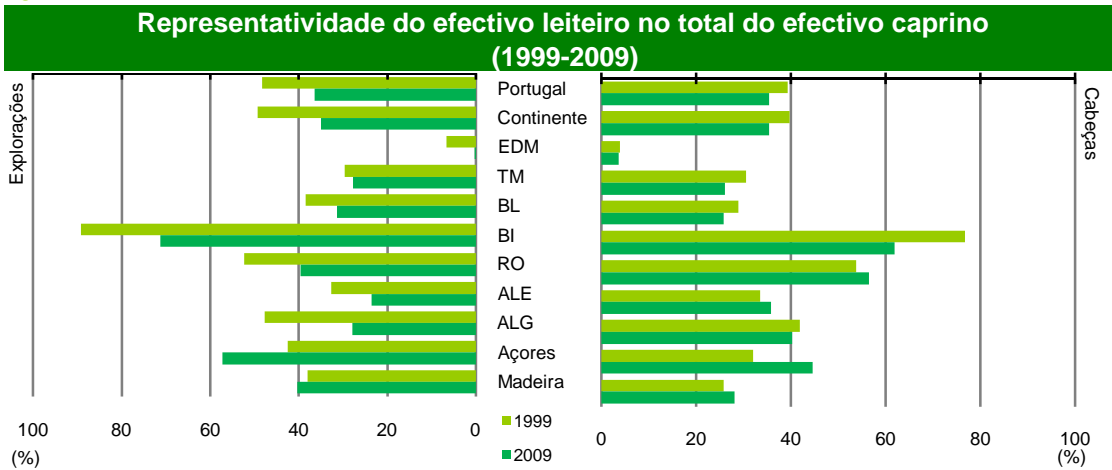
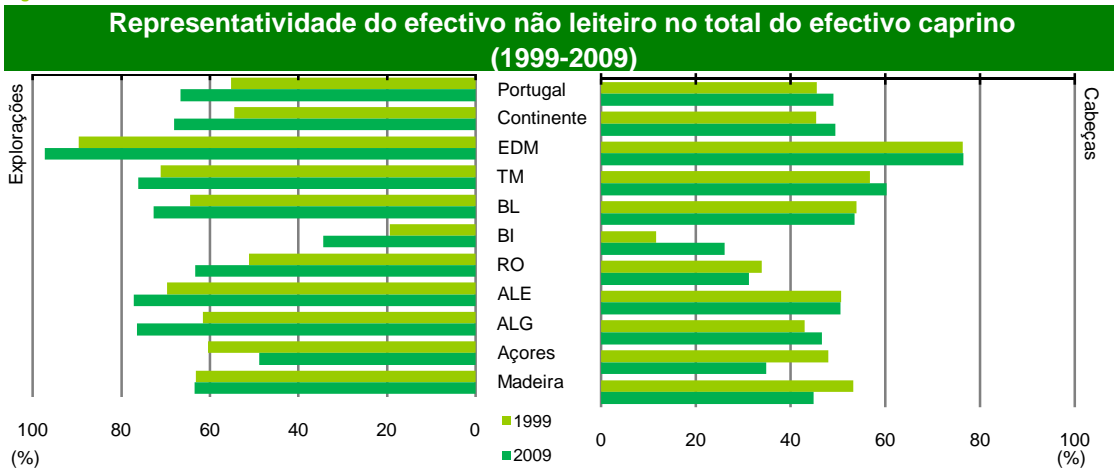


Figura 4.43



A dimensão média dos rebanhos, consideravelmente inferior à dos ovinos, situou-se em 2009 nas 12,9 cabeças, o que representa um aumento de apenas três cabeças, em relação a 1999.

Nos 10 anos em análise registou-se o abandono da actividade por parte de 41% das explorações, acompanhado por uma redução de 22% no efectivo. Com excepção do Ribatejo e Oeste, onde se verificou um ligeiro aumento, o efectivo caprino regista decréscimo nas restantes regiões, tendo sido especialmente significativa a quebra ocorrida na Beira Interior.

A análise da estrutura de repartição dos caprinos pelas classes de dimensão revela que continuam a predominar as pequenas explorações com menos de 10 cabeças, se bem que o seu número se tenha reduzido, e que as explorações com mais de 100 caprinos (3%) concentram 41% do efectivo, quando em 1999 apenas detinham 34%.

Figura 4.45

Explorações com caprinos, por classes de dimensão (1999-2009)

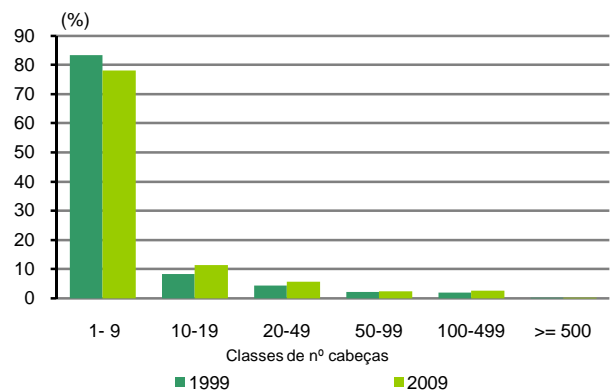


Figura 4.44

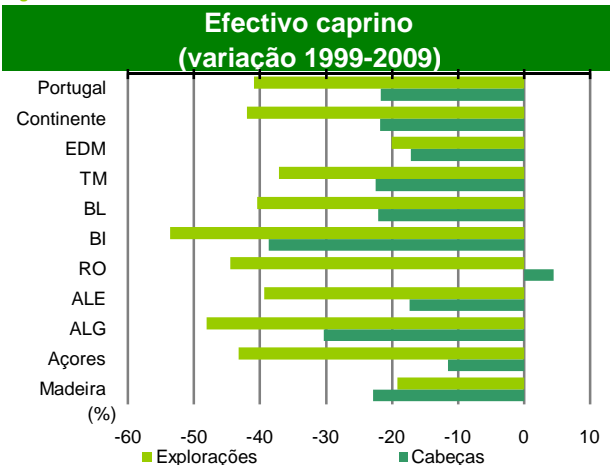
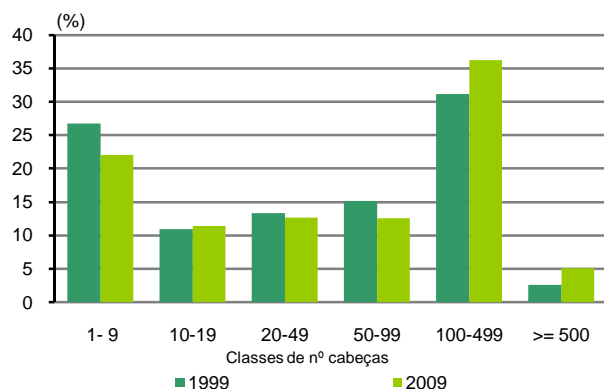


Figura 4.46

Efectivo caprino, por classes de dimensão (1999-2009)



4.5. Equídeos

Figura 4.47

Efectivo Equídeo, por região (2009)

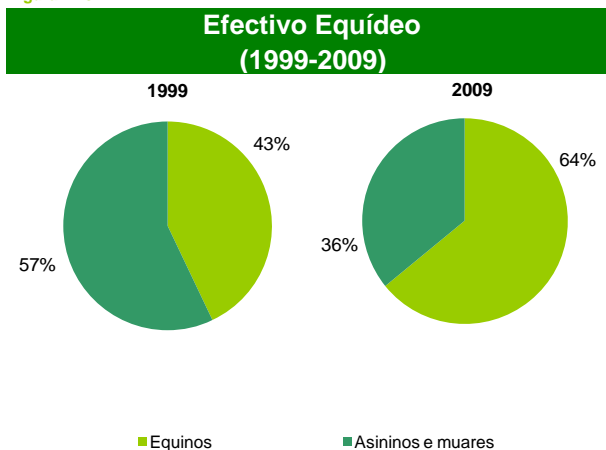
| Regiões | Total de Equídeos | | | | Equinos | | | |
|-------------------|-------------------|-----|---------|-----|----------|-----|---------|-----|
| | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) |
| Portugal | 27 652 | 100 | 56 014 | 100 | 11 849 | 100 | 35 913 | 100 |
| Continente | 25 852 | 93 | 53 243 | 95 | 10 381 | 88 | 33 695 | 94 |
| EDM | 2 689 | 10 | 9 187 | 16 | 2 401 | 20 | 8 669 | 24 |
| TM | 12 434 | 45 | 15 579 | 28 | 3 021 | 25 | 4 175 | 12 |
| BL | 2 080 | 8 | 3 563 | 6 | 942 | 8 | 2 248 | 6 |
| BI | 4 455 | 16 | 6 190 | 11 | 1 156 | 10 | 2 279 | 6 |
| RO | 1 355 | 5 | 7 274 | 13 | 1 113 | 9 | 6 751 | 19 |
| ALE | 1 982 | 7 | 9 590 | 17 | 1 431 | 12 | 8 527 | 24 |
| ALG | 857 | 3 | 1 860 | 3 | 317 | 3 | 1 046 | 3 |
| Açores | 1 789 | 6 | 2 742 | 5 | 1 461 | 12 | 2 196 | 6 |
| Madeira | 11 | 0 | 29 | 0 | 7 | 0 | 22 | 0 |

Em 2009 o efectivo equídeo, presente em cerca de 28 mil explorações agrícolas, contabilizou 56 mil cabeças. A concentração a nível regional é notória, com a região de Trás-os-Montes a destacar-se (28% do total de cabeças e 45% das explorações com equídeos) devido ao número elevado de asininos e muares, que representam 73% do total de equídeos nesta região. Segue-se o Alentejo, com 17% dos equídeos, o Entre Douro e Minho (16%) e o Ribatejo e Oeste (13%), onde prevalecem os equinos (cavalos).

Os equinos, que em 2009 representavam 64% do efectivo equídeo e estão presentes em 43% das explorações, concentram-se nas regiões do Entre Douro e Minho, Alentejo e Ribatejo e Oeste, que no seu conjunto contabilizavam 67% do efectivo equino total.

Entre 1999 e 2009, é notória a quebra acentuada do número de asininos e muares, tendo desaparecido, a nível nacional cerca de 60% dos animais.

Figura 4.48



Total de equídeos: total de cabeças do gado equídeo. A informação foi recolhida segundo a espécie, considerando o gado equino, gado asinino e gado muar, independentemente do sexo e idade.

Equinos: número de equinos (cavalos e éguas) de qualquer idade.

Asininos: número de burros (machos e fêmeas) de qualquer idade.

Muares: número de machos e mulas de qualquer idade.

4.6. Aves e coelhos

Figura 4.49

| Aves e Coelhoos, por região (2009) | | | | | | | | | | | | |
|------------------------------------|---------------|-----|------------|-----|-----------------------------------|-----|------------|-----|-------------------|-----|-----------|-----|
| Regiões | Total de Aves | | | | Galinhas poedeiras e reprodutoras | | | | Total de Coelhoos | | | |
| | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) |
| Portugal | 161 088 | 100 | 35 351 548 | 100 | 140 163 | 100 | 11 978 427 | 100 | 59 240 | 100 | 1 395 143 | 100 |
| Continente | 149 923 | 93 | 34 369 250 | 97 | 130 418 | 93 | 11 592 171 | 97 | 57 665 | 97 | 1 358 415 | 97 |
| EDM | 39 752 | 25 | 2 731 795 | 8 | 32 393 | 23 | 1 000 874 | 8 | 20 982 | 35 | 438 762 | 31 |
| TM | 25 502 | 16 | 680 923 | 2 | 22 952 | 16 | 209 242 | 2 | 9 520 | 16 | 295 884 | 21 |
| BL | 38 476 | 24 | 16 741 212 | 47 | 33 530 | 24 | 4 798 478 | 40 | 14 383 | 24 | 419 133 | 30 |
| BI | 17 894 | 11 | 593 433 | 2 | 17 067 | 12 | 225 567 | 2 | 6 107 | 10 | 67 408 | 5 |
| RO | 14 896 | 9 | 12 983 634 | 37 | 12 140 | 9 | 5 211 092 | 44 | 5 245 | 9 | 109 507 | 8 |
| ALE | 7 856 | 5 | 563 256 | 2 | 7 361 | 5 | 104 691 | 1 | 900 | 2 | 23 995 | 2 |
| ALG | 5 547 | 3 | 74 997 | 0 | 4 975 | 4 | 42 227 | 0 | 528 | 1 | 3 726 | 0 |
| Açores | 5 160 | 3 | 482 820 | 1 | 4 868 | 3 | 220 831 | 2 | 780 | 1 | 29 610 | 2 |
| Madeira | 6 005 | 4 | 499 478 | 1 | 4 877 | 3 | 165 425 | 1 | 795 | 1 | 7 118 | 1 |

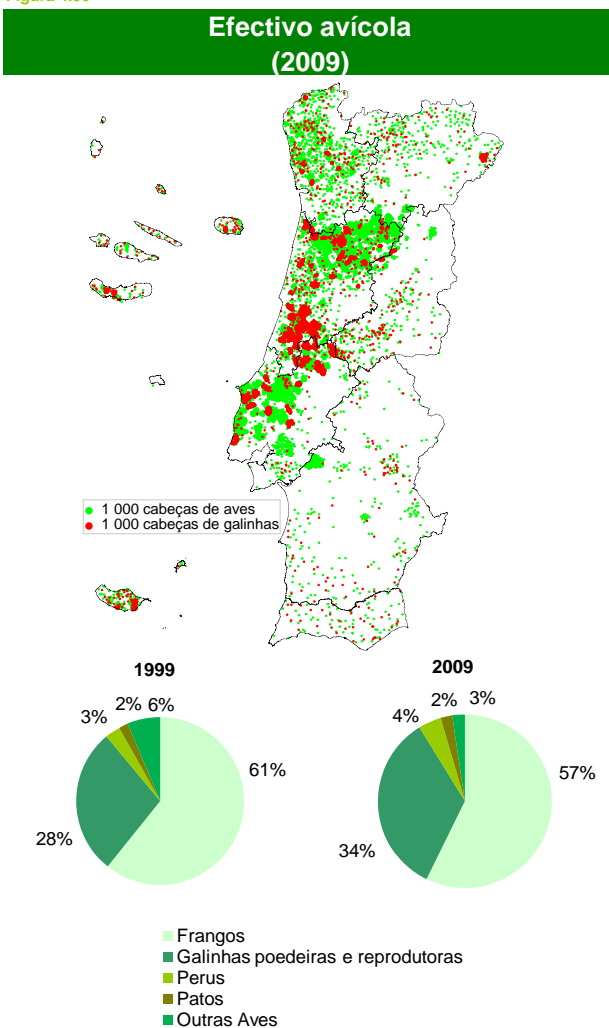
O efectivo de aves contabilizou 35 352 mil cabeças em 161 mil explorações, ou seja, cerca de 53% das unidades recenseadas em 2009 possuíam aves.

O efectivo de coelhos contou 1 395 mil animais, distribuídos por 59 mil explorações. A sua distribuição incide sobretudo no Entre Douro e Minho e Beira Litoral, regiões que em conjunto asseguram mais de 60% do número total de coelhos e onde se localizam algumas das maiores explorações de cunicultura industrial.

Cerca de 84% das aves concentram-se em 33% das explorações, localizadas na Beira Litoral e no Ribatejo e Oeste, seguidas do Entre Douro e Minho (8% do efectivo total, em 25% das explorações).

É nestas regiões que se localizam a maioria das unidades dedicadas à produção avícola industrial das principais espécies (galináceos, perus e patos), tanto as vocacionadas para produção de ovos como de carne, o que explica a distribuição geográfica dos efectivos avícolas.

Figura 4.50



Existem galinhas poedeiras e reprodutoras em 87% das explorações com aves. A distribuição geográfica do efectivo é semelhante à do total de aves, com a Beira Litoral, o Ribatejo e Oeste e o Entre Douro e Minho a concentrarem 92% do número total de galinhas, em virtude das maiores unidades avícolas produtoras de ovos, quer para consumo quer para incubação se concentrarem nessas regiões.

Em 2009 os frangos de carne (20 254 mil cabeças) constituíam cerca de 60% do total de aves, seguidos das galinhas poedeiras e reprodutoras (11 978 mil animais), que representavam 34% do efectivo total.

Os perus (1 518 mil cabeças) e patos (754 mil cabeças) são espécies com menor expressão, constituindo, respectivamente, 4% e 2% do efectivo total de aves a nível nacional. A categoria "outras aves" (inclui codornizes, gansos, pintadas, pombos para carne, avestruzes criadas em cativeiro e destinadas à produção) representa apenas 3% do total.

Galinhas poedeiras e reprodutoras: Fêmeas já em postura, quer os ovos se destinem ao consumo ou à incubação. Inclui as frangas destinadas à postura.

4.6.1 Instalações de galinhas poedeiras e reprodutoras

A avicultura industrial recorre a vários tipos de instalações, mas normalmente apenas as galinhas poedeiras são mantidas em gaiolas, enquanto as aves destinadas à produção de carne (frangos, perus, patos) são criadas em pavilhões em produção no solo com cama ou em sistemas de produção ao ar livre.

O sector avícola é responsável por uma percentagem significativa das emissões de amoníaco provenientes da agricultura. Entre outros factores, estas emissões dependem de características associadas ao tipo de alojamento utilizado na exploração avícola, nomeadamente do sistema de gestão de dejectos utilizado, do tipo de ventilação da instalação e da utilização de camas. As emissões de amoníaco variam dependendo da secagem ou não dos dejectos previamente à sua armazenagem.

Figura 4.51

| Instalações de galinhas poedeiras e reprodutoras em produção, por região (2009) | | | | | |
|---|--------------------------|-----|------------|-----|--|
| Regiões | Galinhas em instalações* | | | | Dimensão média do efectivo alojado (1000 cab./expl.) |
| | Nº Expl. | (%) | Nº Cab. | (%) | |
| Portugal | 142 | 100 | 10 498 619 | 100 | 74 |
| Continente | 131 | 92 | 10 229 250 | 97 | 78 |
| EDM | 14 | 10 | 828 517 | 8 | 59 |
| TM | 4 | 3 | 55 020 | 1 | 14 |
| BL | 76 | 54 | 4 510 517 | 43 | 59 |
| BI | 5 | 4 | 103 470 | 1 | 21 |
| RO | 30 | 21 | 4 713 226 | 45 | 157 |
| ALE | 2 | 1 | 18 500 | 0 | 9 |
| ALG | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Açores | 5 | 4 | 144 269 | 1 | 29 |
| Madeira | 6 | 4 | 125 100 | 1 | 21 |

*No universo de explorações com efectivo médio igual ou superior a 1000 galinhas poedeiras ou reprodutoras

A distribuição geográfica das galinhas em produção alojadas é semelhante à do efectivo total, sendo que 75% das explorações e 88% das aves em instalações estão concentradas no Ribatejo e Oeste e na Beira Litoral, regiões onde se localizam as maiores explorações avícolas. O Ribatejo e Oeste caracteriza-se por ter as explorações de maior dimensão média (157 mil cabeças/exploração), enquanto a Beira Litoral tem o maior número de explorações, mas com uma dimensão média de efectivo inferior (59 mil cabeças/exploração). Segue-se o Entre Douro e Minho, com 10% das explorações e 8% do efectivo alojado.

Os resultados por tipo de instalação considerada mostram que 64% do efectivo de galinhas em produção é mantido em gaiolas, sistema utilizado por 69% das explorações com instalações. Destas, a esmagadora maioria corresponde a unidades que usam o tapete rolante como sistema de remoção dos dejectos, concentrando 94% do efectivo total alojado em gaiolas.

Figura 4.52

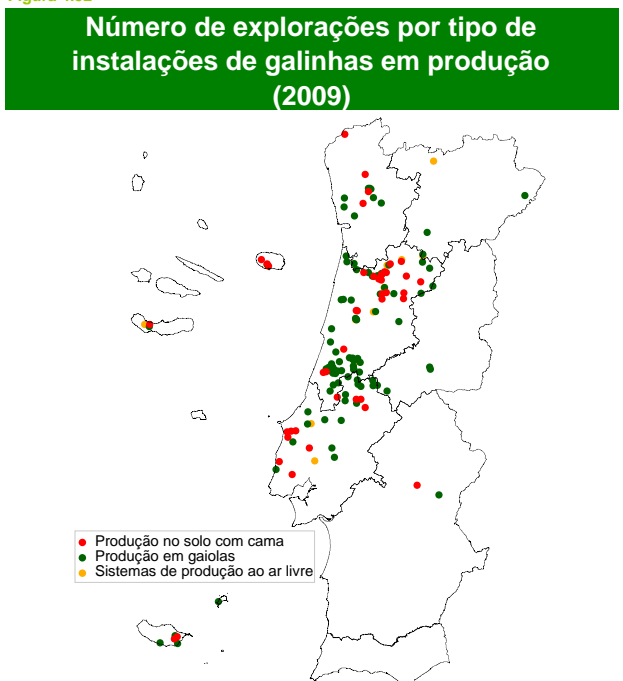
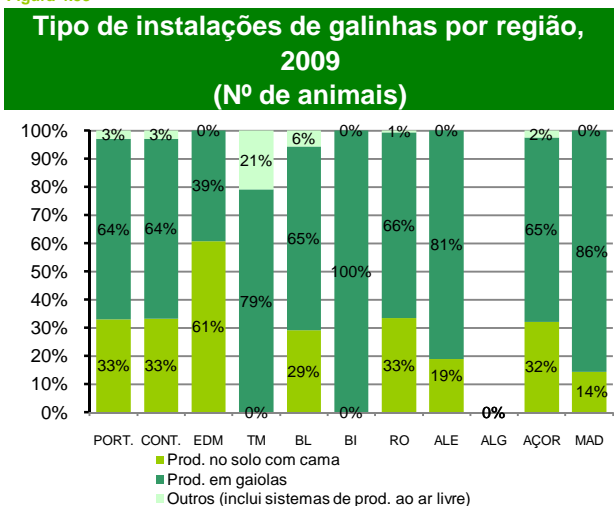
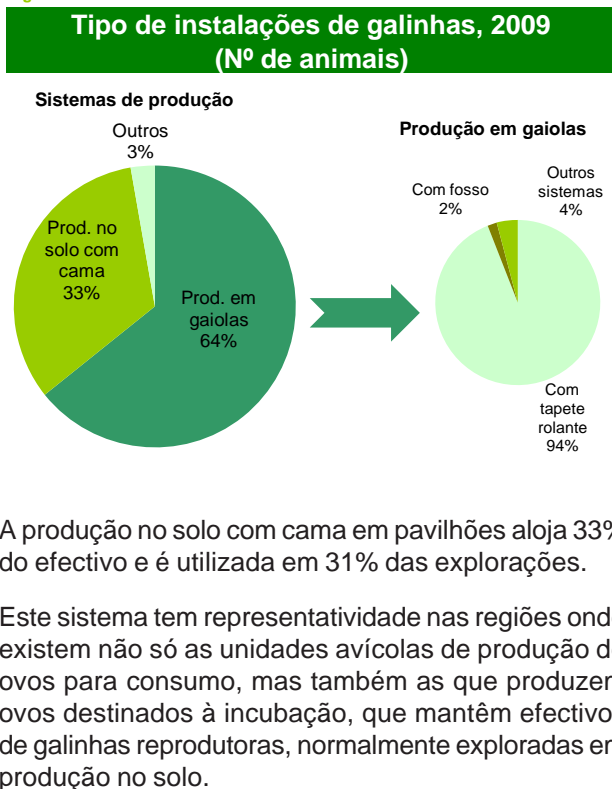


Figura 4.53



As baterias com fosso e outros sistemas de produção em gaiolas mostraram ter uma presença pouco significativa, já que no seu conjunto apenas mantêm 6% do efectivo alojado em gaiolas, correspondendo a unidades mais antigas e de menor dimensão, em que o número médio de galinhas alojadas é significativamente inferior.

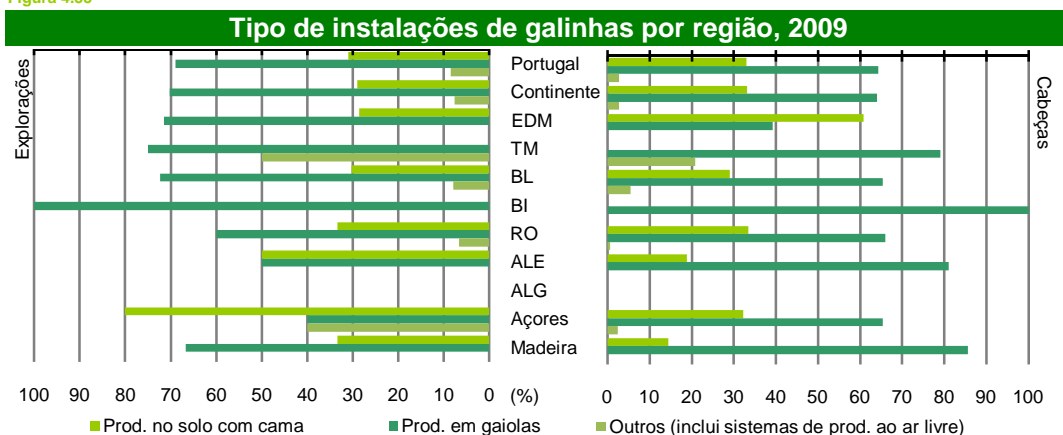
Figura 4.54



A produção no solo com cama em pavilhões aloja 33% do efectivo e é utilizada em 31% das explorações.

Este sistema tem representatividade nas regiões onde existem não só as unidades avícolas de produção de ovos para consumo, mas também as que produzem ovos destinados à incubação, que mantêm efectivos de galinhas reprodutoras, normalmente exploradas em produção no solo.

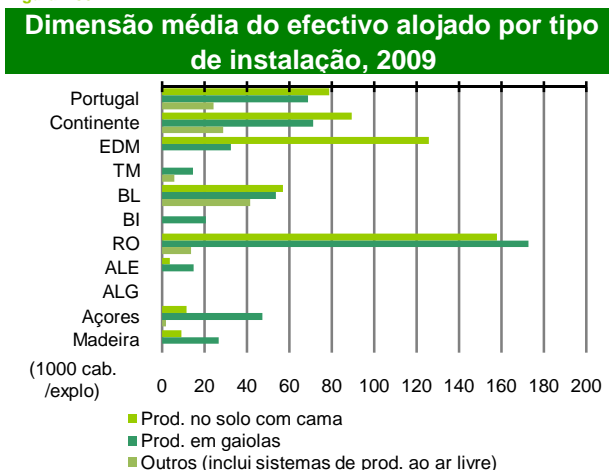
Figura 4.55



Quanto aos outros sistemas de produção, que incluem os sistemas de produção ao ar livre, estão restritos a 8% das explorações, mantendo apenas 3% do total de galinhas alojadas, tendo sido registadas ocorrências em Trás-os-Montes, Beira Litoral, Ribatejo e Oeste e Açores.

A dimensão média do efectivo alojado varia segundo o sistema de produção sendo nos outros sistemas consideravelmente inferior (cerca de 1/3) ao número médio registado na produção no solo e nas gaiolas em bateria, uma vez que inclui a produção ao ar livre em que a densidade de animais alojados é menor.

Figura 4.56



Instalações de galinhas poedeiras e reprodutoras (em produção)

Número médio de galinhas poedeiras e reprodutoras (excluindo as frangas que ainda não iniciaram a postura) alojadas, por sistema de produção, no universo das explorações agrícolas com um efectivo médio de 1 000 ou mais galinhas poedeiras ou reprodutoras.

Sistema de produção no solo com cama (em pavilhões): instalação avícola onde as aves estão alojadas no solo, sobre uma camada espessa de material de cama (palha, serradura, aparas de madeira ou outros), podendo uma parte do pavimento ser constituído por grelha. Os excrementos são normalmente removidos mecanicamente, com intervalos que podem ser de vários meses, para o exterior da instalação.

Sistema de produção em gaiolas: instalações onde as galinhas estão alojadas em gaiolas, de lotação variável, cuja disposição em bateria pode assumir diferentes formas.

Gaiolas com tapete rolante: instalação avícola onde as galinhas permanecem em gaiolas, dispostas sequencialmente em bateria, de forma permitir a remoção mecânica dos dejectos através de um tapete rolante.

Gaiolas com fosso: instalação avícola onde as galinhas permanecem em gaiolas, dispostas sequencialmente em bateria, para que os dejectos caiam para um fosso localizado sob estas, sendo em geral removidos com recurso a um rodo mecânico ou manualmente.

Outros sistemas de produção em gaiolas: outro tipo de instalações com gaiolas, não referidas anteriormente.

- Gaiolas em bateria em que os excrementos caem directamente para o chão, sem que exista um fosso a delimitar a sua zona de recolha;
- Gaiolas em bateria em que os excrementos são recolhidos em tabuleiros colocados sob estas e removidos manualmente.

Outros sistemas de produção: outro tipo de instalações não referidas anteriormente. Inclui os sistemas de produção ao ar livre.

Sistemas de produção ao ar livre: sistemas de produção avícola em que as aves têm, durante o dia, acesso contínuo a espaços exteriores às instalações, permanecendo ao ar livre, em áreas delimitadas.

4.7. Colmeias e cortiços povoados

As colmeias e cortiços povoados presentes em cerca de 9 mil explorações agrícolas, contabilizaram 196 mil unidades em 2009. A nível regional, assiste-se a uma maior concentração destas estruturas em Trás-os-Montes, Alentejo e Algarve, regiões que em conjunto asseguram cerca de 60% do total de colmeias e cortiços recenseados.

Em termos estruturais, é de referir que, no total de unidades, 91% são colmeias, com os cortiços a apresentar uma expressão reduzida a nível nacional, se bem que assumindo ainda algum significado na Beira Interior, onde representam 29% do total regional.

Figura 4.57

Colmeias e cortiços povoados, por região (2009)

| Regiões | Total de Colmeias e Cortiços | | | | Colmeias | | | |
|-------------------|------------------------------|-----|---------|-----|----------|-----|---------|-----|
| | Nº Expl. | (%) | Nº | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº | (%) |
| Portugal | 8 805 | 100 | 195 596 | 100 | 8 203 | 100 | 177 370 | 100 |
| Continente | 8 569 | 97 | 192 526 | 98 | 7 969 | 97 | 174 322 | 98 |
| EDM | 2 019 | 23 | 16 532 | 8 | 1 929 | 24 | 14 886 | 8 |
| TM | 1 160 | 13 | 38 885 | 20 | 1 134 | 14 | 37 702 | 21 |
| BL | 2 281 | 26 | 25 530 | 13 | 2 202 | 27 | 22 240 | 13 |
| BI | 1 600 | 18 | 27 387 | 14 | 1 307 | 16 | 19 349 | 11 |
| RO | 509 | 6 | 8 852 | 5 | 474 | 6 | 7 608 | 4 |
| ALE | 623 | 7 | 39 761 | 20 | 594 | 7 | 37 796 | 21 |
| ALG | 377 | 4 | 35 579 | 18 | 329 | 4 | 34 741 | 20 |
| Açores | 116 | 1 | 1 921 | 1 | 114 | 1 | 1 899 | 1 |
| Madeira | 120 | 1 | 1 149 | 1 | 120 | 1 | 1 149 | 1 |

Colmeias e cortiços: número de colónias de abelhas, consoante a natureza do seu abrigo (colmeias e cortiços), destinadas à produção de mel. Exclui as colónias dirigidas para a obtenção exclusiva de outros produtos: rainhas, própolis, pólen, cera, geleia real e veneno.

Colmeia: abrigo feito especialmente para alojar uma colónia de abelhas, visando a exploração económica.

Cortiço: abrigo de cortiça, geralmente em formato cilíndrico, feito especialmente para alojar uma colónia abelhas, visando a exploração económica.

Sabia que:

- Ponta Delgada tem o maior efectivo de vacas leiteiras e Montemor-o-Novo o maior número de vacas aleitantes;
- No Cartaxo a dimensão média do efectivo suíno por exploração é de 6983 cabeças;
- Castelo Branco tem cerca de 10% do efectivo ovino leiteiro existente em Portugal;
- Metade das explorações no município da Sertã têm caprinos;
- Oliveira de Frades concentra o maior número de frangos de carne do país e Oliveira do Hospital o maior número de coelhos;
- Em Chaves uma em cada 5 explorações tem efectivo asinino;
- É em Monchique que existe o maior número de colmeias e cortiços em explorações agrícolas;
- Barcelos é, devido à importância do sector leiteiro, o município com maior número de bovinos estabulados, cerca de 10% do total do país;
- Cerca de 1/4 das explorações com instalações de suínos estão localizadas em Leiria e Alcobaça;
- Ferreira do Zêzere e Leiria contabilizam 24% do total de galinhas poedeiras e reprodutoras alojadas.



Máquinas agrícolas

5. MÁQUINAS AGRÍCOLAS

5.1. Tractores

Figura 5.1

| Utilização de tractores, por região (2009) | | | | | | |
|--|----------------------------------|-----|--------------------------|------------------------|-------------------------------|--|
| Regiões | Explorações que utilizam tractor | | | | | |
| | Nº | (%) | No total das Explorações | | % que utiliza tractor próprio | % que utiliza tractor não pertencente à exploração |
| | | | (%) | Variação (1999-2009) % | | |
| Portugal | 249 562 | 100 | 82 | 2 | 58 | 52 |
| Continente | 241 363 | 97 | 87 | 3 | 59 | 51 |
| EDM | 46 979 | 19 | 96 | 2 | 55 | 66 |
| TM | 51 048 | 20 | 83 | 5 | 51 | 53 |
| BL | 45 099 | 18 | 91 | 3 | 67 | 44 |
| BI | 30 114 | 12 | 89 | 8 | 57 | 49 |
| RO | 33 396 | 13 | 84 | 1 | 69 | 39 |
| ALE | 24 285 | 10 | 76 | -1 | 59 | 46 |
| ALG | 10 442 | 4 | 84 | 7 | 60 | 46 |
| Açores | 7 839 | 3 | 58 | -2 | 35 | 86 |
| Madeira | 360 | 0 | 3 | 1 | 57 | 43 |

Em 2009, 82% das explorações em Portugal utilizavam tractores no desempenho da sua actividade agrícola, mais 2 p.p. do que em 1999. É no Entre Douro e Minho e na Beira Litoral que a utilização do tractor abrange maior número de explorações (mais de 90%), enquanto nas Regiões Autónomas essa utilização se revela menos frequente, sendo que na Madeira apenas 3% das explorações recorrem ao tractor na sua prática agrícola. De referir ainda que nos Açores 42% das explorações agrícolas não utilizam tractor. De facto

as unidades produtivas que apresentam outros sistemas de produção que não os pecuários, apresentam uma dimensão reduzida, não se justificando a sua utilização.

Comparativamente a 1999 (com excepção do Alentejo e dos Açores) todas as restantes regiões viram reforçado o grau de mecanização das explorações agrícolas através do aumento da representatividade das unidades produtivas que utilizam tractor, tendo este crescimento sido mais expressivo na Beira Interior, Algarve e em Trás-os-Montes.

Figura 5.2

| Tractores nas explorações, por região (2009) | | | | | | | | |
|--|---------------------------------|-----|--------------------------|------------------------|-----------|-----|-----------------------------|------------------------|
| Regiões | Explorações com tractor próprio | | | | Tractores | | Tractores por 100 ha de SAU | |
| | Nº | (%) | No total das Explorações | | Nº | (%) | Nº | Variação (1999-2009) % |
| | | | (%) | Variação (1999-2009) % | | | | |
| Portugal | 145 583 | 100 | 48 | 15 | 184 471 | 100 | 5 | 15 |
| Continente | 142 605 | 98 | 51 | 16 | 180 496 | 98 | 5 | 15 |
| EDM | 25 732 | 18 | 52 | 18 | 33 264 | 18 | 16 | 15 |
| TM | 25 885 | 18 | 42 | 15 | 30 027 | 16 | 7 | 50 |
| BL | 30 385 | 21 | 61 | 22 | 35 567 | 19 | 28 | 35 |
| BI | 17 051 | 12 | 51 | 19 | 19 565 | 11 | 6 | 43 |
| RO | 23 000 | 16 | 58 | 18 | 31 914 | 17 | 8 | 9 |
| ALE | 14 258 | 10 | 45 | 9 | 22 716 | 12 | 1 | 9 |
| ALG | 6 294 | 4 | 51 | 13 | 7 443 | 4 | 8 | 4 |
| Açores | 2 773 | 2 | 20 | 9 | 3 750 | 2 | 3 | 44 |
| Madeira | 205 | 0 | 2 | 1 | 225 | 0 | 4 | 103 |

Nos últimos dez anos, o parque de máquinas das explorações agrícolas foi reforçado em cerca de 16 mil tractores, dos quais mais de metade (8 866 unidades) foram adquiridos por produtores de Trás-os-Montes. Esta situação deve-se à conjugação de vários factores, entre os quais a diminuição da mão-de-obra disponível (mesmo a familiar) e ao aumento do custo da mesma, e a existência de apoios comunitários vocacionados para as pequenas explorações agrícolas, que maioritariamente foram conduzidos para a mecanização, permitindo projectos que incluíram a aquisição de tractores agrícolas.

De referir que, não obstante as regiões da Beira Litoral, Ribatejo e Oeste e Algarve apresentarem um maior grau de mecanização, este deve-se essencialmente ao decréscimo verificado no número de explorações, uma vez que o número de tractores nestas regiões, face a 1999, até decresceu.

Desta forma, em 2009, 48 em cada 100 explorações possuíam tractor próprio, mais 15 do que em 1999. Esta evolução resulta do aumento efectivo do número de tractores (+9,5%), conjugado com o desaparecimento das explorações.

Figura 5.3

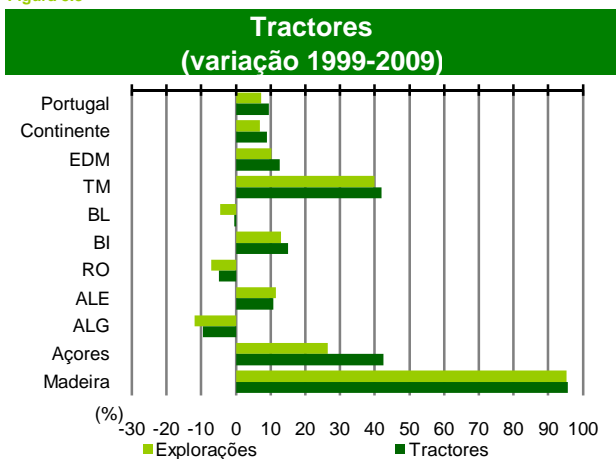
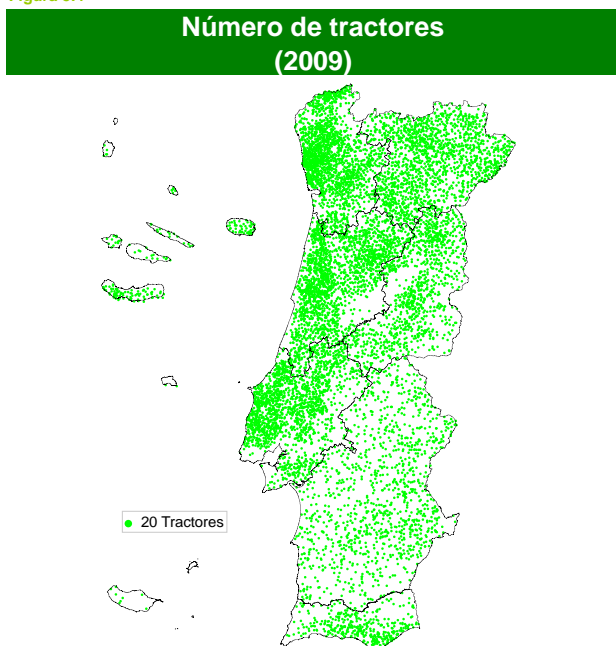


Figura 5.4

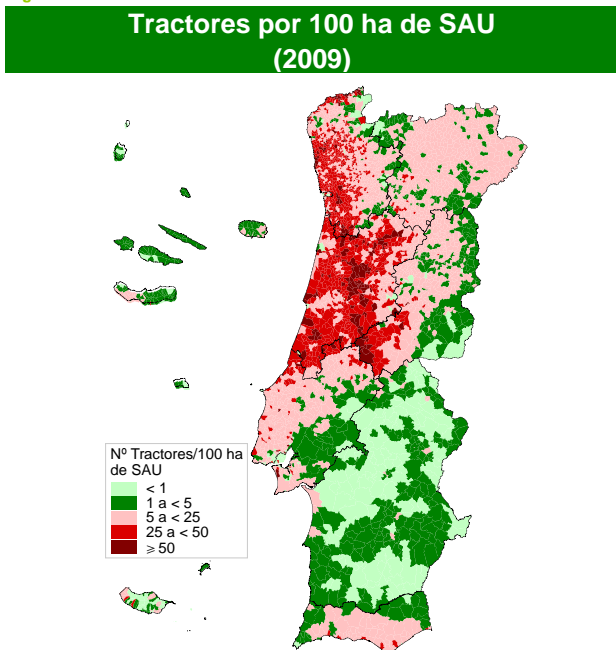


O aumento da percentagem de explorações com tractor próprio na década em análise foi generalizado. No Continente, em todas as regiões, com excepção de Trás-os-Montes e Alentejo, mais de 50% das explorações possuem tractor. É na Beira Litoral que este indicador atinge o valor máximo (61% das explorações), enquanto em Trás-os-Montes esta percentagem é de 42%.

A utilização de tractores próprios nas Regiões Autónomas, embora tenha aumentado no período em análise tanto nos Açores (de 11% para 20%) como na Madeira (de 1% para 2%), é consideravelmente mais baixa do que no Continente, o que se justifica pelo sistema de agricultura praticado, morfologia do terreno e estrutura fundiária.

No que diz respeito ao indicador das condições de mecanização “número de tractores por 100 hectares de SAU”, observou-se um aumento tendo passado de 4 unidades em 1999 para 5 em 2009. Este indicador está intrinsecamente ligado à estrutura fundiária e aos sistemas produtivos praticados, atingindo na Beira Litoral o valor mais elevado, 28 tractores por 100 hectares de SAU, em contraste com o Alentejo que regista apenas 1 tractor para igual superfície.

Figura 5.5



Da mesma forma, a natureza jurídica da exploração constitui um factor de diferenciação das condições de mecanização: a realidade específica das sociedades resulta numa utilização dos tractores mais eficiente, dado que para explorar 100 hectares de SAU, apenas é necessário 1 tractor, enquanto, em média, para o total das explorações são necessários 5 tractores.

Figura 5.6

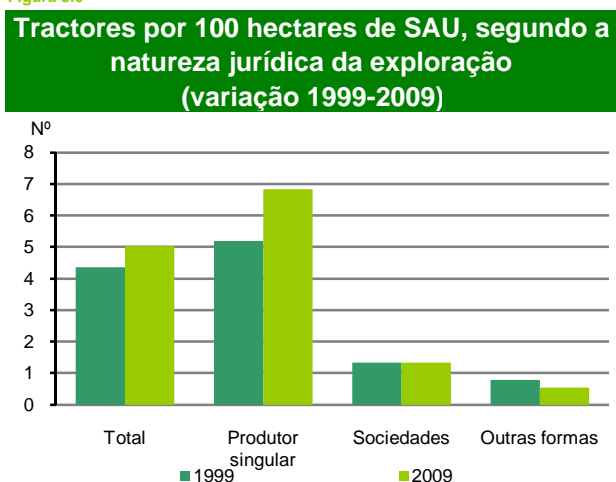
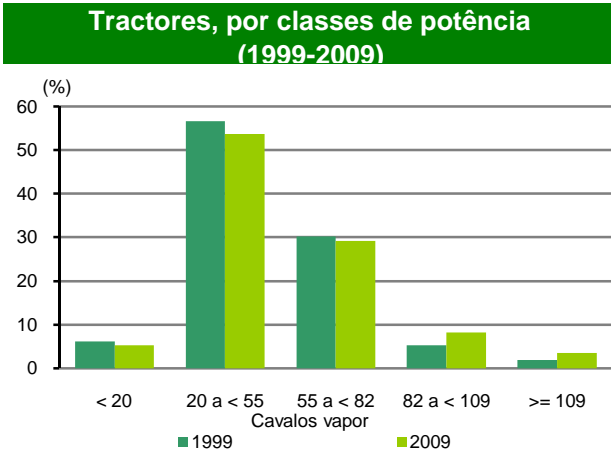
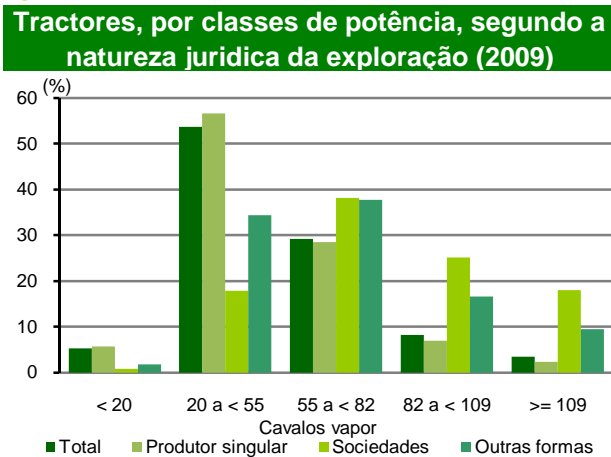


Figura 5.7



Na década em análise assistiu-se também ao aumento da potência instalada, com um maior número de veículos com potência superior a 82 cavalos vapor (de 7% do total de tractores em 1999 para 12% em 2009), tendo os tractores com menos de 55 cavalos vapor diminuído a sua importância relativa (de 63% em 1999, para 59% em 2009).

Figura 5.8



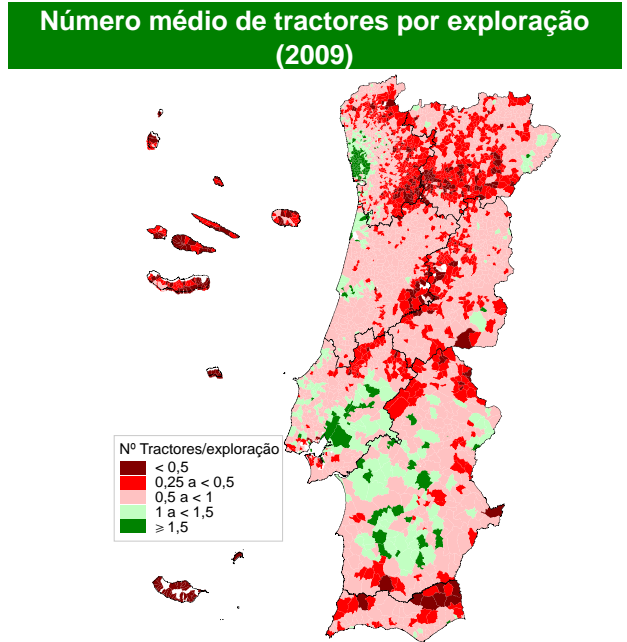
A potência utilizada está relacionada com o tipo de gestão praticada. De facto, a análise das unidades agrícolas com a natureza jurídica de “sociedade” revela que os tractores com potência superior a 82 cavalos vapor representam 43% do total de veículos utilizados.

O número médio de tractores por exploração em 2009 foi de 0,6 tractores por exploração, o que significa que 6 em cada 10 explorações possuía tractor.

Este indicador está directamente relacionado com a dimensão unitária da SAU, sendo que a sua distribuição regional reflecte de uma forma geral a estrutura fundiária das explorações.

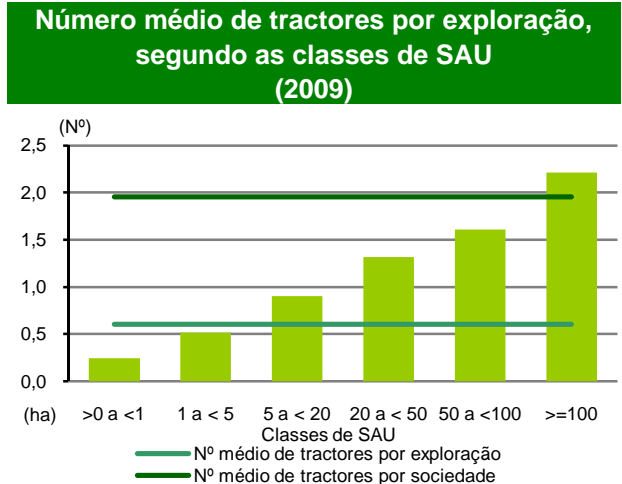
Há excepções, como é o caso das explorações especializadas em bovinos leiteiros no Entre Douro e Minho e Beira Litoral, que apesar da sua pequena dimensão em termos de SAU, têm um maneio específico que habitualmente requer a utilização de um maior número de tractores.

Figura 5.9



Nas explorações com menos de 1 hectare, apenas duas em cada 10 explorações possuem tractor, aumentando para 5 quando se consideram as explorações entre 1 e 5 hectares. Somente as explorações com mais de 20 hectares possuem, em média, mais do que 1 tractor por exploração, ultrapassando as 2 unidades nas explorações com mais de 100 hectares.

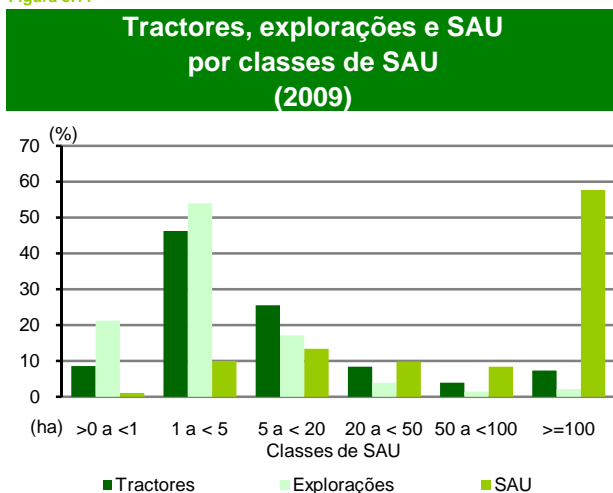
Figura 5.10



Tendo em conta o critério da natureza jurídica da exploração, observa-se que no caso das sociedades, o número médio quase atinge os 2 tractores por exploração (1,96), mais do triplo da média nacional.

A repartição dos tractores e das explorações por classes de SAU, indica que 7% destes veículos motrizes são propriedade de 2% das explorações que detêm 58% da SAU e se caracterizam por possuírem 100 ou mais hectares de SAU.

Figura 5.11



A distribuição das explorações por classes de número de tractores não regista grandes alterações. A maioria das explorações (83%) tem apenas um tractor; 12% são explorações com 2 tractores, sendo as que têm mais de 3 tractores (cerca de 3 mil) pouco representativas no total das unidades agrícolas com tractor (2,1%).

Figura 5.12

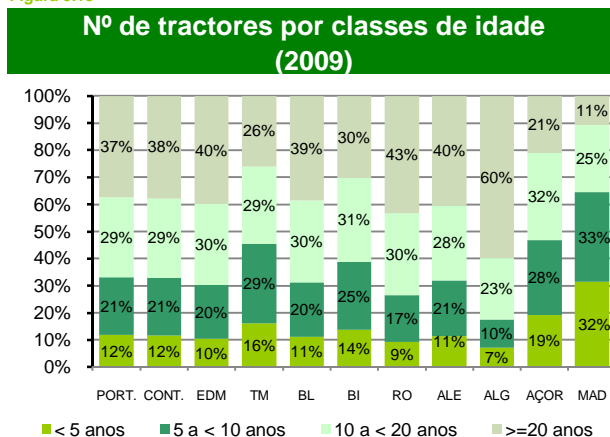
Explorações com tractor, por classes de número de tractores (1999-2009)

Unidade: (%)

| Anos | Classes de nº de tractores | | | | |
|------|----------------------------|------|-----|-------|-----|
| | 1 | 2 | 3 | 4 e 5 | >=6 |
| 1999 | 84,3 | 11,0 | 2,9 | 1,3 | 0,5 |
| 2009 | 82,8 | 11,9 | 3,2 | 1,6 | 0,4 |

No que diz respeito à idade dos tractores, na distribuição por classes etárias observada em 2009, apenas 12% tinham menos de 5 anos e 37% eram máquinas com 20 ou mais anos. Em termos regionais, destaca-se a Madeira como detentora do equipamento mais recente (32% de tractores com menos de 5 anos), enquanto o Algarve, onde 60% dos tractores das explorações têm 20 anos ou mais, mostrou ter o parque mais envelhecido.

Figura 5.13



5.2. Utilização de tractores não pertencentes à exploração

Figura 5.14

Utilização de tractores não pertencentes à exploração (2009)

| Regiões | Nº Expl. | (%) | No total das explorações | | Em relação às explorações que utilizam tractores próprios (%) |
|------------|----------|-----|--------------------------|------------------------|---|
| | | | % | Variação (1999-2009) % | |
| Portugal | 128 801 | 100 | 42 | -12 | 88 |
| Continente | 121 903 | 95 | 44 | -12 | 85 |
| EDM | 31 095 | 24 | 63 | -8 | 121 |
| TM | 27 196 | 21 | 44 | -15 | 105 |
| BL | 19 716 | 15 | 40 | -14 | 65 |
| BI | 14 800 | 11 | 44 | -9 | 87 |
| RO | 13 113 | 10 | 33 | -18 | 57 |
| ALE | 11 152 | 9 | 35 | -13 | 78 |
| ALG | 4 831 | 4 | 39 | -5 | 77 |
| Açores | 6 742 | 5 | 50 | -6 | 243 |
| Madeira | 156 | 0 | 1 | 1 | 76 |

O recurso à utilização de tractores não pertencentes ao parque de máquinas da exploração é elevado. Em 2009 cerca de 42% das explorações utilizaram tractores alugados, emprestados ou comunitários. No entanto, esta percentagem é inferior à registada em 1999, quando 54% das unidades agrícolas recorriam a tractores externos.

No que diz respeito à utilização de tractores não pertencentes à exploração, o Entre Douro e Minho e os Açores destacam-se por recorrerem de forma significativa a esta prática. Entre outras razões, aponta-se a necessidade de nestas regiões, devido à predominância dos sistemas de produção de leite e carne de bovino, se proceder à ensilagem (corte, compactação e fermentação da forragem), operação que envolve habitualmente vários tractores a operar em simultâneo. Por outro lado há a referir ainda a pequena dimensão das explorações de Entre Douro e Minho que não justificam a manutenção de vários tractores e a renovação das pastagens nos Açores que por ocorrerem pontualmente, não justificam a presença permanente destas alfaias na exploração.

Em 2009 esta prática mostrou ter menor expressão no Ribatejo e Oeste, na Beira Litoral e na Madeira, onde a maior percentagem das unidades agrícolas que utilizam tractor tem veículo próprio.

5.3. Outras máquinas agrícolas

Ao contrário da evolução do número de tractores próprios, entre 1999 e 2009 o parque de máquinas das explorações agrícolas registou decréscimos no número de motocultivadores (-33%), motoenxadas (-10%) e motogadanheiras (-73%). Este tipo de equipamentos, de reduzida dimensão e grande polivalência, está muito associado à pequena agricultura, pelo que o desaparecimento das explorações e o emparcelamento justificam, de certo modo, a diminuição da utilização destas máquinas.

Figura 5.15

| Máquinas agrícolas nas explorações (1999-2009) | | | |
|---|--------|--------|--------------------------------|
| Máquinas agrícolas | 1999 | 2009 | Variação (1999-2009) (%) |
| | Nº | | |
| Motocultivadores | 57 106 | 38 285 | - 33 |
| Motoenxadas (motofresas) | 24 234 | 21 839 | - 10 |
| Motogadanheiras | 21 969 | 6 020 | - 73 |
| Ceifeiras debulhadoras | 4 201 | 3 173 | - 24 |
| Máquinas de vindima | 354 | 268 | - 24 |
| Colhedores de azeitona | 792 | 1 208 | 53 |

Relativamente a outros equipamentos com maior especificidade, é de salientar a diminuição do número de ceifeiras debulhadoras (-24%), relacionada com a perda de importância dos cereais para grão, bem como a quebra do número das máquinas de vindima próprias (-24%), que poderá justificar-se por um maior recurso ao seu aluguer externo, uma vez que o número total de explorações que recorreu a este tipo de máquinas mais do que duplicou, relativamente ao registado em 1999. O aumento significativo dos colhedores de azeitona (+53%) é resultante da expansão e modernização da actividade olivícola em Portugal, no período em análise.

Sabia que:

- Em Vila do Conde existem mais de 2 tractores por exploração, enquanto na Madeira existe apenas um tractor em cada 60 explorações;
- O município de Barrancos utiliza apenas 0,3 tractores para 100 ha de SAU, enquanto em Mortágua são necessários, em média, 69 tractores para explorar a mesma área;
- No município de Ribeira Brava, na Madeira, apenas 0,2% das explorações agrícolas recorre à utilização de tractor;
- 50% dos tractores existentes no Funchal têm menos de 5 anos e em Faro 71% têm 20 anos ou mais;
- No município de Beja existem 168 ceifeiras debulhadoras;
- Serpa concentra o maior número de colhedores de azeitona;
- É às explorações vitícolas de Torres Vedras que pertence o maior número de máquinas de vindima.



População e mão-de-obra agrícola

6. POPULAÇÃO E MÃO-DE-OBRA AGRÍCOLA

6.1. População e mão-de-obra agrícola familiar

6.1.1. Caracterização da população agrícola familiar

Figura 6.1

| População agrícola familiar e população residente, por região (2009) | | | | | | |
|--|---|-----|-----------------------------|-----|--------------------------|----------------------------|
| Regiões | Estimativas da população residente (2009) | | População agrícola familiar | | | |
| | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | Variação (1999-2009) (%) | Na população residente (%) |
| Portugal | 10 637 715 | 100 | 793 169 | 100 | -36 | 7 |
| Continente | 10 144 942 | 95 | 709 928 | 90 | -37 | 7 |
| EDM | 3 324 723 | 31 | 150 588 | 19 | -39 | 5 |
| TM | 420 854 | 4 | 151 529 | 19 | -23 | 36 |
| BL | 1 426 927 | 13 | 134 174 | 17 | -46 | 9 |
| BI | 357 324 | 3 | 78 470 | 10 | -36 | 22 |
| RO | 3 677 584 | 35 | 96 111 | 12 | -44 | 3 |
| ALE | 503 507 | 5 | 69 849 | 9 | -24 | 14 |
| ALG | 434 023 | 4 | 29 207 | 4 | -39 | 7 |
| Açores | 245 374 | 2 | 42 481 | 5 | -38 | 17 |
| Madeira | 247 399 | 2 | 40 760 | 5 | -8 | 16 |

Em 2009 a população agrícola familiar, formada pelo produtor agrícola e pelos membros do seu agregado doméstico, quer tenham trabalhado ou não na exploração, era constituída por 793 mil indivíduos, representando cerca de 7% da população residente em Portugal.

Nos dez anos em análise verificou-se um decréscimo de 36% na população agrícola familiar, determinado pelo desaparecimento das explorações (-27%) e também pela redução da dimensão média do agregado familiar do produtor, que passou de 3,0 para 2,7 indivíduos.

Os maiores decréscimos na população agrícola ocorreram, como seria de esperar, nas regiões onde as explorações mais cessaram actividade, nomeadamente na Beira Litoral (-46%) e no Ribatejo e Oeste (-44%).

Figura 6.2

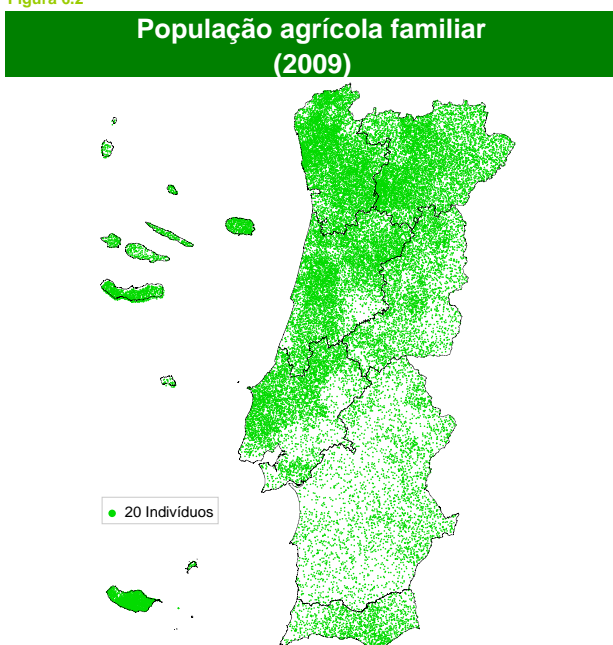
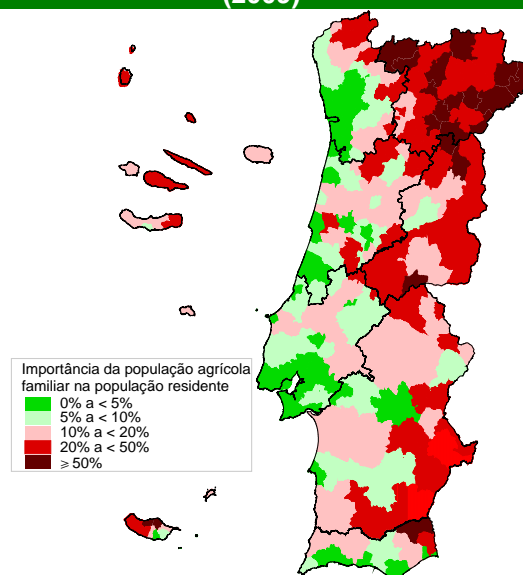


Figura 6.3

Importância da população agrícola familiar na população residente (2009)



O peso social da agricultura é maior no interior do país, representando em Trás-os-Montes 36% da população residente e na Beira Interior 22%. Em contrapartida, a população agrícola familiar tem menor expressão no Ribatejo e Oeste, onde representa apenas 3% da população residente, subindo para os 5% em Entre Douro e Minho, 7% no Algarve e 9% na Beira Litoral. Nas Regiões Autónomas a população agrícola familiar mantém um peso considerável, rondando 1/6 da população residente.

População residente: pessoas que, independentemente de no momento de observação, estarem presentes ou ausentes numa determinada unidade de alojamento, aí habitam a maior parte do ano com a família ou detêm a totalidade ou a maior parte dos seus haveres.

População agrícola familiar: conjunto de pessoas que fazem parte do agregado doméstico do produtor (singular) quer trabalhem ou não na exploração, bem como os outros membros da família que não pertencendo ao agregado doméstico, participam regularmente nos trabalhos agrícolas da exploração.

Figura 6.4

População agrícola familiar e população residente, segundo as classes etárias, por região (variação 1999-2009)

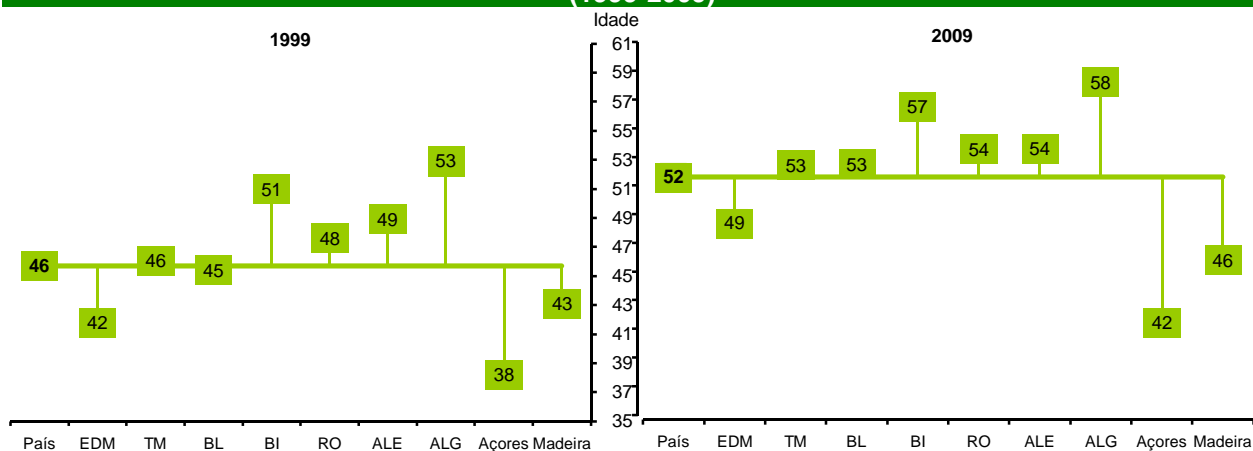
| Regiões | Total | | Classes etárias | | | | | | | | | | | |
|--|------------|--------------------------|-----------------|-----|----------------|-----------|----------------|-----|-----------|-----|---------|--------------------------|----|-----|
| | Nº Ind. | Variação (1999-2009) (%) | < 35 anos | | 35 a < 45 anos | | 45 a < 65 anos | | ≥ 65 anos | | Nº Ind. | Variação (1999-2009) (%) | | |
| | | | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | | | | |
| Estimativas da população residente (2009) | | | | | | | | | | | | | | |
| Portugal | 10 637 715 | 5 | 4 413 481 | 41 | -6 | 1 600 346 | 15 | 11 | 2 743 148 | 26 | 15 | 1 880 740 | 18 | 16 |
| População agrícola familiar | | | | | | | | | | | | | | |
| Portugal | 793 169 | -36 | 182 572 | 23 | -56 | 78 124 | 10 | -39 | 270 140 | 34 | -31 | 262 333 | 33 | -12 |
| Continente | 709 928 | -37 | 153 365 | 22 | -58 | 67 103 | 9 | -42 | 243 827 | 34 | -33 | 245 633 | 35 | -12 |
| EDM | 150 588 | -39 | 43 028 | 29 | -59 | 16 950 | 11 | -37 | 48 113 | 32 | -30 | 42 497 | 28 | -13 |
| TM | 151 529 | -23 | 32 026 | 21 | -50 | 14 341 | 9 | -32 | 53 907 | 36 | -14 | 51 255 | 34 | 5 |
| BL | 134 174 | -46 | 29 094 | 22 | -65 | 11 755 | 9 | -52 | 48 186 | 36 | -43 | 45 139 | 34 | -17 |
| BI | 78 470 | -36 | 12 508 | 16 | -59 | 6 289 | 8 | -43 | 26 680 | 34 | -33 | 32 993 | 42 | -19 |
| RO | 96 111 | -44 | 18 625 | 19 | -62 | 8 901 | 9 | -50 | 34 145 | 36 | -43 | 34 440 | 36 | -19 |
| ALE | 69 849 | -24 | 13 960 | 20 | -45 | 6 620 | 9 | -30 | 23 319 | 33 | -23 | 25 950 | 37 | -2 |
| ALG | 29 207 | -39 | 4 124 | 14 | -61 | 2 247 | 8 | -43 | 9 477 | 32 | -42 | 13 359 | 46 | -22 |
| Açores | 42 481 | -38 | 16 334 | 38 | -48 | 5 561 | 13 | -39 | 13 771 | 32 | -20 | 6 815 | 16 | -35 |
| Madeira | 40 760 | -8 | 12 873 | 32 | -26 | 5 460 | 13 | 13 | 12 542 | 31 | 4 | 9 885 | 24 | -2 |

A população rural envelheceu consideravelmente, passando a média de idades dos 46 anos em 1999 para os 52 anos em 2009. O número de indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos representa 1/3 da população, mais 9 pp. do que 1999.

Em contrapartida, as faixas etárias mais jovens perderam importância relativa, apenas 1/3 dos indivíduos têm menos de 45 anos, o que representa um decréscimo de 11 pp.

Figura 6.5

Idade média da população agrícola familiar (1999-2009)



Regionalmente o Algarve apresenta a população agrícola familiar mais envelhecida, com a idade média dos indivíduos a rondar os 58 anos. Por oposição, nos Açores a população agrícola é consideravelmente mais jovem, sendo a média de idades de 42 anos.

Figura 6.6

Estrutura etária da população agrícola familiar, por região (2009)

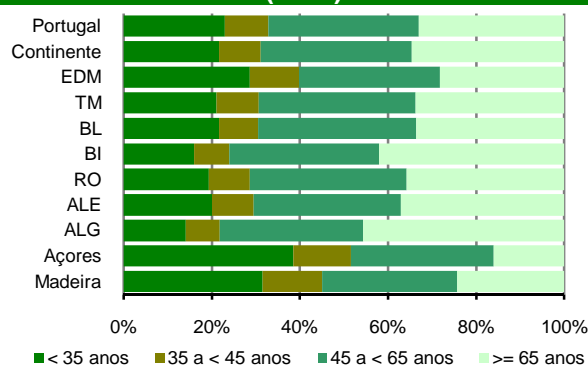


Figura 6.7

População agrícola familiar e população residente, segundo o nível de instrução, por região (variação 1999-2009)

| Regiões | Total | | Nível de Instrução | | | | | | | | | | | |
|--|------------|----------------------|--------------------|-----|----------------------|-----------|----------------------|---------|----------------|----------------------|---------|-----|----------------------|--|
| | | | Nenhum (a) | | | Básico | | | | | | | | |
| | Nº Ind. | Var. (1999-2009) (%) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) (%) | 1º Ciclo | | | 2º e 3º Ciclos | | | | | |
| | | | | | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) (%) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) (%) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) (%) | |
| Estimativas da população residente (2009) | | | | | | | | | | | | | | |
| Portugal | 10 637 715 | 5 | 2 102 969 | 20 | -24 | 2 863 895 | 27 | -8 | 3 337 901 | 31 | 18 | | | |
| População agrícola familiar | | | | | | | | | | | | | | |
| Portugal | 793 169 | -36 | 173 336 | 22 | -57 | 314 011 | 40 | -30 | 184 626 | 23 | -30 | | | |
| Continente | 709 928 | -35 | 155 834 | 22 | -58 | 284 175 | 40 | -30 | 160 233 | 23 | -32 | | | |
| EDM | 150 588 | -39 | 36 371 | 24 | -57 | 55 248 | 37 | -33 | 38 455 | 26 | -38 | | | |
| TM | 151 529 | -23 | 32 760 | 22 | -50 | 60 480 | 40 | -14 | 33 303 | 22 | -17 | | | |
| BL | 134 174 | -46 | 28 879 | 22 | -62 | 57 050 | 43 | -39 | 29 730 | 22 | -43 | | | |
| BI | 78 470 | -36 | 18 373 | 23 | -59 | 32 642 | 42 | -27 | 15 314 | 20 | -26 | | | |
| RO | 96 111 | -44 | 17 504 | 18 | -66 | 42 216 | 44 | -36 | 21 816 | 23 | -38 | | | |
| ALE | 69 849 | -24 | 14 842 | 21 | -50 | 24 751 | 35 | -20 | 15 839 | 23 | -12 | | | |
| ALG | 29 207 | -39 | 7 105 | 24 | -58 | 11 788 | 40 | -34 | 5 776 | 20 | -28 | | | |
| Açores | 42 481 | -38 | 6 685 | 16 | -63 | 15 883 | 37 | -37 | 14 362 | 34 | -26 | | | |
| Madeira | 40 760 | -8 | 10 817 | 27 | -34 | 13 953 | 34 | -7 | 10 031 | 25 | 8 | | | |

| Regiões | Nível de Instrução | | | | | | | | | | | |
|--|-----------------------------|-----|----------------------|---------------|-----|----------------------|-------------------------|-----|----------------------|---------------|-----|----------------------|
| | Secundário / pós-secundário | | | | | | Superior | | | | | |
| | Agricultura / Florestal | | | Não Agrícola | | | Agricultura / Florestal | | | Não Agrícola | | |
| | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) (%) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) (%) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) (%) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) (%) |
| Estimativas da população residente (2009) | | | | | | | | | | | | |
| Portugal | - | - | - | 1 324 717 (b) | 12 | 44 | - | - | - | 1 008 233 (c) | 9 | 85 |
| População agrícola familiar | | | | | | | | | | | | |
| Portugal | 2 208 | 0 | -50 | 67 086 | 8 | -7 | 4 354 | 1 | -11 | 47 548 | 6 | 20 |
| Continente | 2 109 | 0 | -51 | 59 560 | 8 | -8 | 4 177 | 1 | -12 | 43 840 | 6 | 17 |
| EDM | 345 | 0 | -58 | 11 612 | 8 | 3 | 531 | 0 | -5 | 8 026 | 5 | 22 |
| TM | 335 | 0 | -58 | 12 705 | 8 | 8 | 781 | 1 | 1 | 11 165 | 7 | 49 |
| BL | 179 | 0 | -71 | 10 977 | 8 | -25 | 383 | 0 | -29 | 6 976 | 5 | -6 |
| BI | 201 | 0 | -50 | 6 400 | 8 | 0 | 416 | 1 | -13 | 5 124 | 7 | 15 |
| RO | 422 | 0 | -50 | 8 316 | 9 | -27 | 689 | 1 | -27 | 5 148 | 5 | -5 |
| ALE | 591 | 1 | -19 | 6 998 | 10 | 9 | 1 227 | 2 | 0 | 5 601 | 8 | 28 |
| ALG | 36 | 0 | -72 | 2 552 | 9 | -19 | 150 | 1 | -29 | 1 800 | 6 | 13 |
| Açores | 70 | 0 | -13 | 3 759 | 9 | -9 | 132 | 0 | -22 | 1 590 | 4 | 13 |
| Madeira | 29 | 0 | 142 | 3 767 | 9 | 41 | 45 | 0 | 165 | 2 118 | 5 | 104 |

(a) contempla indivíduos com idade inferior a 10 anos

(b) o nível de instrução Secundário não se encontra desagregado em Agricultura/Florestal e Não Agrícola

(c) o nível de instrução Superior não se encontra desagregado em Agricultura/Florestal e Não Agrícola

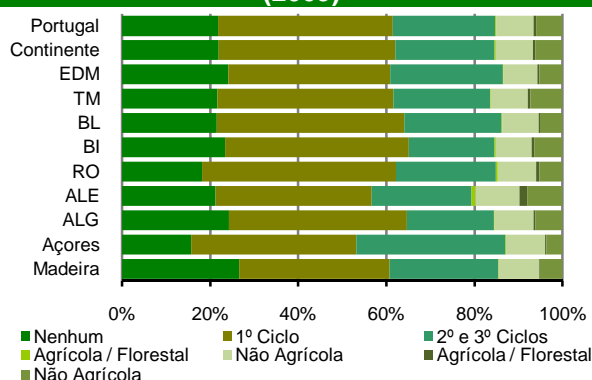
O nível de instrução da população agrícola familiar continua a ser deficitário, uma vez que 40% dos indivíduos apenas frequentaram o 1º ciclo e 22% não possuem qualquer nível de instrução. Apesar destes indicadores, registaram-se melhorias significativas, pois a taxa de analfabetismo baixou 7 pp. e a frequência do ensino secundário e superior aumentou 3 pp.

Regionalmente não se observam grandes diferenças no nível de instrução da população agrícola familiar, destacando-se apenas os Açores por apresentarem, associada à maior juventude, a melhor taxa de alfabetização, pois apenas 16% dos indivíduos não possuem nenhum nível de instrução. A Madeira, ainda com baixa taxa de frequência escolar, registou grandes melhorias.

A população agrícola familiar é mais velha e menos instruída do que a população residente em geral. De facto, em Portugal 18% dos indivíduos têm 65 ou mais anos, enquanto no meio rural essa percentagem sobe para os 33%. Por oposição, 41% dos indivíduos têm menos de 35 anos, descendo para 23% quando se considera apenas a população agrícola.

Figura 6.8

Estrutura do nível de instrução da população agrícola familiar, por região (2009)



O nível de instrução está obviamente muito relacionado com a idade, sendo também por esse motivo mais deficitário na população agrícola, como se comprova pela menor frequência escolar dos níveis de instrução superiores.

6.1.2. Caracterização do produtor agrícola singular

Figura 6.9

| Produtor agrícola singular, segundo o género e as classes etárias, por região (variação 1999-2009) | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---------|--------------------------------|----------|---------|--------------------------------|-----------------|---------|----------------|---------|----------------|---------|------------|---------|--------------------------------|---------|----|-----|
| Regiões | Total | | Mulheres | | | Classes etárias | | | | | | | | | | | |
| | Nº Ind. | Var. (1999- 2009) (%) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999- 2009) (%) | < 35 anos | | 35 a < 45 anos | | 45 a < 65 anos | | >= 65 anos | | | | | |
| | | | | | | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999- 2009) (%) | | | |
| Portugal | 297 381 | -27 | 92 870 | 31 | -2 | 6 845 | 2 | -60 | 22 961 | 8 | -51 | 125 658 | 42 | -34 | 141 917 | 48 | -8 |
| Continente | 270 507 | -28 | 84 313 | 31 | -3 | 5 327 | 2 | -62 | 19 076 | 7 | -54 | 112 932 | 42 | -36 | 133 172 | 49 | -7 |
| EDM | 47 933 | -28 | 21 200 | 44 | -7 | 1 170 | 2 | -62 | 4 363 | 9 | -51 | 22 236 | 46 | -32 | 20 164 | 42 | -8 |
| TM | 60 979 | -12 | 20 524 | 34 | 29 | 1 394 | 2 | -52 | 4 677 | 8 | -44 | 26 056 | 43 | -18 | 28 852 | 47 | 10 |
| BL | 48 761 | -38 | 16 187 | 33 | -18 | 540 | 1 | -78 | 2 882 | 6 | -68 | 22 363 | 46 | -46 | 22 976 | 47 | -12 |
| BI | 33 324 | -30 | 9 901 | 30 | -5 | 448 | 1 | -61 | 1 647 | 5 | -61 | 12 050 | 36 | -39 | 19 179 | 58 | -16 |
| RO | 38 065 | -36 | 6 930 | 18 | -19 | 808 | 2 | -68 | 2 662 | 7 | -56 | 15 369 | 40 | -46 | 19 226 | 51 | -15 |
| ALE | 29 292 | -15 | 6 544 | 22 | 12 | 818 | 3 | -48 | 2 332 | 8 | -35 | 10 956 | 37 | -24 | 15 186 | 52 | 2 |
| ALG | 12 153 | -35 | 3 027 | 25 | -10 | 149 | 1 | -64 | 513 | 4 | -57 | 3 902 | 32 | -49 | 7 589 | 62 | -19 |
| Açores | 13 360 | -30 | 2 161 | 16 | -11 | 1 085 | 8 | -52 | 2 265 | 17 | -42 | 6 797 | 51 | -17 | 3 213 | 24 | -31 |
| Madeira | 13 514 | -5 | 6 396 | 47 | 7 | 433 | 3 | -27 | 1 620 | 12 | 11 | 5 929 | 44 | -3 | 5 532 | 41 | -9 |

Os produtores agrícolas continuam a ser maioritariamente homens, embora as mulheres já representem cerca de 1/3, mais 8 pp. do que 1999. Regionalmente a importância das mulheres produtoras agrícolas é muito distinta, variando entre os 16% nos Açores e os 47% na Madeira.

A média de idades dos produtores agrícolas ronda os 63 anos, mais 11 anos do que a da população agrícola em geral. A análise da estrutura etária dos produtores agrícolas revela que apenas 2% têm menos de 35 anos e quase metade (48%) ultrapassam os 65 anos.

Figura 6.10

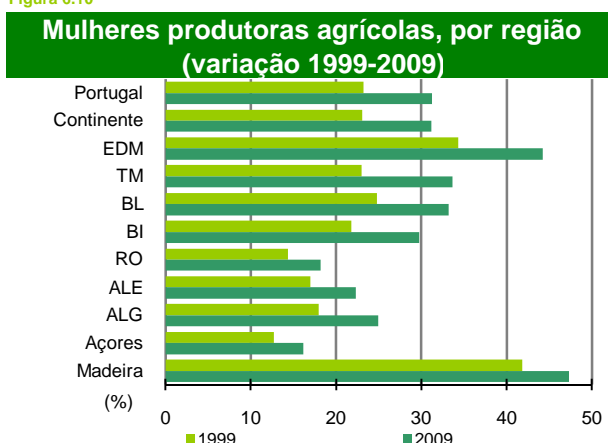
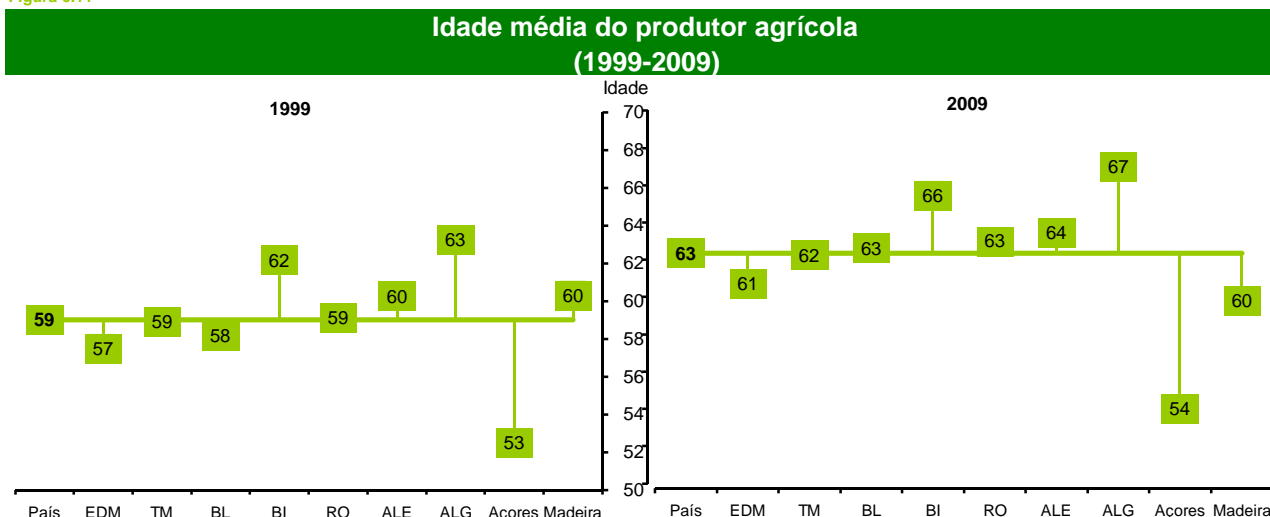


Figura 6.11



Desde 1999 os produtores agrícolas envelheceram em média 4 anos, verificando-se um aumento da importância relativa das faixas etárias mais idosas, com os produtores com 65 ou mais anos a aumentarem 10 pp.

Com exceção da Madeira, a tendência para o envelhecimento dos produtores agrícolas é generalizada, sendo mais acentuada na Beira Litoral.

Produtor agrícola: responsável jurídico e económico da exploração, isto é, a pessoa física ou moral por conta e em nome da qual a exploração produz, retira os benefícios e suporta as perdas eventuais, tomando as decisões de fundo relativas ao sistema de produção, investimentos, empréstimos, etc.

Produtor singular: produtor agrícola enquanto pessoa física, englobando o produtor autónomo e o produtor empresário. Excluem-se as entidades colectivas tais como: sociedades, cooperativas, Estado, etc.

Figura 6.12

Produtor agrícola singular, segundo o nível de instrução, por região (variação 1999-2009)

| Regiões | Total | | Nível de Instrução | | | | | | | | | | | |
|------------|---------|------------------|--------------------|-----|------------------|----------|------------------|----------------|--------|------------------|-----|--|------------------|--|
| | | | Nenhum | | | Básico | | | | | | | | |
| | Nº Ind. | Var. (1999-2009) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) | 1º Ciclo | | 2º e 3º Ciclos | | | | | | |
| | | | | | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) | | | Var. (1999-2009) | |
| Portugal | 297 381 | -27 | 65 691 | 22 | -53 | 155 844 | 52 | -25 | 50 312 | 17 | 23 | | | |
| Continente | 270 507 | -26 | 60 040 | 22 | -54 | 142 218 | 53 | -26 | 44 550 | 16 | 22 | | | |
| EDM | 47 933 | -28 | 12 184 | 25 | -52 | 24 918 | 52 | -25 | 7 674 | 16 | 36 | | | |
| TM | 60 979 | -12 | 13 661 | 22 | -44 | 30 871 | 51 | -9 | 10 292 | 17 | 46 | | | |
| BL | 48 761 | -38 | 9 803 | 20 | -59 | 28 580 | 59 | -37 | 7 696 | 16 | 5 | | | |
| BI | 33 324 | -30 | 8 441 | 25 | -55 | 17 311 | 52 | -25 | 4 675 | 14 | 19 | | | |
| RO | 38 065 | -36 | 6 280 | 16 | -65 | 21 584 | 57 | -33 | 6 985 | 18 | 3 | | | |
| ALE | 29 292 | -15 | 6 386 | 22 | -45 | 12 994 | 44 | -15 | 5 454 | 19 | 29 | | | |
| ALG | 12 153 | -35 | 3 285 | 27 | -55 | 5 960 | 49 | -31 | 1 774 | 15 | 8 | | | |
| Açores | 13 360 | -30 | 1 434 | 11 | -67 | 7 198 | 54 | -31 | 3 739 | 28 | 13 | | | |
| Madeira | 13 514 | -5 | 4 217 | 31 | -39 | 6 428 | 48 | 4 | 2 023 | 15 | 126 | | | |

| Regiões | Nível de Instrução | | | | | | | | | | | |
|------------|-----------------------------|-----|------------------|--------------|-----|------------------|----------------------|-----|------------------|--------------|-----|------------------|
| | Secundário / pós-secundário | | | | | | Superior | | | | | |
| | Agrícola / Florestal | | | Não Agrícola | | | Agrícola / Florestal | | | Não Agrícola | | |
| | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) | Nº Ind. | (%) | Var. (1999-2009) |
| Portugal | 849 | 0 | -6 | 11 597 | 4 | 44 | 2 089 | 1 | 6 | 10 999 | 4 | 31 |
| Continente | 816 | 0 | -8 | 10 545 | 4 | 44 | 2 006 | 1 | 7 | 10 332 | 4 | 29 |
| EDM | 84 | 0 | -17 | 1 350 | 3 | 45 | 210 | 0 | 29 | 1 513 | 3 | 23 |
| TM | 163 | 0 | -9 | 2 544 | 4 | 95 | 380 | 1 | 31 | 3 068 | 5 | 57 |
| BL | 47 | 0 | -36 | 1 357 | 3 | 29 | 151 | 0 | -6 | 1 127 | 2 | 10 |
| BI | 65 | 0 | -21 | 1 288 | 4 | 53 | 193 | 1 | 12 | 1 351 | 4 | 27 |
| RO | 157 | 0 | -18 | 1 658 | 4 | 9 | 345 | 1 | -11 | 1 056 | 3 | -3 |
| ALE | 277 | 1 | 27 | 1 781 | 6 | 55 | 652 | 2 | 7 | 1 748 | 6 | 44 |
| ALG | 23 | 0 | -45 | 567 | 5 | 5 | 75 | 1 | -22 | 469 | 4 | 13 |
| Açores | 23 | 0 | 130 | 589 | 4 | 12 | 60 | 0 | -35 | 317 | 2 | -2 |
| Madeira | 10 | 0 | 233 | 463 | 3 | 189 | 23 | 0 | 188 | 350 | 3 | 272 |

Tal como acontece com a população agrícola familiar, também o nível de instrução do produtor é baixo, existindo 22% de indivíduos sem qualquer nível de instrução, sendo que a maioria somente possui o 1º ciclo. Em contrapartida, só 8% dos produtores agrícolas completaram o ensino secundário ou pós secundário e destes apenas metade concluíram o ensino superior.

Contudo, na última década verificou-se um progresso, pois o número de produtores sem qualquer nível de instrução decresceu significativamente, enquanto o número de indivíduos com habilitações literárias aumentou a sua importância relativa em função do maior grau de instrução.

Figura 6.13

Produtor agrícola singular, segundo as classes etárias, por nível de instrução (2009)

| Sexo e nível de instrução | Total | | Classes etárias | | | | | | | | | | | |
|---------------------------|---------|-----|-----------------|-----|--------------|----------------|-----|--------------|----------------|-----|--------------|-----------|-----|--------------|
| | | | < 35 anos | | | 35 a < 45 anos | | | 45 a < 65 anos | | | ≥ 65 anos | | |
| | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | No total (%) | Nº Ind. | (%) | No total (%) | Nº Ind. | (%) | No total (%) | Nº Ind. | (%) | No total (%) |
| Total | 297 381 | 100 | 6 845 | 100 | 2 | 22 961 | 100 | 8 | 125 658 | 100 | 42 | 141 917 | 100 | 48 |
| Homens | 204 511 | 69 | 4 946 | 72 | 2 | 15 258 | 66 | 7 | 83 207 | 66 | 41 | 101 100 | 71 | 49 |
| Mulheres | 92 870 | 31 | 1 899 | 28 | 2 | 7 703 | 34 | 8 | 42 451 | 34 | 46 | 40 817 | 29 | 44 |
| Nível de instrução | | | | | | | | | | | | | | |
| Nenhum | 65 691 | 22 | 79 | 1 | 0 | 591 | 3 | 1 | 9 635 | 8 | 15 | 55 386 | 39 | 84 |
| Básico | 206 156 | 69 | 4 358 | 64 | 2 | 18 058 | 79 | 9 | 103 197 | 82 | 50 | 80 543 | 57 | 39 |
| Secundário/Pós-secundário | 12 446 | 4 | 1 427 | 21 | 11 | 2 458 | 11 | 20 | 6 301 | 5 | 51 | 2 260 | 2 | 18 |
| Superior | 13 088 | 4 | 981 | 14 | 7 | 1 854 | 8 | 14 | 6 525 | 5 | 50 | 3 728 | 3 | 28 |

Nos produtores com menos de 35 anos praticamente não existe analfabetismo e mais de 1/3 completaram o ensino secundário ou superior. Em contrapartida, o

analfabetismo nos produtores com mais de 65 anos é uma realidade ainda muito presente, sendo muito pouco expressivo o número de indivíduos com formação superior.

6.1.3. Tempo de actividade agrícola

Figura 6.14

| População agrícola familiar, por classes de tempo de actividade na exploração (2009) | | | | | | | | | | | |
|--|---------|-----|----------|-----|--------------|---------|-----|--------------|----------------|-----|--------------|
| Tempo de actividade na exploração | Total | | Produtor | | | Cônjuge | | | Outros membros | | |
| | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | No total (%) | Nº Ind. | (%) | No total (%) | Nº Ind. | % | No total (%) |
| Total | 793 169 | 100 | 297 381 | 100 | 37 | 228 751 | 100 | 29 | 267 037 | 100 | 34 |
| Sem Actividade | 135 338 | 17 | - | - | - | 26 704 | 12 | 20 | 108 634 | 41 | 80 |
| Com Actividade | 657 831 | 83 | 297 381 | 100 | 45 | 202 047 | 88 | 31 | 158 403 | 59 | 24 |
| >0 a < 50% | 411 759 | 52 | 151 241 | 51 | 37 | 126 207 | 55 | 31 | 134 311 | 50 | 33 |
| 50 a < 100% | 144 547 | 18 | 82 994 | 28 | 57 | 47 137 | 21 | 33 | 14 416 | 5 | 10 |
| Tempo completo | 101 525 | 13 | 63 146 | 21 | 62 | 28 703 | 13 | 28 | 9 676 | 4 | 10 |

A população agrícola familiar que trabalha na exploração corresponde a 83% dos indivíduos, contribuindo os produtores agrícolas singulares com 45%, os seus cônjuges com 31% e os outros membros da família com 24%. Por definição, todos os produtores agrícolas têm tempo de actividade na exploração, nem que seja em tarefas de gestão. No entanto, apenas 21% dos produtores declararam trabalhar a tempo completo e mais de metade afirmaram ocupar menos de 50% do tempo de trabalho na exploração.

A maioria dos cônjuges do produtor despende menos de metade do seu tempo de trabalho na agricultura, sendo que a tempo completo apenas trabalham 13%. Relativamente aos outros membros da família, somente 4% trabalham a tempo completo, enquanto 41% não exercem qualquer actividade na exploração agrícola. De referir, no entanto, que desde 1999 a mão-de-obra agrícola familiar que trabalha a tempo completo aumentou a sua importância relativa em 4 pp.

Figura 6.15

| Volume médio de trabalho da população agrícola familiar e do produtor, por região (2009) | | | | | | |
|--|--------------------|---------|----------|----------|---------|----------|
| Regiões | Total ¹ | | | Produtor | | |
| | Nº Ind. | UTA | UTA/Ind. | Nº Ind. | UTA | UTA/Ind. |
| Portugal | 793 169 | 294 415 | 0,37 | 297 381 | 160 354 | 0,54 |
| Continente | 709 928 | 272 783 | 0,38 | 270 507 | 147 342 | 0,54 |
| EDM | 150 588 | 70 348 | 0,47 | 47 933 | 34 818 | 0,73 |
| TM | 151 529 | 56 740 | 0,37 | 60 979 | 30 836 | 0,51 |
| BL | 134 174 | 58 888 | 0,44 | 48 761 | 30 561 | 0,63 |
| BI | 78 470 | 29 459 | 0,38 | 33 324 | 16 238 | 0,49 |
| RO | 96 111 | 31 174 | 0,32 | 38 065 | 18 373 | 0,48 |
| ALE | 69 849 | 17 252 | 0,25 | 29 292 | 11 204 | 0,38 |
| ALG | 29 207 | 8 924 | 0,31 | 12 153 | 5 314 | 0,44 |
| Açores | 42 481 | 9 187 | 0,22 | 13 360 | 6 099 | 0,46 |
| Madeira | 40 760 | 12 445 | 0,31 | 13 514 | 6 913 | 0,51 |

¹ Inclui todos os indivíduos da população agrícola familiar quer trabalhem ou não na exploração.

Cada indivíduo da população agrícola familiar trabalha em média 0,37 UTA, o que corresponde a cerca de 15 horas por semana. O tempo de trabalho do produtor agrícola é superior, rondando em média as 0,54 UTA, ou seja, 22 horas por semana.

O tempo de trabalho agrícola por indivíduo apresenta grandes discrepâncias regionais, originadas quer pelas diferentes necessidades de mão-de-obra dos vários sistemas produtivos quer pela variabilidade da dimensão das explorações, sendo a eficiência do trabalho manifestamente superior nas maiores explorações.

Desta forma, a mão-de-obra agrícola familiar regista uma maior actividade em Entre Douro e Minho, onde cada indivíduo trabalha em média 0,47 UTA, seguindo-se a Beira Litoral com 0,44 UTA. De facto, estas regiões aliam à predominância da pequena dimensão sistemas produtivos muito exigentes em mão-de-obra, como sejam a pecuária intensiva, a viticultura, etc.

Unidade de Trabalho Ano (UTA): unidade de medida equivalente ao trabalho de uma pessoa a tempo completo realizado num ano medido em horas (1 UTA = 225 dias de trabalho a 8 horas por dia).

6.1.4. Actividade remunerada exterior à exploração

Figura 6.16

População agrícola familiar com actividade remunerada exterior à exploração, por região (2009)

| Regiões | Total | | | Produtor | | | Cónjuge | | | Outros membros | | |
|-------------------|---------------|---------------------------------|-----|---------------|---------------------------------|-----|---------------|---------------------------------|-----|----------------|---------------------------------|-----|
| | Nº total Ind. | Nº Ind. com actividade exterior | (%) | Nº total Ind. | Nº Ind. com actividade exterior | (%) | Nº total Ind. | Nº Ind. com actividade exterior | (%) | Nº total Ind. | Nº Ind. com actividade exterior | (%) |
| Portugal | 793 169 | 234 949 | 30 | 297 381 | 76 756 | 26 | 228 751 | 62 572 | 27 | 267 037 | 95 621 | 36 |
| Continente | 709 928 | 206 562 | 29 | 270 507 | 67 384 | 25 | 208 981 | 55 353 | 26 | 230 440 | 83 825 | 36 |
| EDM | 150 588 | 44 059 | 29 | 47 933 | 9 471 | 20 | 37 955 | 10 097 | 27 | 64 700 | 24 491 | 38 |
| TM | 151 529 | 40 592 | 27 | 60 979 | 15 775 | 26 | 45 367 | 11 972 | 26 | 45 183 | 12 845 | 28 |
| BL | 134 174 | 40 393 | 30 | 48 761 | 12 386 | 25 | 40 944 | 10 931 | 27 | 44 469 | 17 076 | 38 |
| BI | 78 470 | 22 336 | 28 | 33 324 | 7 688 | 23 | 24 691 | 6 191 | 25 | 20 455 | 8 457 | 41 |
| RO | 96 111 | 29 459 | 31 | 38 065 | 10 780 | 28 | 30 181 | 7 642 | 25 | 27 865 | 11 037 | 40 |
| ALE | 69 849 | 21 324 | 31 | 29 292 | 8 405 | 29 | 21 103 | 6 451 | 31 | 19 454 | 6 468 | 33 |
| ALG | 29 207 | 8 399 | 29 | 12 153 | 2 879 | 24 | 8 740 | 2 069 | 24 | 8 314 | 3 451 | 42 |
| Açores | 42 481 | 13 832 | 33 | 13 360 | 4 951 | 37 | 10 771 | 3 878 | 36 | 18 350 | 5 003 | 27 |
| Madeira | 40 760 | 14 555 | 36 | 13 514 | 4 421 | 33 | 8 999 | 3 341 | 37 | 18 247 | 6 793 | 37 |

Para complementarem o rendimento da actividade agrícola da exploração, quase 1/3 dos indivíduos exercem outra actividade remunerada não relacionada com a exploração, quer como trabalhadores por conta de outrem, quer como empresários. Apesar de não existir uma grande variabilidade regional, existe um conjunto de motivações de âmbito local, como sejam a dinâmica sócio-económica, as alternativas à actividade agrícola, o empreendedorismo, o tipo de produção, a dimensão média e a respectiva viabilidade económica das explorações, etc., que certamente influenciam a

existência de outras actividades remuneradas complementares ao rendimento agrícola. Desta forma, é no interior do país, mais concretamente em Trás-os-Montes e na Beira Interior, onde as alternativas profissionais e empresariais são mais escassas, que as actividades remuneradas exteriores à exploração assumem menor expressão. Por outro lado, a reduzida dimensão das explorações na Madeira obriga a que uma maior percentagem da população agrícola procure complementar o seu rendimento com outras actividades não relacionadas com a exploração.

6.1.5. Origem do rendimento do agregado doméstico do produtor

Figura 6.17

Origem do rendimento do agregado doméstico do produtor, por região (2009)

| Regiões | Exclusivamente da actividade da exploração | | Principalmente da actividade da exploração | | Principalmente de origem exterior à exploração | |
|-------------------|--|-----|--|-----|--|-----|
| | Nº Expl. | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº Expl. | (%) |
| Portugal | 17 221 | 6 | 31 602 | 11 | 248 558 | 84 |
| Continente | 15 132 | 6 | 27 455 | 10 | 227 920 | 84 |
| EDM | 2 631 | 5 | 5 671 | 12 | 39 631 | 83 |
| TM | 4 276 | 7 | 6 820 | 11 | 49 883 | 82 |
| BL | 2 060 | 4 | 4 383 | 9 | 42 318 | 87 |
| BI | 1 256 | 4 | 2 021 | 6 | 30 047 | 90 |
| RO | 2 683 | 7 | 3 368 | 9 | 32 014 | 84 |
| ALE | 1 777 | 6 | 4 122 | 14 | 23 393 | 80 |
| ALG | 449 | 4 | 1 070 | 9 | 10 634 | 88 |
| Açores | 1 588 | 12 | 2 333 | 17 | 9 439 | 71 |
| Madeira | 501 | 4 | 1 814 | 13 | 11 199 | 83 |

A análise da origem do rendimento do agregado doméstico do produtor agrícola singular revela que apenas 6% declararam obter os seus rendimentos exclusivamente da actividade da exploração agrícola. Por oposição, em 84% dos agregados domésticos do produtor o rendimento provém maioritariamente de origem exterior à exploração, sendo apontada como principal fonte as pensões e reformas, seguindo-se os salários dos sectores terciário e secundário.

Regionalmente observam-se diferenças, registando-se nos Açores a maior percentagem de agregados que obtêm os rendimentos exclusivamente da exploração agrícola (12%), em contraste com a Madeira, onde a sua importância não ultrapassa os 4%.

Figura 6.18

Origem do rendimento do agregado doméstico do produtor exterior à exploração¹ (2009)

| Origem do rendimento exterior à exploração | Exclusivamente da exploração | | Principalmente da exploração | | Principalmente de origem exterior | | Total (%) |
|--|------------------------------|----------|------------------------------|-----------|-----------------------------------|-----------|------------|
| | Nº Expl. | (%) | Nº Expl. | (%) | Nº Expl. | (%) | |
| Exploração Agrícola | 17 221 | 6 | 31 602 | 11 | 248 558 | 84 | 100 |
| Salários do sector primário | - | - | 2 368 | 1 | 15 161 | 5 | 6 |
| Salários do sector secundário | - | - | 4 177 | 1 | 36 273 | 12 | 14 |
| Salários do sector terciário | - | - | 6 683 | 2 | 58 482 | 20 | 22 |
| Actividade empresarial | - | - | 1 824 | 1 | 19 664 | 7 | 7 |
| Pensões e reformas | - | - | 18 126 | 6 | 171 161 | 58 | 64 |
| Outras origens | - | - | 2 465 | 1 | 14 260 | 5 | 6 |

¹ Cada agregado doméstico do produtor pode ter várias origens do rendimento exterior à exploração

Quase 2/3 dos agregados domésticos do produtor recebem pensões ou reformas, enquanto que apenas 7% complementam o seu rendimento agrícola com uma actividade empresarial.

A dependência das pensões e reformas no complemento do rendimento está obviamente relacionada com a idade da população, assumindo maior importância no Algarve, onde 73% dos agregados recebem este tipo de rendimento, e menor relevância nos Açores (41%).

6.1.6. Continuidade da exploração

Figura 6.19

Produtores singulares que prevêem continuar com actividade agrícola nos próximos 2 anos (2009)

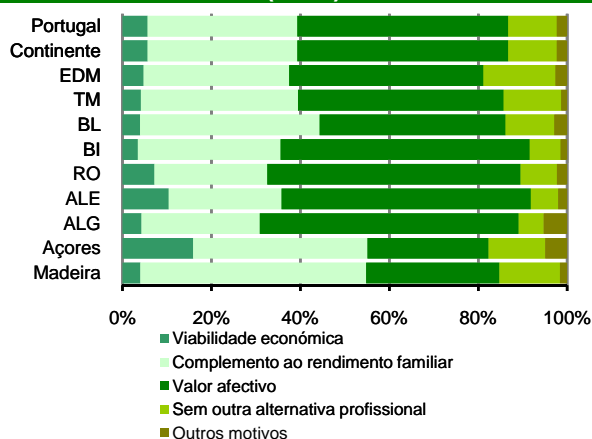
| Regiões | Nº Ind. | No total (%) |
|-------------------|----------------|--------------|
| Portugal | 286 108 | 96 |
| Continente | 259 914 | 96 |
| EDM | 46 117 | 96 |
| TM | 59 145 | 97 |
| BL | 46 704 | 96 |
| BI | 32 377 | 97 |
| RO | 35 708 | 94 |
| ALE | 28 150 | 96 |
| ALG | 11 713 | 96 |
| Açores | 12 829 | 96 |
| Madeira | 13 365 | 99 |

A grande maioria dos produtores agrícolas singulares prevê continuar a sua actividade nos próximos dois anos. De facto, e apesar de em 10 anos cerca de 27% dos agricultores terem cessado actividade, do envelhecimento das populações rurais e do desânimo presente nalguns sectores da agricultura, 96% dos produtores declararam ter a intenção de manter em actividade a exploração agrícola.

As principais razões apontadas para a continuidade da actividade agrícola são o valor afectivo (47%), o complemento ao rendimento familiar (34%) e a ausência de alternativas profissionais (11%), sendo a viabilidade económica referida por apenas 6% dos agricultores. Esta motivação realça a importância da vertente social da agricultura e, de um modo geral, o reconhecimento, por parte da grande maioria dos agricultores, da fraca viabilidade económica desta actividade.

Figura 6.20

Principal motivo para a continuidade da exploração (2009)



Os Açores destacam-se como a região onde mais produtores declararam manter a actividade agrícola devido à sua viabilidade económica (16%), seguindo-se o Alentejo (10%) e o Ribatejo e Oeste (7%). Em contrapartida, apenas 3% dos produtores singulares da Beira Interior apresentam a viabilidade económica da exploração como o principal motivo para a continuação da actividade agrícola.

6.1.7. Perfil tipo do produtor agrícola

Em síntese o produtor agrícola tipo é homem, tem 63 anos, apenas completou o 1º ciclo do ensino básico, tem formação agrícola exclusivamente prática e trabalha nas actividades agrícolas da exploração cerca de 22 horas por semana. O seu agregado familiar é constituído por menos de 3 indivíduos e o rendimento provém maioritariamente de pensões e reformas.

Nos últimos 10 anos o perfil do produtor agrícola registou alterações importantes:

- Embora o peso relativo das mulheres tenha aumentado 8 pp., estas representam apenas 1/3 dos produtores agrícolas;
- Os produtores agrícolas envelheceram em média 4 anos;
- O número de produtores com níveis completos de ensino superiores ao 1º ciclo subiu de 15% para 25%. Apesar desta melhoria, mais de metade dos produtores agrícolas apenas completou o 1º ciclo do ensino básico (52%);
- Também na formação agrícola se assistiu a uma ligeira melhoria, confirmada pelo aumento do número de produtores que frequentaram cursos de formação profissional relacionados com a actividade agrícola. No entanto, a esmagadora maioria dos produtores possui apenas formação agrícola exclusivamente prática (89%);
- Aproximadamente 1/5 dos produtores trabalha a tempo inteiro nas actividades agrícolas da exploração, o que representa um aumento de 5 pp.;
- Apenas 6% dos produtores obtêm o rendimento exclusivamente da actividade da sua exploração agrícola (menos 2 pp. do que em 1999), enquanto 84% declara que o seu rendimento é formado maioritariamente por outras origens (mais 14 pp. do que em 1999). De referir ainda que 64% dos produtores agrícolas declaram receber pensões e reformas.

6.2. Mão-de-obra agrícola não familiar

6.2.1. Trabalhadores permanentes

Figura 6.21

| Trabalhadores permanentes ¹ , segundo o tempo de actividade, por região (2009) | | | | | | | | | | |
|---|---------|-----|--------|----------|---------------|-----|-------------|-----|----------------|-----|
| Regiões | Total | | | | Tempo parcial | | | | Tempo completo | |
| | Nº Ind. | (%) | UTA | Nº Expl. | > 0 a < 50% | | 50 a < 100% | | Nº Ind. | (%) |
| | | | | | Nº Ind. | (%) | Nº Ind. | (%) | | |
| Portugal | 50 245 | 100 | 41 369 | 16 342 | 9 546 | 19 | 7 027 | 14 | 33 672 | 67 |
| Continente | 47 218 | 94 | 38 960 | 14 941 | 8 881 | 19 | 6 613 | 14 | 31 724 | 67 |
| EDM | 6 843 | 14 | 5 127 | 3 007 | 1 881 | 27 | 1 061 | 16 | 3 901 | 57 |
| TM | 6 161 | 12 | 4 641 | 2 194 | 1 564 | 25 | 1 457 | 24 | 3 140 | 51 |
| BL | 4 800 | 10 | 4 075 | 1 248 | 731 | 15 | 764 | 16 | 3 305 | 69 |
| BI | 2 153 | 4 | 1 699 | 930 | 479 | 22 | 363 | 17 | 1 311 | 61 |
| RO | 11 589 | 23 | 10 268 | 2 751 | 1 385 | 12 | 1 158 | 10 | 9 046 | 78 |
| ALE | 13 747 | 27 | 11 440 | 4 273 | 2 616 | 19 | 1 563 | 11 | 9 568 | 70 |
| ALG | 1 925 | 4 | 1 710 | 538 | 225 | 12 | 247 | 13 | 1 453 | 75 |
| Açores | 1 955 | 4 | 1 636 | 964 | 353 | 18 | 179 | 9 | 1 423 | 73 |
| Madeira | 1 072 | 2 | 773 | 437 | 312 | 29 | 235 | 22 | 525 | 49 |

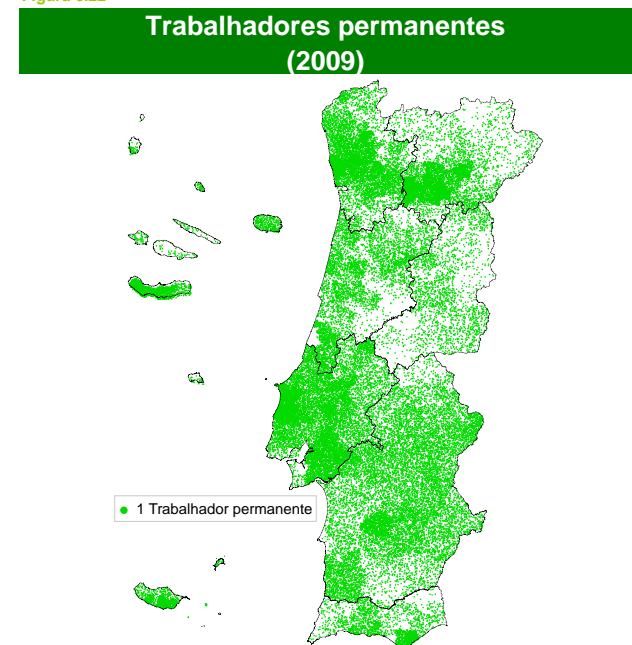
¹ Inclui o dirigente assalariado do produtor singular e todos os dirigentes das outras naturezas jurídicas (sociedade, baldio, Estado e pessoas públicas ou outras entidades).

A mão-de-obra agrícola não familiar é composta pelos trabalhadores permanentes e eventuais, bem como pela mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor. Os trabalhadores permanentes, isto é, os assalariados que trabalham com regularidade na exploração, correspondem a cerca de 50 mil indivíduos que contribuem com 11% do total do volume de trabalho agrícola.

O recurso à mão-de-obra agrícola permanente é utilizado por apenas 5% das explorações agrícolas. Mais de 2/3 dos trabalhadores permanentes trabalham a tempo completo (225 dias ou 1 800 horas/ano ou 40 horas por semana), 14% trabalham mais de 50% do tempo completo e os restantes 19%, ocupam menos de metade do tempo trabalho completo. A mão-de-obra assalariada assume maior importância no Ribatejo e Oeste e no Alentejo, onde se concentram metade dos trabalhadores permanentes.

Trabalhadores permanentes: assalariado que trabalha com regularidade na exploração ao longo do ano agrícola, isto é, todos os dias, alguns dias por semana ou alguns dias por mês.

Figura 6.22



Dirigente da exploração: pessoa responsável pela gestão corrente e quotidiana da exploração agrícola e que tem nela obrigatoriamente uma ocupação regular. Entende-se por gestão quotidiana da exploração a tomada de decisões dia a dia, respeitantes aos trabalhos a realizar na exploração e às operações sem grande repercussão económica, no andamento da exploração.

Figura 6.23

| Explorações, UTA, VPPT, SAU e CN por classes de UTA dos trabalhadores permanentes por exploração (2009) | | | | | | | | | | |
|---|---------|-----|---------------------------------|-----|-------------------|-----|-----------|-----|-----------|-----|
| Classes de UTA dos trabalhadores permanentes por exploração | Nº Expl | (%) | Trabalhadores permanentes (UTA) | | VPPT (1000 euros) | | SAU (ha) | | CN | |
| | | | (%) | (%) | (%) | (%) | (%) | (%) | | |
| Total | 305 266 | 100 | 41 369 | 100 | 4 639 739 | 100 | 3 668 145 | 100 | 2 205 950 | 100 |
| > 0 a < 1 UTA por exploração | 5 110 | 2 | 2 056 | 5 | 172 033 | 4 | 266 694 | 7 | 55 817 | 3 |
| De 1 a < 2 UTA por exploração | 7 612 | 2 | 11 477 | 28 | 726 735 | 16 | 750 797 | 20 | 382 615 | 17 |
| > 3 UTA por exploração | 3 620 | 1 | 27 836 | 67 | 1 359 330 | 29 | 830 629 | 23 | 842 096 | 38 |

O recurso à mão-de-obra assalariada está muito concentrado nas explorações de grande dimensão, como se comprova pelo facto de 50% do VPPT agrícola e da SAU, bem como 58% das CN, pertencerem aos 5% de explorações que contratam trabalhadores permanentes.

A concentração dos trabalhadores permanentes é ainda mais evidenciada pela análise das 3 620 explorações que recorrem a mais de 3 UTA. De facto, este reduzido número de unidades produtivas mais exigentes em mão-de-obra assalariada concentram 67% das UTA, geram 29% do VPPT agrícola, exploram praticamente 1/4 da SAU e produzem mais de 1/3 das CN.

Figura 6.24

| Explorações, UTA e Nº de trabalhadores permanentes por natureza jurídica (2009) | | | | | | | | | | |
|---|----------|---------------------------|--------------|-----|--------|-----|---------|-----|-----------|--|
| Natureza jurídica | Nº Expl. | Trabalhadores permanentes | | | | | | | | |
| | | Nº Expl. | No total (%) | (%) | UTA | (%) | Nº Ind. | (%) | UTA/Expl. | |
| Total | 305 266 | 16 342 | 5 | 100 | 41 369 | 100 | 50 245 | 100 | 3 | |
| Produtor singular | 297 381 | 8 457 | 3 | 52 | 12 752 | 31 | 16 479 | 33 | 2 | |
| Sociedade | 6 776 | 6 776 | 100 | 41 | 25 864 | 63 | 30 066 | 60 | 4 | |
| Outras formas | 1 109 | 1 109 | 100 | 7 | 2 753 | 7 | 3 700 | 7 | 2 | |

As sociedades agrícolas, que por definição recorrem sempre à mão-de-obra assalariada, contratam 60% dos trabalhadores permanentes, o que corresponde em média a praticamente 4 UTA por sociedade.

Em contrapartida o recurso à mão-de-obra assalariada permanente é efectuado por apenas 3% dos produtores singulares.

Figura 6.25

| Repartição das UTA e explorações com trabalhadores permanentes, por OTE (2009) | | | | | | | | | | |
|--|----------|---------------------------|-----|--------|--------------|-----|------|-----------|--|--|
| OTE | Nº Expl. | Trabalhadores permanentes | | | | | | | | |
| | | UTA | | | Explorações | | | UTA/Expl. | | |
| | | Nº | (%) | Nº | No total (%) | (%) | | | | |
| Total | 305 266 | 41 369 | 100 | 16 342 | 5 | 100 | 2,53 | | | |
| Explorações especializadas | 203 547 | 35 690 | 86 | 13 931 | 7 | 85 | 2,56 | | | |
| Culturas arvenses | 28 256 | 3 175 | 8 | 1 888 | 7 | 12 | 1,68 | | | |
| Das quais: Horticultura extensiva | 2 238 | 838 | 2 | 292 | 13 | 2 | 2,87 | | | |
| Horticultura intensiva e floricultura | 8 788 | 6 225 | 15 | 1 071 | 12 | 7 | 5,81 | | | |
| Das quais: Em estufa/abrigo alto | 1 541 | 2 824 | 7 | 462 | 30 | 3 | 6,11 | | | |
| Culturas permanentes | 111 530 | 11 855 | 29 | 5 768 | 5 | 35 | 2,06 | | | |
| Das quais: Vinha | 36 472 | 7 036 | 17 | 2 921 | 8 | 18 | 2,41 | | | |
| Frutos frescos, casca rija e citrinos | 26 841 | 2 834 | 7 | 1 512 | 6 | 9 | 1,87 | | | |
| Olival | 25 957 | 914 | 2 | 733 | 3 | 4 | 1,25 | | | |
| Herbívoros | 47 860 | 9 462 | 23 | 4 437 | 9 | 27 | 2,13 | | | |
| Dos quais: Bovinos de leite | 7 920 | 3 080 | 7 | 1 352 | 17 | 8 | 2,28 | | | |
| Bovinos de carne | 16 261 | 3 837 | 9 | 1 816 | 11 | 11 | 2,11 | | | |
| Bovinos de leite e carne | 1 220 | 217 | 1 | 69 | 6 | 0 | 3,15 | | | |
| Ovinos, caprinos e diversos herbívoros | 22 459 | 2 328 | 6 | 1 200 | 5 | 7 | 1,94 | | | |
| Granívoros | 7 113 | 4 973 | 12 | 767 | 11 | 5 | 6,48 | | | |
| Dos quais: Suínos | 2 116 | 2 422 | 6 | 401 | 19 | 2 | 6,04 | | | |
| Aves | 1 689 | 2 359 | 6 | 293 | 17 | 2 | 8,05 | | | |
| Explorações mistas ou combinadas: | 99 010 | 5 582 | 13 | 2 288 | 2 | 14 | 2,44 | | | |
| Policultura | 31 571 | 1 998 | 5 | 859 | 3 | 5 | 2,33 | | | |
| Polipequária | 16 233 | 643 | 2 | 286 | 2 | 2 | 2,25 | | | |
| Mistas de culturas e criação de gado | 51 206 | 2 941 | 7 | 1 143 | 2 | 7 | 2,57 | | | |
| Explorações não classificadas | 2 709 | 98 | 0 | 123 | 5 | 1 | 0,79 | | | |

A utilização da mão-de-obra permanente assalariada está relacionada com a especialização da OTE, sendo a produção de horticultura intensiva em estufa/abrigo baixo a actividade que mais recorre à mão-de-obra contratada. Efectivamente quase 1/3 das explorações especializadas em horticultura em estufa contratam trabalhadores permanentes, valor superior ao observado na produção especializada de suínos

(19%), de aves (17%) e de bovinos de leite (17%). Embora as explorações especializadas recorram com maior frequência à contratação de mão-de-obra assalariada, existem excepções, como é o caso da olivicultura, e mesmo da fruticultura, em que o recurso aos trabalhadores permanentes é marginal e semelhante ao verificado nas explorações de produções combinadas.

6.2.2. Mão-de-obra eventual e não contratada directamente pelo produtor

Figura 6.26

Mão-de-obra eventual e não contratada directamente pelo produtor, por região (2009)

| Regiões | Mão-de-obra eventual | | | | | Mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor | | | | |
|-------------------|----------------------|-----|----------|-----|--------------|---|-----|----------|-----|--------------|
| | UTA | (%) | Nº Expl. | (%) | No total (%) | UTA | (%) | Nº Expl. | (%) | No total (%) |
| Portugal | 27 621 | 100 | 109 420 | 100 | 36 | 3 989 | 100 | 159 690 | 100 | 52 |
| Continente | 26 000 | 94 | 98 329 | 90 | 35 | 3 759 | 94 | 150 952 | 95 | 54 |
| EDM | 2 929 | 11 | 18 306 | 17 | 37 | 354 | 9 | 31 579 | 20 | 64 |
| TM | 7 219 | 26 | 30 354 | 28 | 49 | 731 | 18 | 35 120 | 22 | 57 |
| BL | 2 271 | 8 | 14 259 | 13 | 29 | 268 | 7 | 25 874 | 16 | 52 |
| BI | 2 215 | 8 | 11 275 | 10 | 33 | 179 | 4 | 18 423 | 12 | 55 |
| RO | 5 570 | 20 | 11 635 | 11 | 29 | 256 | 6 | 15 205 | 10 | 38 |
| ALE | 5 186 | 19 | 10 418 | 10 | 33 | 1 780 | 45 | 18 758 | 12 | 59 |
| ALG | 610 | 2 | 2 082 | 2 | 17 | 189 | 5 | 5 993 | 4 | 48 |
| Açores | 589 | 2 | 3 556 | 3 | 26 | 120 | 3 | 7 095 | 4 | 52 |
| Madeira | 1 032 | 4 | 7 535 | 7 | 55 | 110 | 3 | 1 643 | 1 | 12 |

O recurso à contratação de mão-de-obra eventual, isto é, assalariados que trabalham ocasionalmente ou sazonalmente na exploração, é efectuado por 36% das explorações, enquanto 52% recorrem à mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor, ou seja, contratam serviços a terceiros.

Trabalhador eventual: pessoa que prestou trabalho na exploração durante o ano agrícola de forma irregular, sem carácter de continuidade.

Regionalmente, constata-se que a utilização de mão-de-obra eventual tem maior expressão na Madeira, onde 55% das explorações recorrem a esta prática, seguindo-se Trás-os-Montes (49%) e Entre Douro e Minho (37%). No Ribatejo e Oeste e no Alentejo, embora o recurso à mão-de-obra eventual seja efectuado por um menor número de explorações, o volume de mão-de-obra contratada é bastante elevado.

A mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor assume maior expressão em Trás-os-Montes e no Alentejo.

6.3. Volume de mão-de-obra agrícola

Figura 6.27

Mão-de-obra agrícola em UTA, por região (2009)

| Regiões | Total de Mão-de-obra | | Mão-de-obra familiar | | | | | | | | | Mão-de-obra não familiar | | | | | | | |
|-------------------|----------------------|-----|----------------------|-----|----------|-----|---------|-----|----------------|-----|--------|--------------------------|---------------------------|-----|-------------------------|-----|--|-----|--|
| | | | Total | | Produtor | | Cônjuge | | Outros membros | | Total | | Trabalhadores permanentes | | Trabalhadores eventuais | | Não contratados directamente pelo produtor | | |
| | UTA | (%) | UTA | (%) | UTA | (%) | UTA | (%) | UTA | (%) | UTA | (%) | UTA | (%) | UTA | (%) | UTA | (%) | |
| Portugal | 367 393 | 100 | 294 415 | 80 | 160 354 | 44 | 90 170 | 25 | 43 891 | 12 | 72 978 | 20 | 41 369 | 11 | 27 621 | 8 | 3 989 | 1 | |
| Continente | 341 502 | 93 | 272 783 | 80 | 147 342 | 43 | 85 775 | 25 | 39 666 | 12 | 68 718 | 20 | 38 960 | 11 | 26 000 | 8 | 3 759 | 1 | |
| EDM | 78 758 | 21 | 70 348 | 89 | 34 818 | 44 | 21 934 | 28 | 13 596 | 17 | 8 410 | 11 | 5 127 | 7 | 2 929 | 4 | 354 | 0 | |
| TM | 69 330 | 19 | 56 740 | 82 | 30 836 | 44 | 18 077 | 26 | 7 827 | 11 | 12 591 | 18 | 4 641 | 7 | 7 219 | 10 | 731 | 1 | |
| BL | 65 502 | 18 | 58 888 | 90 | 30 561 | 47 | 21 076 | 32 | 7 251 | 11 | 6 614 | 10 | 4 075 | 6 | 2 271 | 3 | 268 | 0 | |
| BI | 33 552 | 9 | 29 459 | 88 | 16 238 | 48 | 9 620 | 29 | 3 601 | 11 | 4 093 | 12 | 1 699 | 5 | 2 215 | 7 | 179 | 1 | |
| RO | 47 269 | 13 | 31 174 | 66 | 18 373 | 39 | 8 817 | 19 | 3 985 | 8 | 16 095 | 34 | 10 268 | 22 | 5 570 | 12 | 256 | 1 | |
| ALE | 35 659 | 10 | 17 252 | 48 | 11 204 | 31 | 3 864 | 11 | 2 184 | 6 | 18 407 | 52 | 11 440 | 32 | 5 186 | 15 | 1 780 | 5 | |
| ALG | 11 432 | 3 | 8 924 | 78 | 5 314 | 46 | 2 388 | 21 | 1 222 | 11 | 2 509 | 22 | 1 710 | 15 | 610 | 5 | 189 | 2 | |
| Açores | 11 532 | 3 | 9 187 | 80 | 6 099 | 53 | 1 427 | 12 | 1 661 | 14 | 2 345 | 20 | 1 636 | 14 | 589 | 5 | 120 | 1 | |
| Madeira | 14 360 | 4 | 12 445 | 87 | 6 913 | 48 | 2 968 | 21 | 2 564 | 18 | 1 915 | 13 | 773 | 5 | 1 032 | 7 | 110 | 1 | |

A mão-de-obra agrícola baseia-se essencialmente na estrutura familiar, dado que 4/5 do trabalho agrícola assenta na população agrícola familiar, contribuindo o produtor com mais de metade do volume de trabalho.

De facto, a mão-de-obra agrícola não familiar, onde se incluem os trabalhadores permanentes e eventuais, contribui com apenas 20% do volume de trabalho agrícola, sendo o contributo da mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor muito pouco expressivo.

Mão-de-obra familiar: pessoas pertencentes ao agregado doméstico do produtor que trabalham na exploração, bem como os membros da família do produtor que não pertencendo ao seu agregado doméstico trabalham regularmente na exploração.

Mão-de-obra não familiar: pessoas remuneradas pela exploração e ocupadas nos trabalhos agrícolas da exploração que não sejam nem o produtor nem membros da sua família.

Mão-de-obra não contratada directamente pelo produtor: pessoas não contratadas directamente pelo produtor que efectuem trabalho agrícola na exploração, fazendo-o por conta própria ou por conta de terceiros (caso de cooperativas ou empresas de trabalho à tarefa).

As regiões que utilizam maiores volumes de trabalho são o Entre Douro e Minho (21%), Trás-os-Montes (19%) e a Beira Litoral (18%), sendo simultaneamente as que apresentam as explorações de menor dimensão.

No Alentejo, em virtude da maior dimensão média das explorações, o peso da mão-de-obra assalariada é superior ao da mão-de-obra agrícola familiar. Embora de forma menos acentuada, também no Ribatejo e Oeste a mão-de-obra assalariada apresenta uma importância significativa (34%), resultado do peso das OTE muito especializadas e exigentes em mão-de-obra, nomeadamente dos granívoros e da horticultura.

Figura 6.26

Composição da mão-de-obra agrícola em UTA, por região (2009)

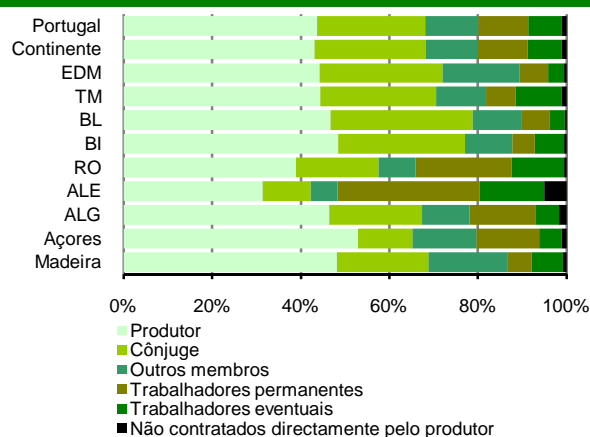


Figura 6.29

Indicadores laborais, por classes de SAU (2009)

| Classes de SAU e Natureza Jurídica das explorações | UTA | UTA média por exploração | UTA média por SAU | VPPT médio por UTA | Classes de UTA | | | | |
|--|----------------|--------------------------|-------------------|--------------------|----------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| | | | | | > 0 a <0,5 | 0,5 a < 1 | 1 a < 1,5 | 1,5 a < 3 | >= 3 |
| | | | | | Nº Expl. | | | | |
| Total | 367 393 | 1,2 | 10 | 12,6 | 74 400 | 72 404 | 71 428 | 76 121 | 10 913 |
| < 1 ha | 61 032 | 0,9 | 174 | 3,6 | 21 258 | 18 204 | 14 379 | 11 442 | 743 |
| 1 a < 5 ha | 177 546 | 1,1 | 49 | 4,6 | 40 612 | 39 959 | 39 314 | 42 382 | 2 632 |
| 5 a < 20 ha | 71 473 | 1,4 | 15 | 15,4 | 9 811 | 11 111 | 12 531 | 15 591 | 3 102 |
| 20 a < 50 ha | 23 766 | 2,0 | 7 | 28,3 | 1 574 | 1 909 | 2 951 | 3 686 | 1 615 |
| >= 50 ha | 33 577 | 3,2 | 1 | 45,6 | 1 145 | 1 221 | 2 253 | 3 020 | 2 821 |
| Produtor singular | 330 375 | 1,1 | 13 | 9,4 | 73 343 | 71 821 | 70 443 | 74 211 | 7 563 |
| Sociedade | 33 953 | 5,0 | 3 | 43,7 | 578 | 472 | 873 | 1 755 | 3 098 |
| Outras formas | 3 065 | 2,8 | 2 | 20,0 | 479 | 111 | 112 | 155 | 252 |

O tempo de trabalho por exploração está obviamente relacionado com a respectiva dimensão, sendo inferior a uma UTA nas explorações com menos de 1 hectare e ultrapassando as 3 UTA nas explorações com 50 ou mais hectares.

Por outro lado, o tempo de trabalho necessário para explorar 100 hectares de SAU é inversamente proporcional à dimensão da exploração, sendo necessária apenas uma UTA nas explorações com mais de 50 hectares, enquanto nas explorações com menos de 1 hectare, em consequência da baixa eficiência do trabalho, são necessárias em média 174 UTA.

Figura 6.30

Classes de UTA, por classes de SAU (2009)

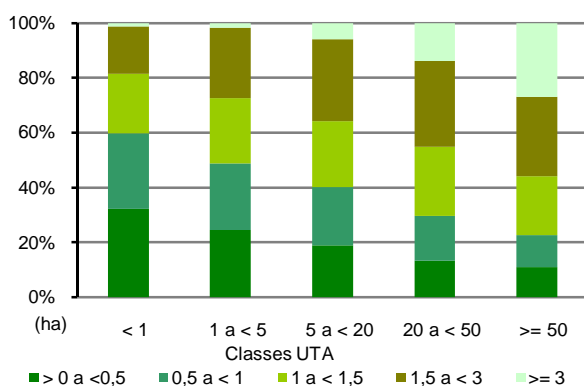
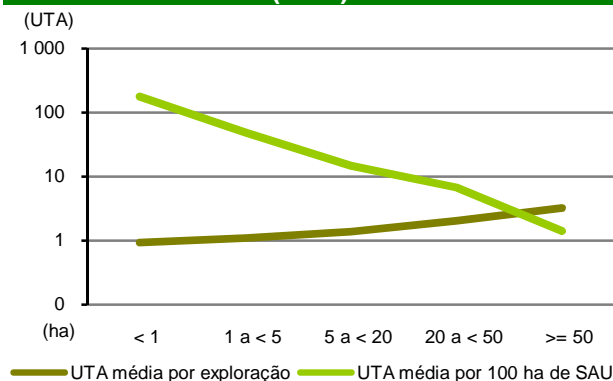


Figura 6.31

UTA por exploração e por SAU, segundo as classes de SAU (2009)



A SAU por exploração não é o único factor que determina as necessidades de mão-de-obra, estando estas também muito dependentes do tipo de sistema produtivo. Como já foi referido, determinadas produções hortícolas e outras dirigidas à pecuária intensiva, nomeadamente a produção especializada de granívoros e de bovinos, são muito exigentes em *input* de trabalho e, no entanto, exploram pequenas áreas. Este facto é demonstrado pela existência de explorações com elevado volume de trabalho (mais de 3 UTA) e de pequena dimensão (menos de 1 hectare de SAU).

A produtividade do trabalho, considerada como o rácio entre o VPPT e a UTA, é em média de 12,6 mil euros por UTA. Este indicador está obviamente muito dependente da dimensão da exploração, sendo de apenas 3,6 mil euros por UTA nas explorações com menos de 1 hectare, ao invés nas explorações com mais de 50 hectares cada UTA gera em média 45,6 mil euros.

Como tem vindo a ser demonstrado as empresas agrícolas constituem uma realidade muito distinta das explorações agrícolas de gestão familiar. A análise dos indicadores laborais reforça ainda mais estas divergências uma vez que:

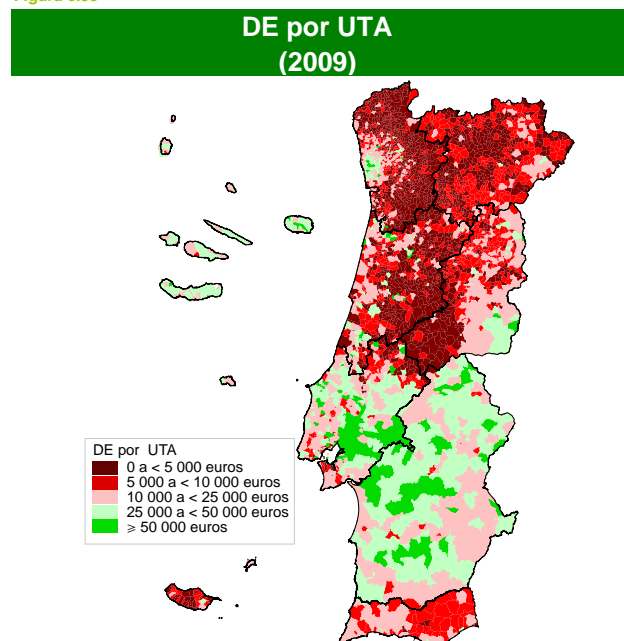
- Recorrem em média a 4,5 vezes mais mão-de-obra do que as explorações familiares;
- Apresentam uma eficiência do trabalho superior, uma vez que para explorarem 100 hectares de SAU são necessárias apenas 3 UTA, consideravelmente menos do que as 13 UTA necessárias nas explorações familiares;
- A produtividade é quase 5 vezes superior, gerando cada UTA em média um VPPT de 43,7 mil euros.

Figura 6.32

| Indicadores laborais, por região (variação 1999-2009) | | | | | | | | | | |
|--|--------------------------|------|----------------------|--------------------------|------|----------------------|-------------------|-------|----------------------|--------------------|
| Regiões | SAU média por exploração | | | UTA média por exploração | | | UTA média por SAU | | | VPPT médio por UTA |
| | 1999 | 2009 | Variação (1999-2009) | 1999 | 2009 | Variação (1999-2009) | 1999 | 2009 | Variação (1999-2009) | 2009 |
| | (ha)/Expl. | | (%) | UTA/Expl. | | (%) | UTA/100 ha | | (%) | 1000 euros/UTA |
| Portugal | 9,3 | 12,0 | 29 | 1,3 | 1,2 | -5 | 13,6 | 10,0 | -26 | 12,6 |
| Continente | 9,8 | 12,7 | 30 | 1,3 | 1,2 | -6 | 13,3 | 9,6 | -28 | 12,3 |
| EDM | 3,2 | 4,3 | 35 | 1,8 | 1,6 | -11 | 56,8 | 37,3 | -34 | 7,0 |
| TM | 6,5 | 7,0 | 7 | 1,2 | 1,1 | -4 | 17,8 | 16,0 | -10 | 5,5 |
| BL | 2,1 | 2,5 | 19 | 1,3 | 1,3 | -2 | 63,3 | 52,2 | -18 | 8,7 |
| BI | 8,7 | 10,0 | 15 | 1,0 | 1,0 | -2 | 11,7 | 10,0 | -15 | 8,6 |
| RO | 7,3 | 9,8 | 35 | 1,2 | 1,2 | -3 | 16,9 | 12,1 | -28 | 26,7 |
| ALE | 53,6 | 61,5 | 15 | 1,2 | 1,1 | -9 | 2,3 | 1,8 | -21 | 29,2 |
| ALG | 5,4 | 7,1 | 33 | 0,9 | 0,9 | 3 | 16,6 | 12,9 | -22 | 10,6 |
| Açores | 6,3 | 8,9 | 41 | 0,8 | 0,9 | 6 | 12,7 | 9,6 | -25 | 30,4 |
| Madeira | 0,4 | 0,4 | 3 | 0,9 | 1,1 | 16 | 233,0 | 264,5 | 14 | 5,6 |

Nos dez anos em análise, aliado ao aumento da dimensão média da SAU por exploração, registou-se um decréscimo do volume de trabalho por exploração, determinado pela melhoria da eficiência de trabalho expressa nas UTA necessárias para explorar 100 hectares de SAU. De facto, e com excepção da Madeira, assistiu-se à diminuição da UTA por 100 hectares de SAU em 26%, passando de 13,6 para 10 UTA por 100 hectares de SAU. Para esta tendência contribuiu não apenas o redimensionamento das explorações, mas também a reorientação de alguns sistemas produtivos de pecuária para a extensificação, comprovada pela diminuição do efectivo de herbívoros e pelo aumento das superfícies forrageiras.

Figura 6.33



O aumento dos índices de mecanização, nomeadamente das explorações com tractor e do número de tractores por 100 hectares de SAU que aumentaram a sua importância relativa em 15 pp., é também um factor determinante na melhoria dos indicadores laborais.

Regionalmente, os Açores destacam-se pela elevada produtividade alcançada, 30,4 mil euros por UTA, quase duas vezes e meia superior à média nacional, seguindo-se o Alentejo (29,2 mil euros por UTA) e o Ribatejo e Oeste (26,7 mil euros por UTA). De referir que, se por um lado os elevados níveis de produtividade do Alentejo estão associados a sistemas extensivos, com remunerações razoáveis e pouco exigentes em mão-de-obra, já nos Açores estão obviamente associados à produção especializada de bovinos (leite e carne).

Figura 6.34

SAU por exploração e UTA por SAU, segundo a região (2009)

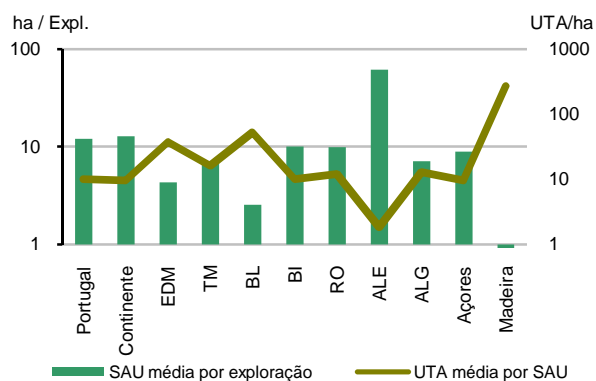
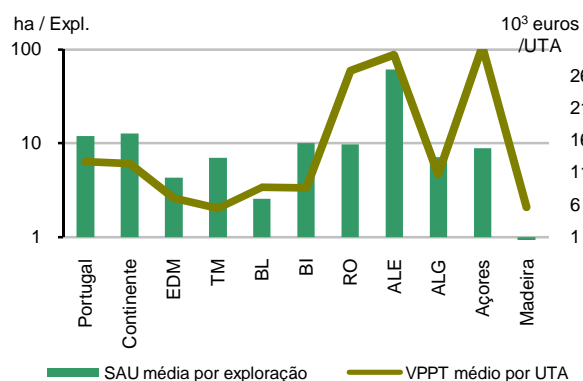


Figura 6.35

SAU por exploração e VPPT por UTA, segundo a região (2009)



6.4. Actividades não agrícolas da exploração

Apenas 4% das explorações desenvolvem actividades lucrativas não agrícolas, designadamente o turismo rural, o artesanato, a transformação de produtos agrícolas, a produção florestal, a prestação de serviços, a produção de energias renováveis, etc.

Figura 6.36

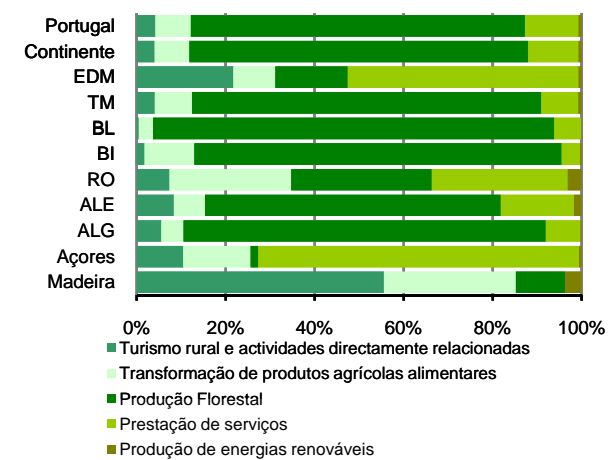
| Actividades lucrativas não agrícolas da exploração, por região (2009) | | | |
|---|----------|-----|--------------|
| Regiões | Nº Expl. | (%) | No total (%) |
| Portugal | 15 284 | 100 | 5 |
| Continente | 15 045 | 98 | 5 |
| EDM | 738 | 5 | 2 |
| TM | 2 273 | 15 | 4 |
| BL | 5 319 | 35 | 11 |
| BI | 2 441 | 16 | 7 |
| RO | 904 | 6 | 2 |
| ALE | 1 776 | 12 | 6 |
| ALG | 1 594 | 10 | 13 |
| Açores | 207 | 1 | 2 |
| Madeira | 32 | 0 | 0 |

Na Beira Litoral concentram-se 35% das explorações que desenvolvem actividades não agrícolas, representando 11% das unidades produtivas da região. Por oposição, nas Regiões Autónomas, estas actividades não suscitam grande interesse, sendo residual o número de explorações com pluriactividade.

A produção florestal, com recurso à mão-de-obra, maquinaria e equipamento da exploração é uma actividade presente em 3,6% das explorações, enquanto que a transformação de matérias-primas

Figura 6.37

Principais actividades lucrativas não agrícolas da exploração, por região (2009)



agrícolas em produtos alimentares para venda (ex.: vinho sempre que as uvas sejam maioritariamente adquiridas, queijos, enchidos, etc.) é praticada por 0,4% das explorações.

Existem cerca de 600 explorações agrícolas, metade das quais em Entre Douro e Minho e no Alentejo, que utilizam as instalações e os recursos agrícolas como enquadramento à actividade do turismo rural.

De referir ainda que, o recurso ao aproveitamento das energias renováveis para utilização na exploração agrícola (eólica, biomassa, solar, etc.) é ainda residual.

Sabia que:

- No Vimioso 72% da população vive no agregado familiar dos produtores agrícolas;
- O município de Mira perdeu praticamente 2/3 da população rural nos últimos dez anos, em contrapartida a população agrícola familiar de Serpa aumentou 1%;
- Na Madeira quase metade dos produtores agrícolas são mulheres mas em Porto Santo estas não ultrapassam os 4%;
- No município de Caminha 3/4 dos produtores agrícolas são mulheres;
- Em São Brás de Alportel os produtores têm em média 70 anos e em Santa Cruz das Flores são 20 anos mais novos;
- Montemor-o-Novo apresenta a maior percentagem de produtores com habilitações ao nível do ensino superior;
- A Póvoa do Varzim é o município onde mais produtores agrícolas (27%) declararam viver exclusivamente da actividade da exploração e por essa razão são os que mais trabalham a tempo completo na exploração (83%);
- No Nordeste Alentejano (Alter do Chão, Castelo de Vide, Crato, Marvão, Nisa e Portalegre) a percentagem de produtores agrícolas que trabalha a tempo completo na exploração é insignificante;
- Em Ferreira do Alentejo 86% do trabalho agrícola é realizado por assalariados, recorrendo em média cada exploração a 3 UTA, enquanto que em Penacova praticamente não existe contratação de mão-de-obra agrícola;
- Odemira e Torres Vedras, devido à importância da horticultura intensiva, são os municípios com mais assalariados agrícolas;
- Em Benavente cada UTA gera em média um VPPT agrícola de 64,8 mil euros, enquanto que em Pedrógão Grande esse valor não ultrapassa os 1,5 mil euros;
- Em Castro Verde são necessárias apenas 0,8 UTA para explorar 100 hectares de SAU, em contrapartida na Ribeira Brava para cultivar a mesma superfície são indispensáveis 324 UTA.